



Cadernos de Psicanálise - SPCRJ
Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

Tempo e Psicanálise



SPCRJ – Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

CNPJ 42.132.233/0001-98

Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ.

CEP 22470-030 – Tel./Fax (21) 2239-9848 / 2512-2265

secretaria@spcrj.org.br; www.spcrj.org.br

Biblioteca: biblio@spcrj.org.br

Cadernos de Psicanálise / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro -
v. 1, n. 1 (1982). – Rio de Janeiro: A Sociedade, 1982 –
v. 26, n. 29, 2010

Anual

O título não foi editado em: 1989, 1993 e 1997.

ISSN 0103-4251

1. Psicanálise – Periódicos. I. Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.

CDU 159.964.2 (05)

Bibliotecário: Renan Pereira Maranhão CRB-7/6054

Periódico indexado nas bases de dados:

* LILACS: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (BIREME)

* INDEX Psi Periódicos (BVS-Psi) – www.bvs-psi.org.br

* Psyc INFO American Psychological Association

Avaliação CAPES/ANPEPP 2008: Nacional B-2 – 60

DISPONÍVEL NAS BIBLIOTECAS DA REDE DE BIBLIOTECAS NA
ÁREA DE PSICOLOGIA-REBAP: www.bvs-psi.org.com.br/rebap

NOTA DA COMISSÃO EDITORIAL: A SPCRJ reconhece a importância de manter sua revista indexada nas bases de dados, bem como a necessidade de divulgação ampla do conhecimento. No entanto, é sua filosofia editorial preservar, promover e manter o diálogo analítico para um vivo exercício da Psicanálise. Assim a matéria publicada somente será disponibilizada em *mídia* eletrônica, no todo ou em parte, quando não comprometer o material clínico – matéria prima da construção teórico-técnica da Psicanálise - e mediante autorização expressa específica dos autores dos artigos publicados.



Cadernos de Psicanálise - SPCRJ
Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

Tempo e Psicanálise

v. 26, n. 29, 2010



ISSN 0103-4251

Cadernos de Psicanálise-SPCRJ	Rio de Janeiro	v.26	n.29	p.1-405	2010
-------------------------------	----------------	------	------	---------	------

Comissão Editorial

Carla Pepe Ribeiro de Souza, Eliane Segabinazi Moreira, Heloísa dos Reis Malheiro Máximo, Maria Helena Lara de Vasconcellos, Marilúcia Carneiro Rodrigues, Sílvia Maria de Souza, Suely Figueiredo Marques

Editora-Responsável

Marilúcia Carneiro Rodrigues

Conselho Consultivo

Alfredo Naffah Neto

Psicanalista; Prof. do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica / PUC SP

Ana Maria Rudge

Psicanalista/SPID; Prof^ª. Graduação e Pós-Grad. do Depto. de Psicologia/PUC-Rio; Pesquisadora/CNPq; Membro da Assoc. Univ. de Pesq. em Psicopatologia Fundamental

Bernardo Tanis

Psicanalista; Doutor em Psicol.Clinica /PUC-SP; Membro da SBPSP e dos Deptos. de Psicanálise e Psicanálise da Criança do Inst. Sedes Sapientiae; Diretor de Comunidade e Cultura da FEPAL

Daniel Kupermann

Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica/PUC-Rio; Doutor em Teoria Psicanalítica/UFRJ; Prof. do Depto. de Psicologia Clínica/USP

David Epelbaum Zimmerman

Médico Psiquiatra; Psicanalista, Membro Efetivo e Didata/SPPA; Psicoterapeuta de grupo. Ex-presidente da Sociedade de Psiquiatria/RS

Elizabete Zogbi Brick

Psicanalista, Membro efetivo/SPCRJ

Esther Perelberg Kullock

Psicanalista; Membro Titular e Supervisora/SPCRJ

Jeferson Machado Pinto

Psicanalista; Prof. do Depto. de Psicologia/UFMG; Prof. dos Programas de Pós-Grad. em Psicologia e Filosofia/UFMG

Karla Patrícia Holanda Martins

Psicanalista; Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ; Prof. Titular /UNIFOR-Ceará

Maria Inês Lamy

Psicanalista, Membro da Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP-ECF

Maria Sílvia G. Fernández Hanna

Psicanalista; Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ; Membro Aderente/EBP-RJ

Nahman Armony

Médico-psiquiatra; Membro Psicanalista/SPID e CPRJ; Membro/Federação Internacional das Sociedades Psicanalíticas; Doutor em Comunicação /UFRJ.

Nezva Prochet

Psicanalista; Membro Efetivo/CPRJ; Doutora em Psicologia Clínica/USP-SP

Rachel Sztajnberg

Psicanalista; Membro Efetivo e Supervisora/SPCRJ

Regina Helena Landim

Psicanalista; Membro Aderente e Supervisora/SPCRJ

Suely Figueiredo Marques

Psicanalista; Membro Efetivo e Supervisora/SPCRJ; Docente do Curso de Especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica/UGF



Conselho Diretor - Gestão 2008-2010

Presidente

Suely Figueiredo Marques (Turma L-1986)

Vice-Presidente

Maria Helena Lemos Mossé (Turma L-1986)

Secretária Administrativa

Cristiane Dib El-Khouri (Turma D1-2003)

Secretária de Finanças

Kátia Geluda (Turma C1-2002)

Secretária de Divulgação

Márcia Maria dos Anjos Azevedo (Turma E1-2004)

Diretora Técnica

Regina Helena Landim (1991)

Vice-Diretora Técnica

Rachel Sztajnberg (Turma E-1978)

Coordenadora da Comissão Científica e de Ensino (CCE)

Nêda Maria Braga de Matos (Turma L-1986)

Coordenadora da Comissão de Admissão e Acompanhamento (CAA)

Ana Cristina Moreira de Sousa Pinna (Turma S-1993)

Coordenadora da Comissão de Publicação e Biblioteca (CPB)

Maria Helena Lara de Vasconcelos (Turma B1-2001)

Coordenadora da Comissão Ética

Immacolata Tosto Oliveira (Turma I-1984)

Diretora Clínica

Anna Elisa R. Campello de Freitas Penalber (Turma R-1992)

Vice-Diretora Clínica

Maria da Conceição da Silva Garcia das Neves (Turma P-1990)

sumário



Editorial, 13-15

Tema em Debate – Tempo e Psicanálise

Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso, 19-34

Lídia Levy

Isabel Cristina Gomes

Trabalho e temporalidade, 35-69

José Newton Garcia de Araújo

O tempo e a invenção freudiana, 71-85

Maria Sílvia G. Fernández Hanna

Sobre a transitoriedade (noventa e dois anos e dez mil quilômetros depois), 87-151

Paulo Cesar Sandler

Janelas no tempo

Interritorialidade e a temporalidade da imagem em movimento, 155-164

Maurício Dias

Walter Riedweg

Segunda-feira de amigos, 165-169

Paulo César Nogueira Junqueira

Entrevista

Ferreira Gullar, 171-179

Comissão Editorial

Artigos

O enigma do tempo em sua dimensão paradoxal, 183-204

Alba Gomes Guerra

Glória Maria Monteiro de Carvalho

Tempos de excessos: questões sobre a temporalidade e individualismo na atualidade, 205-232

Cecília Freire Martins
Claudia Amorim Garcia

A temporalidade entre a certeza e a dúvida na filosofia e na psicanálise, 233-261

Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa

A velhice e a morte em tempos da medicalização da existência, 263-283

Hilda Pereira Rodrigues
Karla Patrícia Holanda Martins
Maria Celina Peixoto Lima

Tempo de criação, 285-308

Neyza Prochet

O tempo e a psicanálise, 309-334

Suelena Werneck Pereira

O tempo entre tempos, 335-362

Vera Maria da Costa Santos Tostes

Resenhas

Criança na psicanálise: clínica, instituição, laço social, 365-371

Ângela Vorcaro
Suely Marques

O tempo e o cão – a atualidade das depressões, 373-378

Maria Rita Khel
Paulo César Nogueira Junqueira

O animal agonizante, 379-383

Philip Roth
Luiz Felipe Nogueira de Faria

***Tempus fugit* (O tempo foge), 385-394**

Rubens Alves
Virgínia Heine

Normas para envio de artigos, 395-399

Alguns números anteriores, 401-402

Time of excesses: issues of temporal dimension and individualism in contemporary experience, 205-232

Cecília Freire Martins
Claudia Amorim Garcia

The temporality between certainty and doubt in philosophy and in psychoanalysis, 233-261

Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa

Aging and death in times of medicalization of existence, 263-283

Hilda Pereira Rodrigues
Karla Patrícia Holanda Martins
Maria Celina Peixoto Lima

Time of creation, 285-308

Neyza Prochet

Time and psychoanalysis, 309-334

Suelena Werneck Pereira

The time between times, 335-362

Vera Maria da Costa Santos Tostes

Reviews

The child in psychoanalysis: clinical care, institution, social bond 365-371

Ângela Vorcaro
Suely Marques

Time and the dog – depression nowadays, 373-378

Maria Rita Khel
Paulo Cesar Junqueira

The dying animal, 379-383

Philip Roth
Luiz Felipe Nogueira de Faria

Time escapes, 385-394

Rubens Alves
Virgínia Heine

Rules for submission of papers, 395-399

Some previous editions, 401-402

Editorial



Todo ano a edição dos Cadernos de Psicanálise-SPCRJ percorre um tema, apresentando questões atualizadas do nosso cotidiano. Para o ano de 2010, “debruçamo-nos” sobre um assunto instigante: “TEMPO E PSICANÁLISE”, com as suas diversas abordagens. Para tanto, acolhemos artigos criativos de autores convidados, com suas referências teóricas, cujas articulações não se propõem esgotar a temática, mas trazer à cena do debate as inúmeras faces do tempo e suas ressonâncias tão peculiares.

Na seção, **Tema em Debate**, a **SPCRJ** está representada por LÍDIA LEVY que, em companhia de ISABEL GOMES, aborda os “diferentes tempos de um encontro amoroso”, pelo viés dos casamentos e recasamento. Dentre os autores convidados, JOSÉ NEWTON DE ARAÚJO nos apresenta os conceitos de trabalho e temporalidade, recorrendo a algumas “categorias antropológicas”; MARIA SÍLVIA G. F. HANNA discorre sobre o uso do tempo a partir do inconsciente, com ênfase na experiência do *tempo lógico*; e ainda PAULO CESAR SANDLER nos convida, com elegância e erudição,

editorial

a passear pela concepção de tempo e de espaço, buscando, entre outras ciências, pontos de articulação com a concepção psicanalítica.

Na seção **Artigos**, importantes contribuições, em múltiplos vértices clínicos e teóricos estão representados numa pluralidade de pensamentos que suscitam fecundas reflexões. Aqui, várias questões psicanalíticas dialogam entre si: os tempos de excesso, tempo da velhice e da morte, a medicalização do indivíduo, o tempo como função inerente ao processo de subjetivação, dentre outras, igualmente interessantes.

Este ano, reunimos numa seção intitulada **Janelas no Tempo**, uma contribuição de dois importantes artistas plásticos DIAS & RIEDWEG cujo trabalho dialoga de forma harmoniosa com a psicanálise, quando tratam do “território entre cada um e o outro – o desconhecido território do desejo e do medo”... Prosseguindo, acolhemos um ensaio bastante reflexivo que vai encadeando uma série de pensamentos e lembranças do colega PAULO JUNQUEIRA, e, na seqüência, uma entrevista em completa sintonia com o nosso tema: FERREIRA GULLAR, um dos mais expressivos poetas brasileiros, que recentemente completou 80 anos mostrando que, para ele, a passagem do tempo só aguçou sua capacidade poética e literária (Na opinião de Carlos Dimuro - poeta e curador da exposição “Ferreira Gullar- este “não tem idade, tem versos” [...] e é acima de tudo, um poeta sem as amarras do tempo”).

Na seção **Resenhas**, apresentamos também alguns livros ímpares em instigantes resenhas. “*O tempo e o cão*” (Maria Rita Khel), apresentado por

Paulo Junqueira, “*A criança na psicanálise: clínica, instituição, laço social*”, (Ângela Vorcaro), por Sulely Marques, “*O animal agonizante*” (Philip Roth), resenhado por Luiz Felipe N. de Faria e, por último, “*Tempus Fugit*” (Rubem Alves), por Virgínia Heine.

Todo o esforço substancial de reunir, neste volume, as contribuições dos autores acima foi para pensarmos como a experiência singular do TEMPO, na ótica da psicanálise, nos constitui no “aqui-e-agora” e no *a posteriori*. São vias investigativas que nos ajudam a compreender a influência do TEMPO nas subjetividades contemporâneas.

Comissão Editorial



Tema em Debate – Tempo e Psicanálise

Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso
Marriages and remarriages: different times for a loving encounter

Lídia Levy
Isabel Cristina Gomes

Trabalho e temporalidade
Work and temporality
José Newton Garcia de Araújo

O tempo e a invenção freudiana
Time and Freud's invention
Maria Sílvia G. Fernández Hanna

Sobre a transitoriedade (noventa e dois anos e dez mil quilômetros depois)
On transience (Ninety two years and six thousand miles later)
Paulo Cesar Sandler

debate



Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso

Marriages and remarriages: different times for a loving encounter

Lídia Levy*
Isabel Cristina Gomes**

Resumo

A família nuclear, considerada até bem recentemente como a família padrão, convive hoje com uma complexidade de novas configurações. Neste artigo, a partir da análise de um caso clínico, discutiremos os encontros e desencontros que permeiam o laço amoroso, tomando o jogo instituído pelos cônjuges como uma metáfora dos tempos vividos nos casamentos e recasamentos.

* Doutora, Professora Assistente / Departamento de Psicologia / PUC-Rio, Psicanalista, Membro/SPCRJ e SPID.

** Livre-Docente, Professora Associada/ Departamento de Psicologia Clínica/ Instituto de Psicologia / Universidade de São Paulo.

Palavras-Chave: recasamento; relação conjugal; cônjuges; amor.

Abstract

The nuclear family, until recently considered to be the standard family, faces today a complexity of new settings. In this article based on the analysis of a clinical case, we will discuss the agreements and disagreements that permeate love bonds taking the dynamics between the spouses as a metaphor for the times lived in marriages and remarriages.

Keywords: remarriages; marital; spouses; love.



debate

Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso

Marriages and remarriages: different times for a loving encounter

Lídia Levy

Isabel Cristina Gomes

As rápidas transformações políticas, econômicas e sociais das últimas décadas provocaram significativas mudanças nos fundamentos do laço familiar. A família nuclear, ou seja, os pais morando junto com seus filhos, considerada até bem recentemente como a família padrão, convive hoje com novas configurações familiares. Observa-se que o crescente número de divórcios vem sendo acompanhado de um número, igualmente crescente, de famílias recompostas, aquelas em que ao menos um dos membros do casal possui filhos de relações anteriores.

No final do século XX, autores como Carter (1995) afirmavam a necessidade de criação de um novo paradigma, considerando que a noção de família nuclear não abarcava mais as famílias da contemporaneidade. A autora observava que os sujeitos,

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

após um primeiro casamento, ao tentarem reconstituir uma família, buscavam criá-la a partir dos moldes da família nuclear e acreditavam poder retomar suas expectativas originais quanto à conjugalidade e à parentalidade a partir da nova relação. A autora cita inclusive algumas situações nas quais, ao iniciar uma nova relação após a ruptura de um casamento, o sujeito propunha-se a excluir totalmente de sua vida a família anterior, oferecendo sua lealdade à nova família. Esperava-se, no segundo tempo, virar o jogo. Mas, de que jogo se trata?

A relação conjugal é por vezes comparada a uma arena na qual o mundo interno de cada um é reencenado, onde necessidades e ansiedades se expressam na expectativa de respostas e soluções. Considerando que todo encontro é sempre um reencontro, Freud (1910/1976) aponta para condições que orientam o sujeito em suas tentativas de reencontrar o objeto de desejo. Enquanto o desejo é uma busca repetitiva no sentido de evocar uma primeira percepção, o primeiro encontro mítico entre o sujeito e o objeto primordial, o amor organiza os objetos de desejo, sendo responsável pela ilusão de encontrar, na realidade, aquele que supostamente seria capaz de realizá-lo. Existe uma lógica na escolha do objeto de amor, uma vez que dentre uma multiplicidade de formas imaginárias, alguns traços são isolados e circunscrevem as condições que provocam sua escolha.

O desejo remete, portanto, ao objeto perdido e o amor constrói ilusões. Para Levy-Alvarenga (1996) cada membro do casal entra na relação conjugal com fantasias inconscientes a respeito do funcionamento da conjugalidade – fantasias e defesas

compartilhadas que possibilitam a tessitura de um laço através do qual pretendem responder às necessidades do outro, assim como ter as suas igualmente atendidas. A nova relação recebe a transposição imaginativa de instâncias parentais primárias e os laços são construídos na tentativa de reencontrar os bons objetos primordiais a que foi preciso renunciar no passado. O jogo já começa tributário de uma história.

Neste artigo, pretendemos ilustrar, por meio de um caso clínico, como as frustrações inerentes à ruptura de uma relação conjugal, com o conseqüente estilhaçamento das ilusões nela depositadas, pode ter reflexos em um recasamento. Como afirmamos anteriormente, o primeiro casamento é precedido de marcas que darão as coordenadas que orientarão os sujeitos em suas escolhas e expectativas. Estamos considerando o primeiro casamento como um “primeiro tempo” que, ao ser vivido como fracasso ou derrota, afeta o estabelecimento dos lugares a ser ocupados no segundo, principalmente quando se busca magicamente apagar o anterior. Ao negar a história anterior numa tentativa de evitar a dor decorrente da perda das ilusões e ao idealizar a nova relação, o sujeito aumenta a possibilidade de repetição. A partir desta leitura, o recasamento estará sendo tratado como o segundo ou terceiro tempo do mesmo jogo.

Um estudo de caso

Começaremos nosso relato por Marcos, 46 anos, dois filhos do primeiro casamento e uma filha

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

do segundo. Casa-se ainda muito jovem, 23 anos, com uma colega de movimento estudantil, quando militavam intensamente. A esposa era filha de um militar que impunha disciplina rígida à família. Portanto, como ansiavam por uma vida de maior liberdade, resolvem casar-se tão logo se formassem. Após 03 anos casados e dois filhos, ele já começava a despontar como profissional de carreira promissora. A esposa, assistente social, dividia-se entre o cuidado aos filhos pequenos e um trabalho de meio-período. Segundo Marcos, pouco tempo havia para a vida a dois. Muitos sonhos e desejos não puderam ser realizados e a rotina do dia a dia os foi afastando. As ideologias políticas ficaram no passado. A esposa passou a não o acompanhar em seu papel de executivo de multinacional, questionando a entrada dele na engrenagem capitalista, que tanto criticaram numa época anterior. Marcos sentia que aos poucos ia perdendo sua interlocutora, aquela amiga e companheira inteligente e perspicaz, que vibrava e sonhava os mesmos sonhos que ele. Ela o criticava pelas escolhas feitas, cobrava maior disponibilidade dele frente à divisão dos encargos domésticos e desperdiçava seu potencial num trabalho extenuante que a deixava esgotada e sem disposição para estar com ele, não mais o desejando sexualmente. Como resultado, o casal vai se distanciando e, concomitantemente, ele começa a se envolver com uma nova secretária que vem trabalhar na empresa.

Fernanda tem 30 anos, é inteligente e muito dinâmica. Vem de família muito simples, com forte desejo de ascensão social. Frequenta faculdade à noite e se mostra sempre com muita energia. Marcos

projeta em Fernanda e nesse novo romance a juventude perdida. O vigor do investimento amoroso/conjugal, a veneração dela pelos valores e características de vida assumidos por ele na maturidade, a disposição incondicional dela para satisfazer qualquer desejo dele, seja como parceira sexual ou como companheira para saídas de lazer ou a trabalho, vem confirmar sua certeza de que, neste segundo tempo lhe estava sendo dada uma nova chance de uma plena realização amorosa. Marcos ajudava financeiramente Fernanda em seus estudos e oferecia-lhe muitos presentes. Com isso, havia uma troca através da qual cada um propunha-se a preencher os espaços vazios do outro, a atender sua demanda.

Dessa forma, Fernanda entra na vida de Marcos sem que tenha ocorrido elaboração do fracasso do primeiro casamento. Não houve processo de luto, um tempo de metabolização de feridas narcísicas. O recasamento recebeu carga de idealização com a expectativa de que os ressentimentos gerados pela separação anterior fossem reparados neste recomeço, e com isso deixou em aberto a possibilidade de novo fracasso. Lemaire (2005) constata que alguns casais buscam desesperadamente manter as primeiras formas idealizadas de uma relação fusional. Diante de uma crise, os sujeitos de início tentam negá-la, evitando confrontar-se com possíveis decepções. Quando estas ocorrem, incapacitados de fazer o trabalho de luto, vivem a dor de uma ferida narcísica, e colocam em questão sua capacidade de ser amado, duvidam de seu próprio valor.

Marcos se separa da esposa quando seus filhos estão com 07 e 05 anos, indo morar com Fer-

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

nanda em seguida. Contudo, propõe-lhe um pacto: viverem apenas o conjugal. Ele explicita seu *não* desejo de mais filhos, e sente-se acolhido pela nova esposa. Vivem alguns anos em completa harmonia. Viagens, festas, noitadas, “transam” incessantemente. Marcos se torna empresário muito bem-sucedido, Fernanda desfruta com muito prazer de tudo o que ele lhe oferece e ajuda-o nos cuidados aos filhos, nos fins de semana em que estão com o pai.

O amor necessita que o objeto mítico seja encarnado em uma pessoa e provoque a ilusão de seu reencontro; portanto, toda escolha amorosa implica uma tentativa de encontrar a completude e suturar a falta por meio do semelhante. Um interjogo fantasmático ocorre quando um parceiro corporifica o fantasma do outro, apresentando-se como o objeto que causa seu desejo. Marcos acredita ter encontrado em Fernanda aquela que o reasseguraria narcisicamente.

Essa felicidade é interrompida quando Fernanda engravida “de forma inesperada”. Marcos sente-se duplamente traído, pela gravidez e pela recusa de abortar. Segundo Benghozi (2009), a traição é um ataque contra os laços, é uma violência que destrói a confiança, organizadora da aliança. Marcos esperava encontrar em Fernanda a mulher que o acompanharia em seu caminhar, que teria os mesmos projetos e sonhos, e, principalmente, que o considerasse suficiente para sua satisfação plena. Sendo assim, o desejo de filhos se configuraria como traição, um ataque ao pacto que pensava estar garantido com o recasamento. Para Marcos, uma ferida narcísica foi provocada por Fernanda, da mesma forma

como ocorrera quando de seu casamento anterior. A primeira esposa, igualmente, rompe o pacto fusional quando não mais o olha com admiração e, ainda, desvia seu amor e dedicação para os filhos.

A “inesperada gravidez” de Fernanda nos leva a considerar, também, uma demanda em dois tempos por parte desta. De origem humilde, o projeto de vida de Marcos se revelava para ela como fonte de encantamento. Tudo o que queria era acompanhá-lo em seu percurso e usufruir daquilo que ele lhe prometia. O lugar que lhe era proposto realizava seus anseios e reforçava seu valor no reconhecimento de ser capaz de dar-lhe algo que sua primeira esposa não pudera sustentar. Naquele momento, não parecia difícil firmar o pacto de abrir mão da maternidade e manter a relação conjugal como o foco privilegiado de seu prazer. Possivelmente mantivesse uma expectativa de que no futuro lhe seria possível rever o que fora acordado.

Observamos, com frequência, que no início de um relacionamento amoroso os sujeitos amplificam as qualidades do parceiro e acreditam poder modificar, no transcorrer do mesmo, aquelas características que lhes pareçam indesejáveis. Rassial (2003) faz interessante leitura da paixão ao compará-la à posição esquizo-paranóide, considerando que, num primeiro tempo, tudo de bom está no outro e o “pequeno defeito” que possa haver, se espera corrigir pelo encontro amoroso. Em um segundo tempo, como na posição depressiva, em decorrência da reconciliação do bom e do mau objeto, o sujeito deve renunciar à possibilidade de que o outro seja totalmente bom. Assim é que no primeiro tempo espera-

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

se ficar com o bom e curar magicamente o que é inaceitável; já no segundo tempo, constata-se que os aspectos bons e maus são indissociáveis, provocando depressão e movimentos regressivos. Quando isto ocorre, tenta-se, por vezes, forçar o parceiro a cumprir o pacto, ou seja, a corresponder às fantasias idealizadas do início da relação.

No caso que estamos discutindo, intenso conflito tem lugar, visto que Marcos assusta-se frente à perspectiva de novamente entrar numa rotina familiar desgastante, perder a mulher jovem e atraente para uma esposa cansada e entretida apenas com a casa e a filha. Para ele, conjugalidade e parentalidade não são interfaces possíveis num mesmo relacionamento. Com a gravidez de Fernanda, o estado anterior de suposta harmonia parece ter sido perdido. A proposta de aborto foi uma tentativa de restaurar o narcisismo ilimitado que pretendia viver nesta relação.

Como Fernanda leva a gravidez adiante, Marcos sai de casa, embora continue sustentando-a. Passam alguns meses afastados e somente se reencontram na maternidade, quando Beatriz nasce. Vivem separados até a menina ter quase 3 anos. Ele assume todos os encargos relativos à paternidade, inclusive dedicando-se à filha nos finais de semana em que fica com ela juntamente com os outros filhos. Nesse período, Marcos sai com várias mulheres sem se comprometer em qualquer relacionamento. Reconhece que ainda gosta de Fernanda, mas não consegue perdoá-la pela traição. Também observa que, diferentemente de sua primeira mulher, ela não tem o olhar voltado prioritariamente para a filha. Ao

contrário, em algumas situações, é ele quem se preocupa e acaba ficando com Beatriz, quando Fernanda sai com os amigos.

Uma viagem a Disney com todos os filhos foi o pretexto para convidá-la e, na verdade, serviu como um teste, segundo ele, para uma reaproximação. Naquele momento, Marcos começa a se questionar sobre a possibilidade de o conjugal e o parental existirem concomitantemente. Durante o passeio, o casal se reaproxima, revivem algumas das antigas noitadas e ele curte com os filhos as emoções dos passeios realizados. Ao retornar, voltam a viver juntos, mas seis meses depois, encontram-se no consultório de uma analista frente a uma nova crise e pedido de ajuda. Fernanda queixa-se que o marido quer só para si, exigindo que ela o acompanhe em viagens de negócios, jantares, tirando-a da companhia da filha.

Prieur (2008) ressalta que o outro é um traidor quando nos coloca diante de impasses e escolhas impossíveis; quando nos demanda algo que, ao respondermos, fragiliza nossa identidade, e se não respondemos, fragilizamos o laço conjugal. Neste sentido, o parceiro seria considerado um traidor por pressionar o outro à autotraição, por demandar que renuncie a algo que lhe é fundamental. Muitas vezes pelo medo de perder o amor do outro, o sujeito se submete a seus desejos, e perde-se de si mesmo. Quanto mais o sujeito pactua em detrimento de seu próprio espaço em nome do outro, mais os laços conjugais tornam-se frágeis. De fato, inicialmente, Fernanda concorda com a proposta que lhe foi feita por Marcos e, num segundo tempo do jogo, rompe o

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

pacto. Observando, porém, pelo ângulo apresentado pela autora, poderíamos nos questionar se a proposta contida no pacto já não seria uma traição por parte de Marcos.

Fernanda parece dizer que Marcos não a reconhece como sujeito, ela só existe para ele, como suporte para seu narcisismo. Para Lemaire (1998), a patologia de um casal costuma ser apresentada como patologia do narcisismo, apesar de ser evidente que a vida amorosa se abastece de narcisismo. Todo ser humano precisa de um objeto que o confirme em sua existência. Um apoio narcísico é demandado ao parceiro, sendo essencial à manutenção da relação. Entretanto, no caso apresentado Fernanda não se sente confirmada em sua subjetividade, assim como não sente que sua filha seja reconhecida pelo pai. Curiosamente, fala dele como se não fosse o pai da menina. Ela se recusa mais uma vez a acompanhá-lo nas viagens, deixando sua filha, e ele novamente propõe a separação, ensejando a demanda de uma terapia de casal.

Uma crise, como a vivida por Fernanda e Marcos, torna-se positiva se leva a um questionamento das demandas feitas ao parceiro, a uma implicação no que até então era projetado no outro e a um movimento no sentido de rever o pacto que alinhava a relação em seu início.

Considerações finais

Partimos do pressuposto de que os casais se constituem em torno de ideais carregados de fixações aos objetos parentais, que provocam mal-

entendidos. Em sua busca por reencontrar o objeto de desejo, o indivíduo procura, por meio do amor, encontrar na realidade um parceiro que corporifique seu fantasma e supostamente o compense pelas perdas sofridas. Um primeiro casamento ou união estável, portanto, pode ser interpretado como um primeiro tempo de legitimação de uma escolha amorosa.

Em um recasamento pode ocorrer que o segundo tempo recomece num esquema idêntico à relação anterior, com a tentativa de manutenção do mesmo pacto, agora com o novo parceiro. A proposta feita por Marcos tanto à primeira esposa quanto à segunda era a de uma fusão narcísica. A parentalidade rompia com a sua proposta de conjugalidade e esta, por sua vez, impedia a existência de duas subjetividades. O casal, no imaginário de Marcos, fazia parte de um cenário no qual a parceira teria papel fixo, onde não havia qualquer flexibilidade.

Fernanda, por sua vez, encontra nele a imagem do homem de sucesso que poderia compensá-la das faltas vividas anteriormente; porém, capturada pela maternidade, desloca-se do lugar idealizado e cristalizado pelo parceiro. No primeiro tempo da relação, cada um confirmava e reconfirmava o valor e o poder de sedução do outro. Fernanda também necessitava do “abastecimento” narcísico que o companheiro lhe dispensava. No segundo tempo, a proposta fusional perde o encanto no que a limitava em suas próprias conquistas.

Apesar de a vida conjugal ser marcada naturalmente por satisfações, conflitos e frustrações, uma parte da identidade de cada parceiro é apoiada no laço construído com o outro. Ela se torna, segundo

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

Lemaire (2005, *op. cit.*), um dos principais meios de confirmação da identidade dos sujeitos. Entretanto, para indivíduos com fragilidade narcísica, o parceiro é indispensável ao seu equilíbrio e, inconscientemente, realizam escolhas amorosas que reafirmam constantemente seu valor. O autor constata, ainda, que o parceiro pode ser escolhido numa perspectiva eminentemente defensiva, ou seja, sua presença colabora na luta contra o retorno de uma parte recalçada do sujeito e, neste sentido, faz com que a relação torne-se rígida. O outro, como objeto a ser possuído e controlado, transforma-se em traidor pelo simples fato de existir fora da relação.

A articulação do segundo tempo de um casamento ou de um recasamento com a posição depressiva kleiniana, como comentado anteriormente, trouxe-nos uma compreensão interessante. A onipotência conferida pelo encontro amoroso num primeiro momento começa a ser questionada e o “bom objeto” revela-se com seus “maus aspectos”. A ansiedade de perder o objeto amado aumenta a avidez e as cobranças. Quando a ansiedade é suprema, o ego tende a negar as situações que a geram. Inicia-se um processo no qual se procura controlar o objeto de amor, ao mesmo tempo em que o sujeito se confronta com a possibilidade de “danificá-lo”. Espera-se que, gradualmente, seja possível uma atitude mais realista diante da frustração. Enfim, crises são esperadas e necessárias no processo de maturação.

Concluimos, lembrando que o jogo relacional não é completamente definido por apenas um dos parceiros, há sempre uma coprodução, há aceitação mútua dos papéis assinalados para cada um no

cenário conjugal. Ambos validam a relação até o momento em que um deles questiona seu lugar no desejo do outro e dá lugar a uma crise. Só então transformações serão possibilitadas.

A terapia de casal, seguindo a metáfora do jogo, apresenta-se como cenário adequado para as elaborações temporais, com a finalidade de promover mudanças relacionais, no sentido de permitir o surgimento de um novo jogo criativo, seja entre os mesmos cônjuges ou nos recasamentos.

Tramitação:

Recebido em: 28 de maio de 2010

Aprovado em: 26 de julho de 2010

Lídia Levy

Rua Visconde de Pirajá, 156 sala 506

Ipanema – Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22.410-001

Fone: (21) 2287-7090

E-mail: llevy@puc-rio.br

Isabel Cristina Gomes

Rua Cerro Corá, 792, apto. 33

Alto da Lapa – São Paulo – SP

CEP: 05.061-100

Fone: (11)3021-4509

E-mail: isagomes@usp.br

Referências

BENGHOZY, P. A traição como herança: desconstrução e neocontinente narrativo. In: GOMES, I. C. *Clínica psicanalítica de casal e família; a interface com os estudos psicossociais*. São Paulo: Santos, 2009. p. 3-24

Lídia Levy / Isabel Cristina Gomes

CARTER, E. Famílias reconstituídas: a criação de um novo paradigma. In: ANDOLFI, M. et al. (Org.). *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1999. p.192-198.

FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In:_____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)* Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11). (Trabalho original publicado em 1910).

LEMAIRE, J-G. *Les mots du couple*. Paris: Payot & Rivages, 1998.

_____. *Comment faire avec la passion*. Paris: Payot & Rivages, 2005.

LEVY- ALVARENGA, L. *Na escuta do laço conjugal*. Rio de Janeiro: Uapê, 1996.

PRIEUR, N. *Amour, famille et trahison*. Paris: Marabout, 2008.

RASSIAL, J. J. *Do amor que não seja semblante*. Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba, 7, n. 7, 2003, p. 68-98

debate



O tempo e a invenção freudiana *Time and Freud's invention*

Maria Silvia G. Fernández Hanna*

Resumo

O artigo aborda e discute a concepção e o uso do tempo a partir da invenção freudiana: o inconsciente. A autora discorre sobre a utilização do tempo durante a experiência analítica, retomando argumentos da obra de Freud e apresentando a proposta lacaniana do tempo lógico.

Palavras-Chave: inconsciente atemporal; duração da sessão; tempo lógico.

Abstract

The article discusses the conception and use of time in the perspective of Freud invention: the unconscious. The author explores the use of time during the analytic experience, using

* Doutora em Teoria Psicanalítica /UFRJ

Freud arguments, and introducing the lacanian proposal of the logical time.

Keywords: *timeless unconscious; time session's duration; logical time.*



debate

O tempo e a invenção freudiana
Time and Freud's invention

Maria Silvia G. Fernández Hanna

O convite da SPCRJ para escrever sobre o tempo em psicanálise resultou num trabalho de pesquisa e reflexão sobre a prática psicanalítica cujas conclusões, ainda fragmentárias, apresentamos a seguir.

O tempo foi objeto de inúmeros estudos e tratados desde os gregos até os dias de hoje, o que nos dá a ideia de sua tamanha complexidade. As palavras de Santo Agostinho explicitam a dificuldade que de alguma forma enfrentamos na hora da escrita do texto: “Se ninguém me perguntar, eu sei o que é o tempo. Mas, se alguém me pergunta, eu não sei o que dizer”.

A definição do tempo promoveu tormentas, tormentos e trabalho para os pensadores e cientistas, e tudo isso produziu, em diferentes campos do conhecimento, importantes ideias que continuam vigentes até os dias de hoje.

Maria Silvia Hanna

Escrever sobre o tempo no campo da psicanálise não é tarefa simples. Para poder avançar, delimitamos duas questões que se articulam entre si:

1. Como consideramos o tempo no campo da psicanálise?

2. Qual é o uso do tempo durante o tratamento psicanalítico?

Assim como dizemos que “não há psicanálise sem transferência”, podemos também afirmar que “não há psicanálise sem tempo”. Em outras palavras, a psicanálise, como teoria e prática, está inserida no tempo e é afetada pelo mesmo.

É evidente que a psicanálise ocorre dentro de um lapso de tempo demarcado pelo que denominamos sessões psicanalíticas. A sessão analítica ocorre quando o analista e o analisante se encontram num lugar determinado (em geral no consultório) durante um espaço de tempo.

Cabe ao analisante ir às sessões, pagar por elas, e respeitar a única regra da psicanálise, a *associação livre*; e, ao analista, estar presente e responder com a *interpretação* – considerando que a interpretação inclui fundamentalmente a dimensão do silêncio que permite que a palavra ressoe.

A temporalidade na psicanálise

A dimensão histórica nos casos clínicos não tarda a aparecer na obra de Freud. Desde os primeiros escritos sobre os estudos da histeria surge um passado que insiste no presente através das formações do inconsciente. Duplas inscrições, várias camadas, acontecimentos traumáticos, cena primária,

fantasias, são algumas das elaborações que estabelecem a presença de um elemento da história que se repete descon siderando a passagem cronológica do tempo. A despeito do tempo que flui, há algo que não se movimenta, que permanece fixo e se atualiza nos sintomas, nos sonhos, nos atos falhos e no chiste.

A descoberta do inconsciente, apresentada no livro “*A interpretação dos sonhos*” (FREUD, 1900/1976), engendra a necessidade de reconsiderar a dimensão temporal. O inconsciente é constituído por marcas mnêmicas ordenadas em múltiplos sistemas psi, segundo as leis de simultaneidade, contiguidade e semelhança. Essas marcas, que constituem a memória, se ligam aos desejos infantis e à pulsão.

O inconsciente é apresentado como um espaço que contém todas essas marcas, a retomada posteriormente por J. Lacan, ao apresentar o lugar do Outro, onde os significantes estão sincronicamente inscritos.

A “primeira experiência de satisfação” é o modelo pelo qual Freud explicita como o enlace entre as marcas mnêmicas resulta em realização do desejo e satisfação da pulsão. Mas o genial dessa experiência é que a mesma elucida que o trabalho psíquico que conecta o estado de necessidade à satisfação se origina a partir da perda do objeto. Essa perda é elevada à condição de causa do desejo inconsciente. Encontramos aí o vestígio de uma cadeia significativa que se inscreve na forma diacrônica articulada à sincronia das marcas. A absoluta dependência do bebê em relação ao outro força uma direção regressiva que recarrega as marcas da satisfação

Maria Silvia Hanna

anterior, produzindo realização alucinatória do desejo.

O desejo indestrutível freudiano se dirige para um futuro sempre curto e limitado, sustentado em uma imagem do passado, através de movimento retroativo que se dirige da marca mnêmica à imagem mnêmica. Nesse sentido o desejo escapa à ação do tempo, apresentando-se como algo distinto de todas as coisas.

Em 1915 Freud constrói sua metapsicologia a partir da hipótese da existência do inconsciente, considerando-a necessária e legítima, uma vez que repousa em inúmeras provas de sua exatidão. Atribui ao inconsciente as seguintes qualidades: a ausência do princípio de contradição, a independência do tempo, regido pelas leis do processo primário (deslocamento e condensação) e a substituição da realidade externa pela realidade psíquica (FREUD, 1915/1976).

A independência do tempo dos processos psíquicos do sistema inconsciente é deduzida a partir de várias constatações convergentes: a falsa orientação dos sonhos no tempo, o fato de que a condensação é possível, a ausência dos efeitos da passagem do tempo para o neurótico, o apego aos objetos, a tendência do neurótico a ficar fixado, entre outros.

O inconsciente atemporal transforma-se em axioma que permanece inquestionável até o fim da obra freudiana. Em 1920, no texto *“Além do princípio do prazer”*, Freud afirma que a existência do inconsciente e seu funcionamento desmentem a teoria do tempo absoluto apresentada por I. Newton, definido como puro fluir, assim como a filosofia de

E. Kant, que fez do tempo uma forma *a priori* e condição fundamental da experiência do conhecimento.

A partir das elaborações apresentadas contamos com duas articulações relativas ao tempo: a primeira define o inconsciente como objeto atemporal, dependente do automatismo de repetição; e a segunda tem como princípio que os tempos progressivo e retroativo emergem na construção das cadeias significantes.

Sobre o uso do tempo no dispositivo analítico

Prosseguimos nosso trabalho dando continuidade às linhas apresentadas, a fim de avançar na articulação do tema. Dessa maneira, poderemos pensar no uso do tempo dentro do dispositivo analítico.

O binômio *associação livre - interpretação* delimita um espaço de lugar e de tempo dentro do campo da linguagem e da fala. O analista é aquele que ouve a palavra do analisante; mais ainda, é aquele que, guiado por sua atenção flutuante, capta aqueles momentos em que o inconsciente fala de maneira sempre fugaz, desligado da temporalidade ordenada pelo passado-presente-futuro, aproveitando os furos do discurso. Nesse sentido o analista precisa acolher essa atemporalidade do inconsciente no manejo do tratamento.

Encontramos preciosa indicação de Freud no caso do Homem dos Lobos (FREUD, 1914/1976) que ilustra uma das formas pela qual o analista aceita e maneja essa dimensão. Freud comenta que durante os primeiros anos de tratamento os sintomas

Maria Silvia Hanna

pouco se modificaram e, para esse tipo de situação, aconselha que o analista faça, às vezes, do inconsciente, desconsiderando a passagem do tempo e, portanto, renunciando a todo efeito terapêutico rápido — se desejar que a análise avance na direção da descoberta de algo realmente positivo.

Essa manobra sugerida por Freud apresenta um uso do tempo solidário à estrutura do inconsciente, que se opõe ao *furor sarandi*. Dessa maneira o analista, identificado à atemporalidade inconsciente, gera condições para que se produza um novo saber, um saber não sabido até então.

O saber é engendrado na descontinuidade discursiva, e dá o testemunho da presença do inconsciente no ponto de coincidência de uma abertura e de um fechamento que reordena o dito anteriormente.

O tempo delimitado pelo dispositivo analítico pode ser desdobrado em um tempo que se dirige ao futuro, colocando um significante seguido de outro, em direção ao infinito; e outro tempo que se dirige ao passado, na direção retroativa, produzindo o que denominamos significação. O cruzamento de ambas as direções do tempo é equiparável à pontuação da frase. Se pensarmos na cadeia significante, essa interseção dos tempos coincide com o que J. Lacan denominou “ponto de basta” (LACAN, 1960/1998, p. 820), que recai sobre elementos anteriores da conexão significante, detendo o deslizamento da significação.

O tema que nos interessa desenvolver é o tempo da sessão analítica e, nesse sentido, encontramos no texto freudiano intitulado “*La iniciación*”

del tratamiento” (Freud, 1913/1976) a recomendação de que o analista disponha de uma hora do seu dia de trabalho para cada paciente. Freud realizava sessões diárias, que iam de cinco a seis por semana. Esse conselho é elevado à categoria de *standard* do dispositivo analítico, modificando-se posteriormente, apenas na quantidade de sessões estabelecidas por semana e no tempo fixo da sessão, que passa de cinquenta minutos para quarenta e cinco minutos.

A duração da sessão permanece inquestionável até os anos 1950, época em que J. Lacan dá início a seu ensino, propondo que a técnica seja revista à luz dos princípios da psicanálise. Nesse marco, apresenta uma série de argumentos que justificam a necessidade de o analista fazer do tempo um instrumento solidário à estrutura do inconsciente. Assim elabora outro modo de tempo denominado o tempo lógico.

O tempo lógico é desenvolvido por meio de um sofisma apresentado no escrito intitulado “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, publicado em 1945. A solução de um problema de lógica apresentado por um diretor para três prisioneiros permite demonstrar as molas do tempo pelas quais a ação humana, à medida que se ordena pela ação do outro, encontra na escansão de suas hesitações o advento de sua certeza. E na decisão que a conclui, dá à ação do outro (que desde então passa a incluir com sua sanção quanto ao passado) seu sentido por vir (LACAN, 1945/1998, p. 288).

Em outros termos, o sentido depende absolutamente da resposta do outro, aspecto que não pode ser desconsiderado pelo analista.

Maria Silvia Hanna

J. Lacan distingue três tempos na interpretação do sofisma dos prisioneiros: o de ver, o de compreender e o de concluir. Essa elaboração faz cair toda e qualquer concepção homogênea da temporalidade, questionando o tempo fixo ou cronológico da sessão analítica. O analista, orientado por essa concepção, pode sancionar o ponto em que a sessão finaliza, enfatizando o momento de conclusão.

A duração¹ da sessão não fica mais à mercê de algo externo, isto é, da hora marcada pelo relógio, mas depende da produção do saber inconsciente, sempre fugaz, que se realiza entre dois pontos: o inicial e o terminal do tempo lógico. O ponto inicial coincide com o instante de ver (no qual sempre há algo elidido ou perdido da intuição), e ponto terminal é sempre elusivo, a apreensão do inconsciente não se conclui, trata-se sempre de uma recuperação lograda.

O caso do Homem dos Lobos apresenta um aspecto bastante rico para pensar a dimensão do tempo no tratamento, a propósito da decisão freudiana de estabelecer um prazo de término ao trabalho analítico. Lembramos aqui que esse ato de Freud foi único, e ele considera que não é um exemplo a ser seguido ou imitado, reiterando até o final de sua obra que a duração do tratamento só pode ser antecipada para o analisante como indefinida (FREUD, 1938/1976).

Freud decide, amparado em uma série de considerações, interromper o tratamento, comunicando a data do fim a seu analisante. O Homem dos

¹ Henri Bergson definiu a duração do tempo como tempo real apreendido intuitivamente.

Lobos responde apresentando rico e inédito material discursivo que elucida vários pontos obscuros do caso.

Verificamos, por um lado, que a comunicação do fim antecipado introduziu a “função da presa”, o que pode ser considerado interessante mas, por outro lado, essa decisão trouxe consequências muito sérias à vida do sujeito. O Homem dos Lobos ficou alienado de sua verdade inconsciente, à medida que Freud decretou com seu ato que o prazo de produção dessa verdade podia ser previsto. Nesse caso, o analista encarnou o mestre e senhor da verdade, criando obstáculos à função do analista como aquela que promove a emergência do inconsciente. Essa alienação subjetiva pode ser constatada através de dois fatos discursivos apresentados por J. Lacan:

1. O Homem dos Lobos jamais conseguiu integrar a cena primitiva à rememoração, à sua história.
2. Sua alienação mais radical ficou demonstrada posteriormente sob uma forma paranoide.

Os dois comentários extraídos do caso do Homem dos Lobos – o primeiro, que diz que o analista precisa fazer, às vezes, de inconsciente atemporal; e o segundo, que relata a precipitação do material inconsciente como efeito da comunicação do prazo para o término do tratamento – ensinam sobre a importância do uso do tempo por parte do analista. A marcação do fim da análise significou a entrada da função reversiva do tempo, ocasionando uma aceleração na experiência analítica.

Maria Silvia Hanna

Retomamos um comentário de J. Lacan que verifica a eficácia do uso do tempo lógico em um caso de neurose obsessiva:

Pudemos fazer vir à luz num dado sujeito masculino fantasias de gravidez anal, com o sonho de sua resolução por cesariana, num prazo em que, de outro modo, ainda estaríamos escutando suas especulações sobre a arte de Dostoievski (LACAN, 1953/1998, p. 316).

As sessões lacanianas foram chamadas de curtas, mas pensamos que essa não é uma boa definição, uma vez que essa denominação está ligada ao tempo cronológico, e não ao tempo lógico intrínseco à sessão. Entretanto, é importante ressaltar que o inconsciente precisa de uma medida mínima de tempo para se atualizar, mas que não é nem muito nem pouco e não pode ser definida *a priori*.

O manejo do tempo nos coloca em cheio no campo da interpretação, o que torna necessário que façamos algumas considerações. Para encaminhar essa articulação, lembramos as duas direções do primeiro que se apresenta na fala.

Contamos com: 1) O tempo que flui, aberto a todos os possíveis, tempo da espera e dos projetos, e que se dirige ao infinito. 2) O tempo que se orienta no sentido retroativo, nos leva para o passado, responsável pelo efeito da significação.

Os tempos 1 e 2 se entrecruzam permanentemente, tendo como resultado pontos de interseção, onde o tempo ganha consistência e espessura, isto é,

uma heterogeneidade que o diferencia da homogeneidade do puro fluir.

A reversão do tempo se situa em cada ponto da cadeia significativa, ponto que antecipa o infinito, transformando-o em finito. Durante a sessão analítica o sujeito é convidado a fazer uma “experiência pura” da reversão temporal que promove a significação inconsciente.

A experiência pura se dá graças ao acréscimo da presença do analista, que encarna o *já estar lá* do inconsciente, o qual se contrapõe com um *ainda não saber* do lado do analisante. Essas expressões implicam a suposição de um saber atribuído ao analista, o que indica a abertura do campo da interpretação.

A leitura lacaniana da interpretação é fruto da reversão do tempo e possui a modalidade temporal da surpresa. Trata-se de um verdadeiro acontecimento que recai sobre os ditos anteriores, tendo como consequência uma reescrita da história do sujeito. A surpresa é o sinal de que a interpretação toca e questiona o ponto no qual o sujeito estava aderido ao objeto, abrindo novas possibilidades de satisfação.

Ao modo de conclusão, sempre fragmentária, podemos dizer que a sessão analítica que considera o tempo lógico possui um tempo variável porque o analista inclui a manobra da reversão do tempo, o que, por sua vez, implica transformar o ponto infinito em finito, ponto que abre a dimensão do inconsciente.

Maria Silvia Hanna

Maria Silvia G. Fernández Hanna
Rua Alice, 2030
Laranjeiras – Rio de Janeiro – RJ
Cep.: 22.241- 020
Fone (21) 2225-1336
E-mail: mariasilviagh@terra.com.br

Referências

FREUD, S. *La interpretación de los sueños*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1976. (*Obras completas*, 1). (Obra original publicada em 1900).

_____. La iniciación del tratamiento. In: *Obras Completas*, 2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1976. (Obra original publicada em 1913).

_____. Lo inconsciente. In: *Obras Completas*, 2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1976. (Artigo original publicado em 1915).

_____. Más allá del principio del placer, In: *Obras completas*, 3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1976. (Trabalho original publicado em 1920).

_____. Análisis terminable e interminable, In: *Obras Completas*, 3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1976. (Trabalho original publicado em 1938).

_____. Un caso de neurosis infantil: El hombre de los lobos, In: *Obras Completas*, 2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1976. (Trabalho original publicado em 1914).

HIRSCH GUSMAN, M. *Olhar, compreender e concluir*. Dissertação (Mestrado Departamento de Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995.

LACAN, J. O tempo lógico e asserção da certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1945).

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1953).

_____. A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1960).

MILLER, J. A. “A erótica do tempo”, In: *Latusa*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise/Seção Rio, 2000.

_____. *Los usos del lapso*, Buenos Aires: Paidós, 2004.

SOLER, C. *La repetición em la experiência analítica*, Buenos Aires: Manantial, 2004.

debate



Sobre a transitoriedade (Noventa e dois anos e dez mil quilômetros depois)

On transience (ninety two years and six thousand miles later)

Paulo Cesar Sandler*

Resumo

Considerações analíticas e críticas a respeito de *concepções e pré-concepções sobre o que se denomina tempo e espaço*, originadas de investigação psicanalítica e de algumas ciências que tem se dedicado a desenvolver tais concepções. As considerações abrangem uma história das idéias (segundo Berlin), interessando à teoria do conhecimento, e incluem o método crítico

*Médico/USP; Mestre em Medicina/USP; Psiquiatra/Associação Médica Brasileira; Analista-Didata/Sociedade Brasileira de Psicanálise de S.P.; Membro Honorário/FAB; Sócio Honorário/Accademia Lancisiana de Medicina, Roma; ex-diretor do Programa de Saúde Mental / Faculdade de Saúde Pública/USP; ex-professor sobre a obra de Bion no Curso de Pós-Graduação Senso Lato em Psicoterapia Psicanalítica /Instituto de Psicologia da USP.

(segundo Kant, depois desenvolvido por Freud). Limitações ligadas a concepções exclusivas, que pretendem alcançar uma verdade única ou absoluta, são explicitadas, além de alternativas a elas.

Palavras-Chave: psicanálise; espaço-tempo; apreensão da realidade; teoria dos instintos; Édipo; posição esquizo-paranoide e depressiva; transitoriedade; senso comum; senso de verdade; delírio de se obter verdade absoluta; princípio da incerteza; realista ingênuo; idealista ingênuo.

Abstract

Analytical and critical considerations about conceptions and pre-conceptions of that which is commonly named as time and space, stemmed from psycho-analytic research as well as from some sciences that had traditionally dealt with those conceptions forms the core of this paper. The considerations encompass a history of ideas (after Berlin), and are linked to epistemology; they try to apply Kant's criticism, later developed by Freud. The paper points out some unobserved limitations linked to conceptions which pretend to reach an exclusive and only absolute truth as well as some alternatives to them.

Keywords: *psychoanalysis; space-time; apprehension of reality; instincts theory; Oedipus; paranoid-schizoid position; transience; common-sense; sense of truth; delusions of attaining absolute truth; principle of uncertainty; naïve realist and naïve idealist.*



debate

Sobre a transitoriedade (Noventa e dois anos e dez mil quilômetros depois)

On transience (Ninety two years and six thousand miles later)

Paulo Cesar Sandler

Definir termos - mas não a realidade aos quais eles se aplicam¹ - tem demonstrado ser básico para a comunicação científica. Também o é para qualquer tipo de comunicação, no cotidiano humano e na arte. Por ciência, referimo-nos a um modo de aproximação a fatos reais, compartilháveis por senso comum. Utilizo a definição original de senso comum, formulada por John Locke: o uso de dois ou mais sentidos ou vértices de observação através de experiência; no caso de psicanálise, clínica.

Boa parte dos leitores, talvez todos, reconhecem a primeira parte do título deste artigo; não originou, mas contribuiu sobremaneira para o que se segue (FREUD, *On transience*, 1918). Usarei ao longo deste artigo, como sinônimo deste termo único, transitoriedade, hoje pouco utilizado, a expressão dupla, *como/onde*.

Não posso ficar adstrito à consigna básica dos editores deste periódico, aos quais agradeço a oportunidade. Solicitaram-me que escrevesse algo a respeito de

¹ Confusão tão infeliz quanto comum

Paulo Cesar Sandler

Tempo e Psicanálise. Quando digo, “não posso”, espero que o leitor discrimine que isto difere de dizer, “não quero”. Determinadas experiências e concepções a respeito desta dita unidade, ‘Tempo’, determinam outros rumos, que talvez fiquem claros a seguir. Não posso escrever sobre ‘Tempo’ sem escrever sobre ‘Espaço’; como duas faces da mesma moeda. O que importa é a moeda, não as faces, mas a moeda, no caso, é incognoscível de modo último.

Vou me limitar a questões ligadas à percepção e concepção do que se considera ‘Tempo’, dentro do vértice psicanalítico, ou seja, de aspectos mais profundos que podem ser isolados em psicanálise. Questões práticas existem desde que uma psicanálise começou a mostrar a necessidade - e *não* o desejo! - de ocupar algo que era visto como *muito tempo*. Naquela época, uns dois anos. No final da vida de Freud, acima de 5 anos. Hoje em dia, algo entre 5 e 15 anos, incluindo ou excluindo o que se classifica como “re-análises”, inclusive com analistas diversos. Não são raros relatos de casos com 20 anos ou mais. “Interminável”, escreveu Freud após quase meio século de investigação na área. Cálculos racionais como número de vezes por semana multiplicados por duração de sessões indicam algo em torno de dois meses e meio para uma análise que perdure por uns cinco anos, indicando que há algo um tanto indefinido com números que pareciam ser tão definidos. A descoberta dos “números infinitos” remonta aos antigos gregos; mais comum é o aprendizado aritmético, que serve razoavelmente bem no cotidiano. Infelizmente, alcança apenas cálculos racionais, e demonstra-se de utilidade quase nula para a psicanálise.

Percepções a respeito do *insight* psicanalítico indicam que boa parte do espaço-tempo, ou seja, o *como/onde* no qual ocorre uma psicanálise são fugazes, transitórios, parciais; pode também haver totalidades

avassaladoras, que muitas vezes são submetidas a resistências - no sentido indicado por Freud - e esquecimento, ou repressão e lançamento ao inconsciente de algo que foi visto pelo par, e apreendido e percebido, mas submetido a ódio assassino. A “aurora do esquecimento”, como a classificou Bion, geralmente é posterior e dependente de *insight*. Há várias indicações de que “algo” antecede - e sucede - “algo”. Costuma-se dizer, isto depende de ter noção de “historicidade”; do ponto de vista biológico, Genética e Filogenética; antropológico e filosófico, Arqueologia e Ontologia.

Discorrer sobre o óbvio parece perda de tempo; paradoxalmente, o óbvio é o mais difícil de ser percebido. Talvez a ciência, e a psicanálise como filha dela, poderiam ter um sobrenome: ciência é aquilo que estuda o óbvio - algo que demanda ser descoberto. Em certos casos, a falta da descoberta coloca em risco a vida. A ciência descreve, por vezes quantifica, por vezes qualifica aquilo que se convencionou chamar “realidade”, formada de um número ainda desconhecido de óbvios. O óbvio não é dado diretamente, raramente fica meramente limitado a aparências, conforme elas podem ser olhadas, escutadas, cheiradas ou palpadadas por nós, seres humanos, dotados de sérias limitações no nosso aparelho sensorial quanto a seu espectro de abrangência. O óbvio, ou realidade insere-se no espaço/tempo do enxergar, da audição, dos aromas, ou seja, pode ir sendo percebido de acordo com capacidades inatas e treinamento. Seria *nature and nature*, e não o falso dilema, *nature versus nurture*.

Freud, Planck e Einstein descobriram fatos que permitiram a alguns, entre 1899 e 1905, perceber que o “porque” faz parte de um ramo extremamente limitado do que se pensava ser ciência. Útil para tarefas mais grosseiras, como colocar um foguete na lua, compôs aquilo que o positivismo acreditava ser ciência. Como o próprio Auguste Comte percebeu, o “porquê” também faz parte

Paulo Cesar Sandler

de religiões, fato evidenciável quando o positivismo ascendeu - ou descendeu-a a tal *status*. Religiões constituem atividades humanas baseadas em postulados. Colocado de outra forma, Religiões crêem em Verdades Absolutas, um tipo de entidade fantasiosa muito próxima daquilo que o psiquiatra percebeu como sendo típico do pensar ou falta-do-pensar-psicótico. Penso ser necessário discriminar Religiões de Religiosidade e de Teologia. Wilfred Bion, em “*Uma Memória do Futuro*”(1977), questionou que alguém desperdiçaria sua capacidade de Crer quando dispõe de Fatos.

Como/Onde

A noção e a concepção de transitoriedade não significa nem implica em falta de possibilidade de se intuir, apreender, utilizar e conhecer parcialmente algo. O Princípio da Incerteza, formulado por Werner Heisenberg, ou seja, a constatação de que não se pode quantificar com absoluta precisão a velocidade angular de uma micro-partícula e sua posição no espaço, não é Princípio da Ignorância. A formulação poética de Vinícius de Moraes, do amor ser “*eterno enquanto dure*”, dá conta da questão que perturbou não só a física até os tempos em que surgiram, na Alemanha (novamente, tento expressar verbalmente, *como/onde*) Plank e Einstein, descobridores, respectivamente, da mecânica quântica e da relatividade. Pode-se quantificar precisamente - usando a equação de Erwinn Schrödinger - certos *estados quânticos* das partículas, ou seja, sua evolução e comportamento no tempo. O que é "estado quântico"? O estado quântico é uma espécie de "coleção" de pesos, ou medidas probabilísticas - todas elas, precisamente calculadas - da posição no espaço, ou das várias posições no espaço que surgem como alternativa probabilística a cada posição individual

de cada pacote de energia que se considere. Vejam, a física foi dominando o *Como/onde*.

Como pode se medir algo que as pessoas "sentem"? Por meio de se postular a temperatura, após livrar-se do preconceito envolvido em pares de opostos. Então, descobre-se que as coisas, os objetos inanimados, são sensíveis à temperatura, ainda que objetos inanimados não sintam "calor e frio". E o que dizer a respeito de amor e ódio? Não serão preconceitos? Não poderia ser simplesmente "x" - a quantidade de x, como a quantidade de temperatura? Então, poderíamos medir x, mesmo que não possamos medir amor e ódio, ou calor e frio" (BION, 1959, p.2)

As variações energéticas, os "saltos quânticos" e as amplitudes de frequências que variam no comportamento da luz são, a um só tempo, precisas e probabilísticas - simultaneamente determinadas e indeterminadas. Vamos examinar um pouco o indeterminismo envolvido no "princípio da incerteza" formulado por Werner Heisenberg, e o determinismo da equação de Schrödinger.

As aparências macroscópicas sensorialmente apreensíveis descritas pela Física clássica encobriam outros tipos de fenômenos até então desconhecidos. Os corpos sólidos nos parecem sólidos em função de sua macroscopia e da limitação do espectro abrangido pelos nossos sentidos. Suas partículas estão em movimento - o chamado movimento Browniano. É um movimento de menor amplitude do que no estado líquido, e isto depende da temperatura reinante - o observador e suas condições interferem nas conclusões a respeito do fenômeno observado. A limitação do espectro abrangido pelos nossos

Paulo Cesar Sandler

sistemas sensoriais - naturalmente adquiridos, sem nenhuma interferência pessoal ou desígnio de pensar humano - afetam eventuais conclusões transitórias de nossa observação. Um exemplo poderia tornar menos árida esta conversa. Imaginemos que estamos pegando uma fita magnética, destas que se usavam em gravadores de som ou vídeo, ou um disco flexível ainda utilizado em computadores. Tudo parece sólido, ali. Mas não é: há um campo magnético e cargas elétricas em contínuo movimento, imperceptíveis ao nosso tato ou à nossa retina. As propriedades físico-químicas, por exemplo, força, ductibilidade, decomposição, resistência, impedância, etc. dos vários elementos químicos que compõem a fita ou os discos, tais como sódio, alumínio ou qualquer outro elemento que se considere, dependem de um tipo análogo de movimento. Costumamos denominar o nível em que estes movimentos ocorrem como ‘atômico’. Interessa-nos agora que tal nível não era nem é perceptível pelo sistema sensorial humano. A teoria quântica veio esclarecer todas estas reais propriedades a nível sub-atômico.

Merses profyndo: pvlchrior evenit²

Infelizmente, o nível de profundidade que nos interessa - por “nos”, quero dizer, nossos pacientes e nós mesmos, analistas - parece pertencer a um espaço-tempo (como/onde) distante, hoje inacessível, certamente tão micro-diminuto e feito de matéria-energia (como/onde) tão desconhecidas que sequer possuem um nome, hoje em dia, na civilização ocidental - parte diminuta da qual posso dizer que conheço, transitoriamente. Obviamente, esta última colocação pertence ao terreno de mera hipótese. Acho arrogar-se a ser fatalmente pretensioso e fadado ao erro infame arriscar qualquer nome para este nível a ser descoberto ou rejeitado, embora isto não justifique

² Mergulhe profundo: o belo emergirá (HORACIO, em *Carmina*)

não aventá-lo. Um âmbito para este nível foi nomeado por Immanuel Kant, inspirado nos gregos antigos, e expresso verbalmente por Platão, principalmente com as Formas Ideais: *Noumena*.

“Kant?” - poderia questionar o leitor. Tenho a impressão de que não é possível escrever a respeito de concepções a respeito do que ainda hoje se chama “Tempo”, sem considerar algo que Kant observou. Sua importância para o surgimento da Psicanálise, uma disciplina que não existia em sua época, mas que foi antevista por ele sob outro nome - chamava-a de “Antropologia” - não pode ser subestimada, sob o risco de se pecar no aprendizado insuficiente. Afinal, *little learning is a dangerous thing* - uma máxima incluída em um poema de Alexander Pope, que pode ser traduzida como “ignorância, ou pouco saber, é algo perigoso”.

Sigmund Freud, utilizando-se pesadamente de descobertas dos períodos nos espaços-tempo denominados Renascença, Iluminismo e Movimento Romântico, penetrou naquilo que os pesquisadores dessas épocas, dentre os quais destaco Francis Bacon, Spinoza, Georg Hamann e seu discípulo Kant, Diderot, Goethe, Maimon, Hegel, já haviam chamado de *unbewusst*. Estou usando o termo em alemão e não em português, não por erudição - coisa que não possuo - pretensiosa³, mas por uma oportunidade inaudita que existe em nosso meio (espaço/tempo “Brasil”). O termo em alemão pode dar ao leitor uma concepção do que quero dizer, caso o leitor não conheça bem o alemão. A melhor tradução em português é “desconhecido”. O termo mais conhecido - contradição em termos - é “inconsciente”. Parto do princípio que estamos vivendo a Época da Banalização. Deixo quase de lado a *boutade* de Fukuyama, que a moda desautorizou. A equação de nossos dias poderia ser escrita através da

³ Bacon, Spinoza e Diderot usavam, obviamente, outras linguagens, mas o conceito era o mesmo;

Paulo Cesar Sandler

fórmula Onde/Como; Onde = Época, Como = Banalização. Parece o desfecho havido das várias Épocas hoje descritas como das Revoluções (Industrial e das Invenções). Na Época da Banalização, “inconsciente” acabou não significando mais nada, além de uma crença etérea por todos falada, quase nunca apreendida. Hanna Arendt, otimista incorrigível – pensava que havia apenas banalização do mal. Provou ser apenas caso específico de algo geral, monstruosamente geral, demasiadamente geral, como observava Nietzsche. De qualquer modo, quando Freud apareceu, ainda não era banal, e o âmbito foi denominado de Inconsciente, *unbewusst*.

Bion, percebendo a banalização que foi extraíndo – como ocorre em qualquer instituição – o sentido - não significado! - do termo, nomeou a mesma coisa que não era coisa, de “O”.

Âmbito

Ao enunciar, “âmbito” - ou ambiência - tento, provavelmente fadado ao insucesso, ser preciso. Por vezes, é útil definir algo iluminando aquilo que o algo *não* é. Não é campo; nem domínio; nem região – termos que trazem conotações fortes (e por isto, tendem à exclusividade) de espaço. Âmbito parece-me suportar melhor o paradoxo espaço/tempo, ou como/onde; *ambi* predetermina que existem dois, seja lá qual for a natureza dos “dois”.

A questão sempre retorna ao fato de que em certos momentos e em certos espaços acreditamos em verdades únicas ou verdades absolutas, concretizadas, sensorialmente apreensíveis e armazenáveis. Um exemplo destes momentos e espaços (onde e como) plenos de crenças e religiosidades ocorre quando enfrentamos a desvalia humana. Prevalecem Esperança, Expectativa e Exigência, um Trio Assombro de três irmãozinhos que

vão crescendo e prevalecendo dentro da personalidade humana mais indisciplinada quanto a desejo e prazer.

‘Espaço’ é um termo que designa uma verdade absoluta, quando tomado de modo isolado e único. Kant usou-o para exemplificar algo que real, denominado “conceito *a priori*”. Há evidências de que somos “construídos” pela natureza, através de herança filogenética, ou em outros termos, somos “equipados” por alguns conceitos *a priori*, que para Kant eram três: espaço, tempo - descritos na “*Crítica da razão pura*”- e o imperativo categórico - descrito na “*Crítica da razão prática*”. Em outras palavras, Kant usou uma mentira para demonstrar uma realidade. Espaço e Tempo podem ter sido os deuses de Kant (SANDLER, 2000). Avanços no conhecimento permitiram-nos saber que espaço não existe, em si. "Espaço-tempo", uma unidade formulada por Einstein, está mais próximo da realidade do a noção concreta e sensorial de "espaço". Não vamos poder nos aprofundar muito no modo com que Einstein evidenciou esta verdade; pode-se, entretanto, consultar algumas obras a respeito, escritas pelo próprio Einstein, e também por Bertrand Russell, Eddington, Hawking e Penrose. Um resumo desta descoberta para uso de psicanalistas aparece em outro texto deste autor (SANDLER, “*A apreensão da realidade psíquica*”, 1997b).

"Dois princípios do funcionamento mental"; "instintos de vida, de morte e epistemofílicos"; “posições esquizo-paranóide e depressiva” e a comunhão integrativa destas três descobertas com a concepção de “contenente-contido”, parecem-me, segundo minha experiência clínica, mais próximos *da realidade tal como ela é*⁴, que podemos, não por favorecimento ou idolatria, mas por facilidade comunicacional, chamar “O”, como Bion cha-

⁴ O termo, “realidade tal como ela é” tem sido utilizado pelo menos desde a época de Francis Bacon; repetido por Immanuel Kant, e na psicanálise, por Freud, Klein, Winnicott e Bion.

Paulo Cesar Sandler

mou, do que qualquer outra coisa que já tenha surgido até hoje na história das idéias da civilização ocidental. Será difícil encontrar alguém que não tenha pelo menos constatado a realidade empírica daquilo que se convencionou chamar, Morte e Frustração.

Morte implica no surgimento de alguma concepção, na realidade mental, do sentido do tempo. "Dois princípios" não é a realidade tal como ela é, ou seja, não é "O"; é próximo a "O", "tão próximo quanto o animal humano conseguiu chegar até agora", na expressão verbal de Bion. "Morte", enquanto sentido (vetorial) que leva a uma concepção psíquica daquilo que se convencionou chamar - embora não se saiba o que é em seu âmago - paradoxalmente, "Vida", não é "O". Ambos são fatos reais, empiricamente observáveis. Dão-se no círculo de confusão (no sentido matemático do termo, da teoria dos conjuntos ou das séries de Frege) que pode ser denominado igualmente, como [morte/vida] e/ou [vida/morte]. A imagem especular é acidental, pois a equação implica em igualdade dos termos. Outro modo, mais superficial, por estar mais perto dos fenômenos, e mais longe do *noumena*, poderia ser, [frustração-origem do pensar]. O apelo a uma notação quase-matemática (colchetes) é intencional, mas corre o risco de tornar mais confusa a leitura para alguns leitores desacostumados desta notação. Risco comum: qualquer tentativa de simplificação pode soar como complicação a determinados ouvidos.

Contemporâneo de Freud, e exemplo do que ocorreu com Franz Schubert e Ludwig van Beethoven, sem terem tido a oportunidade de perceber o quão próximos estavam, o físico Max Planck foi um dos cientistas mais importantes da história da ciência. Suas aquisições comparam-se às de Albert Einstein, e como eles, tinha um pendor para a escrita clara e sintética:

Ainda que nos sentir inevitavelmente compelidos a postular a existência de um *mundo real*, no sentido absoluto, o fato de jamais podermos compreender totalmente sua natureza, constitui o elemento irracional que a ciência jamais poderá se livrar, e não se deveria permitir que este nome pleno de orgulho, “Ciência Exata”, originasse qualquer subestimação da significância desse elemento de irracionalidade. [...] Começamos nossas deliberações científicas de um ponto definitivamente ilusório. Procuramos um alicerce universal sobre o qual erigíssemos o edifício da ciência exata, um alicerce de firmeza e segurança inquestionáveis - e fracassamos em encontrá-lo. Agora, sob a luz dos insights ganhos, reconhecemos que nossa busca estava fadada ao fracasso mesmo antes de ter começado. Pois, considerando de modo básico, nossa tentativa baseava-se na idéia de começar em nossa exploração científica a partir de algo irrevogavelmente real, e acabamos chegando a compreender que tal realidade última é de natureza metafísica e jamais pode ser conhecida de modo completo. [...] Temos que nos satisfazer, entretanto, com um ponto de partida que seja de solidez inviolável, e mesmo assim de significância extremamente limitada, dado o fato de ser baseado apenas em dados individuais de experiência. É nesse modesto ponto que a pesquisa científica entra com seus métodos exatos, e trabalha, passo a passo, do específico para o

Paulo Cesar Sandler

geral. Para esse fim, ela precisa estabelecer e continuar mantendo em vista a realidade objetiva que persegue, e nesse sentido a ciência exata jamais pode dispensar a *Realidade* no sentido metafísico do termo. [...] O asseguramento de que toda nova descoberta, e todo novo fato de conhecimento ganho a partir dela, nos levará mais próximo de nosso objetivo, deve compensar-nos dos inúmeros, certamente consideráveis, retrocessos que são necessariamente criados pelo contínuo embate contra o caráter intuitivo e facilidade de aplicação do retrato [sensorialmente apreensível] do mundo. Na verdade, o presente quadro científico do mundo, contrastado com o retrato original do mundo, ingênuo, mostra um aspecto ímpar, quase estranho. As impressões sensoriais experimentadas de modo direto, as fontes primordiais da atividade científica ficaram totalmente fora do retrato do mundo, no qual visão, audição e tato não mais tomam parte (PLANCK, 1949, p.99; grifos do autor).

Intuição

Aquilo que se denomina ‘intuição’, muitas vezes detecta o que acabamos de chamar de óbvio - o mais difícil de ser percebido. A melhor definição que pude encontrar para ‘intuição’ vem da obra de Kant: uma apreensão da realidade sem interveniência do pensamento racional ou, aproveitando as expansões de Freud sobre a obra de Kant, racionalizador. Provavelmente haverá outra melhor, e a escolha desta se baseia apenas na minha ignorância de outras melhores, mas não na falta de pesquisa

de fontes disponíveis na história das idéias da civilização ocidental (BERLIN, 1977).

Creio que Kant, embora pudesse pessoalmente exercer intuição, como se evidencia pela leitura de sua obra escrita, não poderia recomendá-la como método em uma época onde esta se confundia com misticismo e quando metafísica estava sendo duramente atingida por críticas. A confusão entre Praticantes e a Prática-em-si sempre existiu; na Época da Banalização, a confusão ficou multiplicada logaritmicamente: confunde-se medicina com médicos e do mesmo modo, Psicanálise com Instituições Psicanalíticas, etc. A atividade mais atingida neste sentido tem sido a política, onde a *polis* grega virou artigo de museu nunca-visitado, e oportunismo demagógico-destrutivo, sinônimo de boa política.

Por “intuição”, estamos tentando nos referir à eventual e transitória possibilidade de captar o que é real, por experimentar o que não é real dentro de nós mesmos: captar aquilo que está instalado em nossas mentes, talvez filogeneticamente, na base do que Freud chamou de instintos e fantasias inconscientes. Talvez pudéssemos continuar fazendo uso da versão criada pelos tradutores de Freud para o inglês, James e Alix Strachey e Joan Rivière, e denominaríamos de *phantasia*, a fantasia inconsciente - os equivalentes psíquicos dos instintos. A primeira geração de psicanalistas no nosso meio fazia assim.

Talvez a possibilidade de percepção de um "senso comum" dependa de possuímos algo que vincula os sentidos dentro de nós, que mantenha nossos próprios sentidos um em comum ao outro. E quando o ouvido ouve algo que a visão também vê, teremos um “senso comum” dependente de um “algo-que-vincula” instalado filogeneticamente em vários níveis de algo que não podemos sequer saber se é cérebro ou mente? Pois em alucinação, pode-se perceber que os olhos olham algo que a própria

Paulo Cesar Sandler

mente desconfia que não exista. A questão com a desconfiança psicótica é que ela não desconfia da única coisa que precisaria desconfiar, ou seja, de sua crença na verdade absoluta do prazer. Algo que desvia sua atenção e ataca sua percepção. Em uma sessão de análise, conteúdos manifestos contêm resistências que o conteúdo latente demonstra se ligarem a algo que estava invisível ao olho sensorial.

Vimos então que uma das primeiras "verdades absolutas" que a mecânica quântica derrubou ao estudar o comportamento dos "átomos" e "elétrons" foi que átomos e elétrons não existem na realidade. Como os belzebus da Idade Média e os jaguadartes de Lewis Carroll - na transcrição em português de Augusto de Campos - estas entidades só "existem" no campo da crença ou enquanto palavras.

O que denominávamos há pouco de 'átomos' ou 'elétrons' são *pacotes de energia*, em relação aos quais não se pode nem mesmo dizer nada a respeito de sua massa, em um determinado instante: o elétron não é uma entidade concreta. E nunca se pode saber exatamente onde este paradoxal pacotinho de energia \leftrightarrow massa, que a mente mais concretizadora gostava (e ainda gosta, subserviente ao princípio do prazer e desprazer) de denominar 'elétron', se localiza. Continuemos tendo em mente que esta indeterminação não implica em inexistência da realidade ou ignorância. Vamos recapitular para quem já conhece, ou prestou atenção nas linhas precedentes deste texto - rever os amigos é sempre uma boa coisa -; ou, para quem não prestou atenção, talvez seja útil perceber agora aquilo que demonstrou Schrödinger: caso queiramos medir a massa de qualquer micro-partícula - próton, meson, electron - podemos fazê-lo, com precisão e rigor.

O termo 'localiza' diz respeito à natureza mais íntima, o "O" do elétron ou fóton ou meson: sua posição espacial (dada por seis parâmetros) e seu momento - ve-

locidade x massa. Recapitulando o "princípio da incerteza" de Heisenberg: ele observou empiricamente o fato de que *é impossível medir simultaneamente a posição e o momento (velocidade x massa) de uma partícula de modo acurado*. Veja-se que o princípio em si é *totalmente determinado*, embora diga respeito a um fenômeno artificial - nossas capacidades de medida e o objeto a ser medido e o movimento da partícula elementar - indeterminado.

Os dois⁵ princípios do funcionamento mental (princípio do prazer/desprazer, que Bion também chamou de prazer/dor e princípio da realidade) são totalmente determinados, embora digam respeito a fenômenos totalmente indeterminados, multiformes, idiossincráticos e individuais de cada pessoa. $PS \Leftrightarrow D$ (a notação quase-matemática de Bion para as posições esquizo-paranoide e depressiva) é uma formulação totalmente determinada e precisa, embora diga respeito a uma oscilação indeterminada \Leftrightarrow , que se dá em momentos indeterminados, dentro da sessão analítica. *Insight* é um termo utilizado por Freud que se universalizou, para se referir a um dos produtos de intuição.

Por certo temor da confusão entre Psicanálise e pseudociências e práticas esotéricas vigentes em sua época⁶ – ecoando o que ocorreu na época de Kant – Freud evitou intencionalmente o uso do termo “intuição”. Abrange tanto os processos de conhecer voltados à natureza interna, que elucidam os objetos (ou imagens) internos, intrapsíquicos, como os externos, a realidade do universo que nos cerca, objeto de atração desde os tempos de Aristóteles.

A mecânica quântica tornou-se possível, porque já existiam os achados correspondentes à teoria da relati-

⁵ FREUD, 1910: Dois princípios do funcionamento mental

⁶ A decadência naturalista (hoje comparável ao que se chama “natureba”) e o culto a personalidades implicando em ganhos pecuniários ou ideológicos das tradições místicas, ocorridas com a Naturphilosophie de Goethe, Schiller e Schelling originaram a tentativa de distanciamento de Freud destas tendências.

Paulo Cesar Sandler

vidade, tanto no que se refere à noção de espaço-tempo como na transmutação de matéria em energia. Hoje, o modo de pensar sobre aquilo que ainda continua se denominando elétron, mais por uma questão de hábito de nomenclatura, mas que não existe em si, é de uma nuvem energética, o orbital. Pode-se ter uma idéia probabilística da concentração de energia em certos pontos, mas não se pode saber onde o elétron está. Todas as quantidades de energia são sujeitas a flutuações simplesmente imprevisíveis. O que se pode fazer é quantificar estas flutuações, as nuvens energéticas. A própria quantificação destas flutuações é sempre dependente do observador: quer dizer, não medimos nem posição (espaço) nem momento isoladamente, mas sim medimos as interferências causadas pelo observador, que então é sempre parte integrante do fenômeno observado. Novamente, o cálculo da probabilidade é totalmente preciso - em função dele foi possível a Niels Bohr e Ernest Rutherford idealizarem o modelo atômico que tomou o nome dos dois, onde podemos saber que existem "orbitais". São zonas de maior probabilidade bastante claras, verdadeiras nuvens, onde transita o elétron - antes ou depois de dar seus saltos quânticos.

Isto quer dizer que um pacote energético pode estar em dois lugares ao mesmo tempo? A resposta é sim, e isto implica o "elétron" ou qualquer coisa considerada de modo macroscópico, dentro do espectro de absorção dos nossos órgãos sensoriais e de suas ampliações e magnificações como microscópios e telescópios ópticos ou eletrônicos. Não é possível entender isto, da mesma forma que não podemos entender nem visualizar espaços multidimensionais, algo possível aos matemáticos, pois o entendimento liga-se à macroscopia e à sensorialidade - inventos de nossa imaginação, frágeis tentativas de adequar as leis da ciência natural às leis de nosso funcionamento mental que não suporta o desconhecido que existe em cada momento de nossa vida.

Freud, ao perceber a linguagem onírica, também havia percebido que uma figura paterna pode estar em dois lugares ao mesmo tempo - na mente do indivíduo, como imago, e na realidade. Bion, ao descrever o "sentido de verdade", elucidou, após Klein, que este surge quando o objeto amado e o objeto odiado - ou seja, um objeto que parece estar em dois lugares ao mesmo tempo, como o pacote quântico de energia - é na verdade o mesmo e um único objeto. A aceitação dos pais como eles são exige *suportar-se o paradoxo* intrínseco à condição humana, que os pais que amam e odeiam o filho e os pais que são amados e odiados pelo filho são sempre a mesma pessoa, não a pessoa absoluta e idealizada que queremos que eles sejam. Este paradoxo é análogo aquele encontrado e igualmente suportado pela mecânica quântica, no que há de mais elementar na natureza.

O ser humano que se dedicou à ciência, como os que se dedicaram à filosofia e à arte, muitas vezes - demasiadamente muitas - afastaram-se do senso comum; coisa que o homem comum nem sempre fez. No que concerne à consigna dos editores deste periódico, perderam de vista, do mesmo modo que Kant fez, o que vem a ser o espaço-tempo, fixando-se em uma pseudo-realidade fantástica e imaginária, o Tempo, considerado verdade em si, verdade absoluta, única, solitária. Esqueceram-se do ser e do tornar-se. Negaram a realidade e a mente. Filósofos como Rorty dizem que realidade não é questão para filósofos; e que certos pensadores, como David Hume, seriam excessivamente "psicologizantes". Negaram a irreversibilidade de certos fenômenos fundamentais. Coisa que os Físicos acabaram re-adquirindo, com a segunda lei da Termodinâmica, que vamos rever à página seguinte. Através disto, elucidou-se a teoria da relatividade, e mais em paz com a realidade do fluxo do tempo (como = Fluxo; onde = do tempo), surgiu a denominação, *seta do*

Paulo Cesar Sandler

tempo (como = seta; onde = do tempo), aventada por Eddington em 1927.

Como algo pode não mudar, se tudo – inclusive o universo - acaba?

Por outro lado, paradoxalmente, formando o “e” nesta questão: como algo poderia continuar sendo o mesmo?

Uma reflexão potencialmente útil para um encaaminhamento destas questões poderia ser: a mente humana mudou quando se considera maternidade ou paternidade, nos últimos milhões de anos?

Terá sido o choro de uma criança, dentre os antigos hominídeos, que fez, por alguma mutação genética que possibilitou a alguém ou alguns que desconfiassem de que aquele serzinho “chorante” era seu filho, descobrindo-se a paternidade, mudando-se radicalmente a evolução do ser humano, determinando o próprio aparecimento do *homo sapiens* tal como ele é hoje? (DUPEIS, 1987).

Há indicações seguras de que até mesmo os antigos gregos do período Micênico agiam como um bando de inconscientes (JAYNES, 1976) - dentre os chefes gregos, aparentemente só Ulysses tinha uma noção, ainda que muito nublada, de paternidade, e do que era u’a Mulher, sua mulher. Para todos os outros, de Agamenon a Ajax, passando Aquiles e pelos troianos com Heitor e Príamo, pode-se afirmar que esta noção era inexistente. O que ocorre que alguns, ainda hoje, prosseguem sem ter concepção do que seja isto, não concebem a existência de Morte, de pai e mãe e filhos? A experiência psicanalítica demonstra os ataques aos ancestrais, sob forma de idealizações ou mágoas incomensuráveis; ódio que nega as origens e a irreversibilidade dos processos biológicos, que são renováveis, ou transcendentais apenas por meio de criação sexual, ou dentro do nível molecular, protéico e enzimático – como a re-captação de mediadores neuronais, tipo adrenérgicos, dopamínicos e serotoninícos. Não

se alcançaram, ainda, em termos de observação, e em consequência, em termos de hipóteses e métodos, níveis atômicos nem subatômicos (quânticos).

O fluxo do tempo (“seta do tempo”) produziu a teoria do *big-bang* - aquisição recente, re-valorizou a observação empírica, permitindo constatar que o universo físico está repleto de outros processos irreversíveis. Uma estrela não “brilha” (mera sensação obtenível para quem tem retina) para sempre; ela desaparece.

Talvez seja oportuno revermos a segunda lei da Termodinâmica. A morte humana era desafiada pelas crenças na vida eterna ou vida *post-mortem*. Só no século dezenove é que os físicos pararam de lidar, como Newton, com leis eternas que eram simétricas no tempo, não pendendo para favorecer nem passado nem futuro. Foi a termodinâmica que mudou isto para sempre: mais especificamente, a segunda lei da termodinâmica. Descobriu-se que não era possível que o Calor, já então mensurável, e detectável, fluísse de corpos frios para corpos quentes. Mas era possível que o Calor fluísse no sentido inverso: de corpos quentes para os frios.

Esta lei não é reversível. Ocorre apenas e tão somente u'a *mudança unidirecional*. O universo, a mente, tudo na natureza está envolvido em uma espécie de caminho irreversível e inalterável: caminha-se para um equilíbrio termodinâmico. Isto (seja lá que “isto” se pesquise) é assim e não é de *nenhum* outro modo; isto determina algo e pode ser encarado como determinístico. É uma tendência a um estado estável, dito entrópico, chamado de “morte calórica”. Quando se procura “entender” o que Freud pode observar a respeito dos instintos de morte, perde-se a noção básica de que ele estava cercado exatamente este fenômeno, entranhado na realidade última do ser. Não há nada para se “entender” em Morte nem nos “instintos de morte”. Há que se observá-los - se possível, cotidianamente. O sentido da morte não é algo inte-

Paulo Cesar Sandler

ligível, criado pela mente; mas é um sentido – entendido como vetorial real.

O fato do universo ainda não ter morrido implica que ele não pode ter sempre existido. Foi também lá pela década de vinte que os astrônomos, com a ajuda de físicos, constataram que o universo estava, a rigor, se expandindo, e que ele não era estático. Uma das constatações empíricas foi feita no Brasil, por Eddington. As galáxias fogem, por assim dizer, umas das outras. Isto é a teoria do "*big-bang*", de acordo com a qual o universo formou-se de repente, de modo abrupto, após um a explosão gigantesca, há cerca de 15 bilhões de anos atrás. Temos aqui um bom exemplo de algo que absolutamente não era determinado e este *big-bang* pode ter sido, como muitos acreditam que tenha sido, um ato probabilístico, que foi como foi, mas poderia ter sido de outro modo também. Tendo sido assim, foi assim e não foi de outro modo, e as coisas passaram a ser determinadas a partir daí, mas o *big-bang* em si foi fruto de indeterminação. O ato genético da dupla hélice do DNA se romper e se combinar imprevisivelmente para criar um novo ser me parece ser o correspondente biológico do *big-bang*, no que tange ao indeterminismo e ao desconhecido da situação inicial. Ao mesmo tempo, isto é a origem. Aquilo que se intuiu, tem se usado, mas jamais se conhecerá.

O *big-bang*, o início de algo, baseia-se na teoria da relatividade geral intuída e elucidada por Albert Einstein. Esta teoria mostrou algo que se pode colocar da seguinte forma: as questões do espaço não podem ser separadas das questões do tempo. Corresponde ao primitivismo mental pensar-se em espaço e tempo separadamente, ou como se eles fossem absolutos. É o mesmo primitivismo mental que se baseia em uma predominância do superego, que julga perante valores absolutos, como se existisse certo ou errado. Bion mostrou que a mente que não distingue o verdadeiro do falso recai neste

tipo de avaliação moral, de certo e errado. Isto se liga à impossibilidade de se integrar o objeto total, o bom e o mau objeto, que na verdade não são objetos cindidos, clivados, mas sim um único objeto. O matemático Whitehead, citado por Money-Kyrle, esclareceu isto de modo bem humorado. Observou que Galileu e a Inquisição fizeram uma verdadeira proeza: conseguiram concordar no único aspecto em que *ambos* estavam enganados. Ambos se enganaram justamente em sua crença nos valores absolutos: ambos acreditavam na mesma falácia que havia iludido uma mente robusta como a de Kant: a do espaço absoluto. Para Galileu, era o Sol o centro do Universo. Para a Inquisição, seria Terra o centro do Universo. Mas o Universo... sequer tem centro.

No cerne do *big-bang* pode-se perceber a unidade formulada por Einstein, que simplesmente acabou de uma vez por todas com imprecisões que nos vinham desde a apreensão sensorializada de Descartes e Newton. Mais próxima da realidade ("O" atemporal, *noumena*) tal como ela é, o "espaço-tempo", substituiu na mente do pesquisador, como sempre substituiu na realidade, o espaço e o tempo absolutos. Einstein e Freud não puderam escrever mais longamente sobre isto; a amizade e mútuo entendimento podem ter se baseado na intuição de que falavam sobre a mesma coisa, a apreensão da realidade.

No inconsciente, não há tempo absoluto - intuição precoce do Freud - e também não há espaço no sentido físico newtoniano. O *setting* analítico é o espaço-tempo onde ocorre uma análise. A experiência emocional ocorre na hora que ocorre: não há passado e nem tampouco há futuro: as coisas são o que são na hora que elas são; a vida só pode ser vivida naquele instante, naquele local, e o instante-local (espaço-tempo) da vida mental são unos. *Carpe diem*, dizia o senso comum, pelo menos na idade clássica. Bion retomaria isto quando recomendou que os analistas tentassem o mais possível trabalhar

Paulo Cesar Sandler

sem apegos alucinatórios à memória e ao desejo. A memória refere-se ao passado, ao que já foi e morreu. Portanto, não-existente. O desejo se refere ao futuro, aquilo que não nasceu: igualmente não existe.

Talvez por motivos apressados e de ódio ao desconhecido, fala-se bastante a respeito de um “espaço mental”. Não existe espaço mental, e não existe tempo mental: Freud mostrou que tudo se funde no inconsciente atemporal e anespacial. A tudo no que este tudo se refere a qualquer coisa que nós já conheçamos. Mas é algo que ocorre, e pode ser observado. Como por exemplo, o estado atual das galáxias expandindo-se, por assim dizer, furiosamente.

Pode-se dizer que se a pessoa esta viva, seu espaço-tempo mental esta sempre em expansão, independente dela mesma reconhecer isto. Reconhecimento, em psicanálise, é o movimento consciente-inconsciente, eterno enquanto dura a vida. Não se trata de *benesse* ou privilégio dos poucos iluminados que se submetem a rituais dos movimentos psicanalíticos. Acontece com todas as pessoas; os que se submetem a uma psicanálise podem ter alguma concepção disto, transitória, por lampejos, “eternos enquanto duram”. Melanie Klein denominou isto de *aquisição da posição depressiva* – sempre transitória.

A comunicação do sistema inconsciente com o consciente, igualmente eterna enquanto dura, ocorre o tempo todo, de lá para cá e de cá para lá. A ampliação da percepção dos fenômenos psicóticos, que igualmente ocorrem sempre, permitiu perceber que não há uma prioridade temporal entre estes fenômenos. Pode-se dizer que nada seria consciente se não tivesse sido inconsciente; o fenômeno não se dá tendo uma origem no inconsciente e rumando para o consciente (BION, 1957, 1962). Isto pode ocorrer em casos que podem ser isolados empiricamente, principalmente se o exame foi feito em pessoas funcionando prevalentemente dentro da personalidade

não psicótica, mas é sempre temporário, transiente. É um caso particular no caso mais geral dos movimentos contínuos entre os sistemas Ics. e Cs.. Freud observara isto na análise de sonhos; Bion estendeu a observação para a clínica cotidiana, valendo-se das observações de Klein, resumidas no estudo “*As origens da transferência*” (1952). Neste contexto, surgido da observação da personalidade psicótica, Bion expandiu, dentro dos referenciais de Freud (ou aplicando a noção da atemporalidade do Ics. de Freud à teoria de Freud), a teoria psicanalítica, que se demonstrava fraca para iluminar os eventos psicóticos. Não se demonstrava errada, nem pedia substituição. Demonstrou-se fraca, necessitando de reforço. Afinal, Freud não podia fazer tudo, e não dispunha da observação mais continuada do fenômeno psicótico, nem da análise de crianças, algo que Klein e Bion dispunham. Na sua época, ainda havia uma diferenciação quantitativa da personalidade psicótica, em relação à não-psicótica, e foi graças aos ombros de Freud que Klein e Bion puderam entender as observações de Freud sobre psicose, no que se relacionou aos fenômenos de racionalização - descobertos na apreciação do caso do Juiz Schreber - negação, clivagem do ego e alucinação onírica e de vigília. A metáfora dos “ombros” parece ter sido proposta por Dante, em relação a Horácio; depois utilizada por Newton em relação a Galileu; e por Einstein em relação a Newton.

Uma apreensão mais fácil da unidade de espaço-tempo no que tange à teoria do *big-bang* pode ser obtida através do artifício usado tanto por Bertrand Russell como por Stephen Hawking: imagine-se o tempo cósmico, registrado por uma cinematografia “cósmica”, que corresse para trás. Teríamos então nesta imaginação as galáxias se comprimindo: iriam se aproximar, ao invés de se afastar entre si. O material galáctico ficaria tão comprimido, tão comprimido que ocuparia um espaço infinitesimalmente pequeno, com uma densidade monstruosa-

Paulo Cesar Sandler

mente enorme. Haveria algum limite para esta compressão? Imagine-se a energia comprimida neste caso. Ao se atingir um estado de compressão máxima, teríamos também uma gravidade máxima. É possível então se imaginar a existência de alguma força externa monstruosamente gigantesca que pudesse contra-arrestar esta gravidade. Esta força é uma condição necessária para nossa conjectura, pois se ela não existisse, a gravidade máxima estaria sempre ganhando a parada e o nosso material galáctico estaria sendo ainda mais comprimido, infinitamente comprimido. E quanto mais comprimido, mais gravidade. Seria um processo infinito, sem uma força estabilizante ou uma possibilidade de entropia. Haveria uma força estabilizante, como a força externa que contra-arrestasse a gravidade? Será que o material galáctico ficaria tão comprimido que ficaria também tão endurecido que o processo cessaria? Em condições tão extremas, a natureza teria algum recurso para promover sua própria continuidade?

O nosso material muito comprimido seria muito duro, cada vez mais duro. Como se comporta a velocidade do som neste material? Quanto mais duro e mais denso, maior a velocidade do som. Se a densidade e dureza, a compressão deste material cósmico primitivo e inicial fosse levada a extremos tão grandes, teríamos um momento em que a velocidade do som igualar-se-ia à velocidade da luz. Mas acontece que não há nada que possa viajar à velocidade da luz. Isto é, a despeito das aparências, algo muito sério tanto para um psicanalista como para qualquer pessoa considerar em sua vida. É nestas percepções-limite, como o fato de não haver nada que possa viajar a esta velocidade, que temos uma cristalina, simples e real constatação da realidade; tão real quanto a morte. É deste modo e não é de nenhum outro. Não é uma invenção da mente, não é uma imaginação, não é

uma criação, não depende dos métodos usados para observar o fato.

Neste momento, ao se atingir a velocidade da luz (o que difere de viajar a esta velocidade), a matéria se transmuta em energia, e, portanto nenhum material, nem mesmo o hipotético material cósmico infinitamente comprimido através do *big-bang* filmado de trás para diante poderia ser infinitamente condensado. Em algum momento durante esta compressão, a força da gravidade seria maior do que a força da densidade, da dureza, e a dureza não conseguiria conter a tendência compressora da gravidade. Conclusão: em condições de extrema compressão, como a que ocorreu no *big bang*, não há força nenhuma no universo que pudesse fazer frente e vencer a esmagadora força da gravidade. Trata-se, na “dimensão” do grande universo, da contrapartida do *insight* psicanalítico. Como sabemos que a matéria cósmica está se expandindo uniformemente, então ela só pode ter sido, em um determinado momento, infinitamente comprimida, ou seja, o universo inteiro deve ter sido comprimido em um ponto único do espaço e em um ponto único do tempo: a unidade básica espaço- -tempo. Neste ponto a força gravitacional e a densidade do material eram infinitas. Só havia matéria, não havia energia ($E=mc^2$) e então a energia era infinita, e igualmente não havia matéria, só havia energia. O *big-bang* ocorreu. Até poucos anos, a única verificação empírica deste fato era no domínio matemático, mas temos agora indicações astrofísicas, pela sonda Hubble. Não tenho certeza que sejam confirmações melhores, mas pelo menos não requerem um matemático, e este tipo de empirismo fornecido pela Física é sempre sentido como sendo mais confiável – pelo menos para os não-matemáticos.

Paulo Cesar Sandler

Transcendência: a atemporalidade do que é real

A psicanálise tornou possível suportar o paradoxo que se sabe e não se sabe algo, e que o saber momentâneo constitui conhecimento transcendente. O paradoxo: *o objeto que é conhecido e o objeto que é desconhecido são o mesmo e um só objeto*. Este objeto do *insight* é transcendente:

- Transcendente por transcender, transgredir a sensorialidade momentânea do que é falado. Em psicanálise, ouve-se além do escutar-se, pois se escuta o conteúdo manifesto. Enxerga-se o detalhe aparentemente insignificante que o aparato visual não olha. Cega-se artificialmente à imposição propagandística esquizo-paranóide de um discurso prolapado baseado em convencimentos racionalizadores e racionais.
- Transcendente no sentido de ser consciente e inconsciente ao mesmo tempo. Para que algo seja tornado inconsciente, necessita ter sido consciente de algum modo, transcendendo este estado; e *vice-versa*. Como Freud percebeu, o "ego" era consciente e inconsciente ao mesmo tempo. No momento de suportar o paradoxo, muitos tentam resolvê-lo; a não suportaçãõ do paradoxo nega o campo dos *númena*, receando que ocorra, como diz Bachelard, uma “*endosmose abusiva do assertórico no apodítico*” (BACHELARD, 1938, p. 10); em linguagem menos técnica de filosofia, é necessária tolerância para o fato de algo só poder ser real se for necessário; assim, algo não pode ser real, se não for necessário. Necessidade e possibilidade, dupla transcendental que impõe escolha no acaso.
- Transcendente no sentido da dimensão mítica referida por Bion em “*Elements of Psychoanalysis*”

(1963), e utilizada na prática antes dele por Freud quando de sua intuição a respeito do triângulo edipiano, de algo universal e comum a todos os seres humanos. É a dimensão da generalização. Cada fígado é individual, mas a transcendência "fígado", ou mais precisamente, a qualidade "figadisse" mostra uma invariância transcendente ao indivíduo, comum a todos os indivíduos e diferente na individualidade. Um modelo poderia ser o das impressões digitais.

Alcançar uma associação livre, aperceber-se qual um artista, pelo menor parcialmente daquilo que ocorre no instante em que ocorre, emerge como possibilidade quando se abandona a crença calmante no já conhecido, no já localizado, no já ocorrido. O princípio do prazer anseia o futuro como estado de ausência de frustração. Começa com esperança, aumenta na expectativa e alcança o nível destrutivo da exigência, onde o interesse de pessoa precisa prevalecer sobre o da outra. É o ponto de viragem, como no papel de tornassol, em que interesse se transmuta em interesseísmo; amor, em golpe do baú; oportunidade, em oportunismo. Seria necessário perceber o perigo em exclamações fáceis do tipo "Este paciente me interessa". O princípio da realidade se impõe mostrando que as coisas são como são; podem ser percebidas; até certo ponto usadas, ainda que incompletamente, no mais das vezes, fugazmente. A velocidade da luz ocorre de um modo e nunca ocorre de nenhum outro modo; pode-se usá-la de alguma forma.

Kant suspeitava que estas transcendências eram conhecimentos possíveis. Embora não no sentido de conhecimento consciente, a experiência analítica demonstra que o são, ainda que fugazes, parciais, falhos e momentâneos, inefáveis, experimentáveis, mas alógicos; atemporais. Eternos enquanto duram: o *insight* referido por Freud.

[...] tudo faz crer que as idéias transcendentais tenham sua utilidade e, por conseguinte, um uso imanente, se bem que possam ter uma aplicação transcendental e justamente por isso ser enganosas quando a sua significação é ignorada e elas são tomadas por conceitos de coisas reais (KANT, 1781, p.319).

Instila-se morte no conceito ao tomá-lo como entidade concreta, ao confundir o modelo ou esquema com a realidade. Confunde-se assim a imanência com a “*aplicação transcendental*” (KANT, 1781, p. 319). Animiza-se e antropomorfiza-se os conceitos, que “passam”, na mente alucinada, a ter “vida própria”. Exemplos em psicanálise: procura-se o id no sistema límbico, em uma concretização de um modelo; e pensa-se que uma “relação” (relação mãe-bebê, por exemplo) tem vida própria, independente da mãe e do bebê, assim com a identificação projetiva, a transferência, etc. “Hominizadas” como disse Waldemar Zusman, poderiam “agir” por si mesmas. Ficou voz corrente, “Como está a sexualidade de seu paciente?”. Como se sexualidade fosse algo além de uma palavra, um modelo, e pudesse “estar” de algum modo. Ou, “eu trabalho na transferência”, como se transferência não fosse apenas um modelo. Concretiza-se algo que passa a ser sensorialmente procurado e tocado, como se fosse um nariz ou orelha. De quando em quando, certos “assuntos” viram moda e passam a ser reificados do mesmo modo, como “criatividade”. Fala-se em “o real”, “o sensorial” do mesmo modo. São modos de alucinar *númena* negativo. Perde-se a “função” que o conceito pode apresentar - em si, denotando algo “vivo”, funcionando enquanto funciona.

Com efeito, jamais as idéias mesmas, mas simplesmente seu uso pode ser *so-brevoante* (transcendente) ou *doméstico* (imane) com respeito a toda experiência possível, de acordo com a direção que se dê a estas idéias (KANT, 1781, p. 319).

Com a psicanálise, assim como em matemática e física moderna, percebe-se melhor que o próprio uso das idéias pode ser transcendente e imanente ao mesmo tempo, caso que me parece exemplificável com o triângulo edipiano. O analista transcende seus sentidos psíquicos, como a mãe transcende os que eventualmente seja "dona", para alcançar um senso comum com o paciente, e uma comunicação ocorre quando ambos transcendem o que lhes é particular. É um ato que tem tantas relações com a experiência estética, que mereceria estudo à parte - posso apenas sugerir-lo no momento: a verdadeira obra de arte transcende as individualidades idiossincráticas do artista, alcançando níveis míticos, universais. O sêmen transcende o corpo masculino e o óvulo fecundado transcende o sêmen e também o óvulo que "ele" foi antes da fecundação; o novo ADN do bebê transcende os ADN's parentais.

Apreensão

Tem sido um termo que me pareceu útil; adotei-o para boa parte de meus escritos, desde pelo menos 1992. Originou um ciclo de conversas publicado pela Imago editora, do Rio de Janeiro, e foi objeto de alguns cursos e palestras em São Paulo, Curitiba, Brasília, Porto Alegre, Lisboa, Fortaleza, Rio de Janeiro, Roma, Turim, pelos menos três congressos da IPA (Santiago, Nice e New Orleans) e vários artigos dentro do movimento psicanalí-

Paulo Cesar Sandler

tico, publicados através do mundo, inclusive Paris, Londres, Moscou.

Penso que a psicanálise tem muito a contribuir para mostrar a falácia contida em se tomar os dois pólos clivadamente, como se cada um fosse a verdade absoluta, não suportando o paradoxo contido na sua existência conjunta e irresolvível. O real desenvolvimento de ser tendencioso, ora para o ramo ingenuamente idealista, ora para o ramo ingenuamente realista talvez seja impossível caso não se leve em conta os estados de mente dos investigadores. Uma dificuldade que muitos sentem intransponível é: a contribuição da psicanálise só existe por meio da análise pessoal do investigador. Um caso clínico de minha experiência pessoal mostrou, em um cientista, que seu apego a determinadas teorias tinha uma questão emocional envolvida. Seu descortino e produção científica se modificaram durante a análise. Mas a experiência mostra outros fatos também. Quem, em sã consciência, exigiria que os cientistas e filósofos se submetessem a uma análise? Ainda mais se levarmos em conta que, havendo muitos caminhos para Roma, sempre houve, há e existirão pessoas que adquirem, sem psicanálise, algum senso comum, sabedoria e auto-consciência de sua própria destrutividade, ou seja, maturidade necessária para diminuir onipotência ao ponto de breçar sentimentos de posse absoluta.

Embora um escrito como este aqui só possa dar idéias errôneas do que é uma psicanálise, algo pode ser dito teoricamente sobre as contribuições que ela faz quanto à controvérsia idealista e realista. Ela nos propicia observar algo que parcialmente origina tanto o “realismo” quanto o “subjetivismo” anteriormente percebido pelos filósofos. Talvez seja uma controvérsia onde ambos se enganam, por se aferrarem a valores absolutos. Ela mostra que o estado de mente de ambos se aproxima daquele estado do psicótico; um, o realismo ingênuo, cuja aluci-

nação é concretizante (BION, 1956, 1957, 1962; SEGAL, 1957; SANDLER, 1990, 1997a). E outro, o idealismo ingênuo, cujo componente “produtivo”, como se diz em psiquiatria, predomina. Ambos são a expressão, na vida das pessoas, do que Melanie Klein denominou “posição esquizo-paranóide” e “identificação projetiva”. Pensa-se algo sentido como desagradável, cliva-se essas partes desagradáveis do todo e tenta-se impor projetivamente à realidade os pensamentos. No caso do realismo, predomina o fenômeno esquizóide, de clivagem da realidade no sentido da concretude; no caso do subjetivismo, des-casados da experiência, esses pensamentos projetados tentam predominar sobre a realidade. Enquanto isto, predominaram o *Realista Ingênuo*, que adere ao empirismo da experiência sensível e à falácia do observador neutro, e o *Idealista Ingênuo*, que nega a experiência. Um se imagina dono da realidade externa e o outro, que a realidade interna determina e legisla sobre a externa, e sua posse é ainda mais onipotente, divino-símile, pois ele imagina tê-la criado. O *Realista Ingênuo* obteve uma série de sucessos no mundo inanimado. Persistem ainda hoje estes dois tipos de teóricos, ambos sem conseguir aprender e usar a observação empírica revisitada por Kant. O “empírico pós-Kant” poderia levar em conta a interferência do observador no fenômeno observado; mas isto me parece só ocorrido, de modo integrado, com Schopenhauer e Nietzsche na filosofia. E com Freud, Planck, Einstein e Heisenberg na ciência, muito tempo depois. Parece-me que o subjetivismo ou idealismo pode ser mais destrutivo, individual e socialmente. O realismo talvez condene a humanidade a uma pobreza emocional; o subjetivismo a condena a uma pobreza travestida de riqueza. Talvez boa parte da miséria da filosofia atual, reduzida a uma caricatura do que foi, em termos de importância para o mundo e para a ciência, se dê em função do fato de muitos dos filósofos estarem perdidos em ra-

Paulo Cesar Sandler

ciocínios, jargões auto-alimentantes, circulares, mero subjetivismo não detectado. Criatividade desandou em partenogênese e esta, em negação da existência da realidade. “*Conceitos sem intuição são vazios*”.

A investigação empírica “em si”, destituída da intuição que detecta invariâncias e fatos selecionados sempre recai na pesquisa estéril onde se reifica o método (ADORNO, 1967) e os princípios diretores de generalização são inacessíveis; é o realismo ingênuo, *conceitos sem intuição*. O raciocínio dedutivo destituído de intuição sempre desanda no “realismo ingênuo”.

Foi Kant quem primeiro captou firmemente a verdade que a tarefa do filósofo é -- e sempre foi -- não procurar respostas a questões empíricas fatuais, que são respondidas pelas ciências específicas... (BERLIN, 1956, p. 24).

Em psicanálise, não se respondem determinadas perguntas por meio destes dois instrumentos exclusivamente. Os métodos dedutivos não têm lugar nela. Muitas vezes não se respondem perguntas. Tenta-se perceber se talvez tenham sido colocadas falsamente, ou sejam falsas perguntas. Leva-se a sério o fato notado por Maurice Blanchot, várias vezes citado por Bion, “*a resposta é a infelicidade da questão*”. Por exemplo, numa entrevista psicanalítica, o analista sequer faz perguntas. Ele suporta o desconhecido, como o escultor, aguardando que o fato “saia da pedra”. A observação daquilo que o paciente fala livremente revela algo além do que é falado, algo que é dito independentemente de perguntas e demanda ser ouvido. A apreensão minimamente suficiente do que é falado não pode ser mensurada no tempo: ocorre em nanogésimos de segundo e ao mesmo tempo, pode durar muitos anos. Pode nunca ocorrer.

O inconsciente mesmo é o fazedor de perguntas. Caso esteja enfrentando o princípio de realidade, de amor à verdade, estas perguntas se ligam às necessidades - biológicas, instintuais. Conduz a uma espécie de “Marco Pólo” que existe em cada um de nós, ou artista, ou matemático, ou cientista. Caso não se enfrente este princípio da realidade e se se curve ao princípio do prazer/desprazer, o inconsciente vira um fabricante de respostas. Afasta-se gradualmente da verdade interior que se manifesta por *necessidades e possibilidades*. Confunde-se *desejo* com *necessidade*. É nesses casos que se verifica a situação mencionada por Roger Money-Kyrle, a respeito de escolhas enganadas proliferarem no inconsciente (MONEY-KYRLE, 1968). Money-Kyrle detectava a situação instintiva segundo as observações iniciais de Freud, até 1920, de o instinto buscar satisfação. *Podemos considerar que a proliferação de concepções enganosas ocorre quando o desejo e a memória tomam conta do lugar de onde poderia haver intuição.*

Nos termos mais coloquiais oferecidos por Bion em sua obra “*Uma memória do futuro*”, onde os personagens são mulheres, homens e há também um personagem chamado “psicanalista” (PA):

P.A: *THEA: Não sei por que se supõe que a verdade iria emergir nos sonhos.*

P.A: *In vino veritas, não significa que o bêbado ou o sonhador está falando a verdade. O bêbado como o sonhador, tem menos oportunidade de ser um mentiroso eficiente; é pouco provável, que ele consiga dar um polimento ou uma aplainada no lugar onde está a “farpa”. Só que sua incompetência pode se tornar um bom negócio.*

ROBIN: *Atribuem-se “forças” excepcionais aos sonhadores e aos poetas.*

P.A: *Aqui ocorre uma ambigüidade, uma vez que não se distingue o sonhador do poeta ou do sábio. O*

Paulo Cesar Sandler

sonhador é como o bêbado alguém que frequentemente está em um estado de eficiência consciente rebaixada. O ser humano tem de estar consciente para ser eficiente, ou como nós dizemos, precisamos estar “afiados”. Nós não nos preocupamos tanto com o que o indivíduo quer dizer quanto com o que ele não tem a intenção de dizer, mas de fato diz.*

ROLAND: Isto vai depender da sua interpretação do que ele diz - não do que ele diz.

P.A: Eu me preocupo com o que ele diz e sobre o que ele diz. Minha interpretação é uma tentativa de formular o que ele diz de tal forma que ele possa compará-lo com suas outras idéias.

ROLAND: Se eu digo que estou indo para Munden, quero dizer exatamente isto. Eu não estou querendo dizer que vou ter uma orgia sexual.

P.A: Se, como é o caso, eu estou tendo um contato social com você, vou me preocupar apenas com o fato de que você pretende ir a Munden. Se você vier me procurar em busca de auxílio médico, vou então me preocupar com suas condições físicas para ir, e procuraria ouvi-lo e observar por mim mesmo quais questões médicas estariam envolvidas em sua viagem daqui até lá. Se você dissesse que deseja ajuda mental, eu encararia a intenção “ir para Munden” como sendo “periférica” ao que está envolvido. Caso eu considere ter tido sua permissão para descobrir o que estava envolvido em vir me procurar e “ir a Munden”, eu poderia dirigir minha resposta para a área sinalizada pelas palavras “orgia sexual”.

ROBIN: Em outras palavras - sexo.

P.A: Não, não é sexo - é a área sinalizada pelas palavras que Robin usou.

ROLAND: Apenas palavras?

P.A: Não. Pode ser qualquer coisa que pareça ter sido usada como sinal. Palavras, como Freud mencionou, são parte de uma invenção recente, a capacidade

humana para conversar. Existem métodos muito mais antigos e primitivos. Por exemplo: métodos sexuais (BION, 1977, pp. 68 e segs.).

Idealistas e Idealistas Ingênuos, chamados a época de Freud e por ele mesmo de solipsistas e pela filosofia na época de Kant e em outras épocas, de subjetivistas, odeiam este termo. Kant chamava de realistas ingênuos aquelas pessoas que fantasiam que realidade é algo limitado àquilo que seu aparato sensorial pode apreender; Idealista Ingênuo seria, no meu modo de observar, a pessoa que fantasia que o universo é produto das criações de sua mente. Tentaram decretar sua morte através de exclamações como “realidade psíquica não se apreende, se constrói”. Algo que sintetiza sua pretensão, tipicamente idealista. Como todo idealista acha que pode, por autoritarismo (ocupação em tempo integral e dedicação exclusiva da posição esquizo-paranóide, evitando a todo custo sequer experimentar fenômenos mais típicos da posição depressiva, abominando a passagem entre as duas), ficam sempre procurando e se cercando da força política para poder *impor* como as coisas *devem* ser, ao invés de observar como elas *são*. Ambos tendem a se isolar na posição esquizo-paranóide de modos diversos: o Realista Ingênuo se apóia na apreensão sensorial e fantasia que ela é a única maneira de apreender a realidade; o Idealista Ingênuo, provavelmente mais perigoso do ponto de vista social, pois pretende a dominação e a conquista por violência física e mental (inicialmente, do pensar), apóia-se na exacerbação de suas produções paranóides: fantasias de superioridade moral exercida imoralmente, produções alucinatórias e delirantes, estados de alucinação cotidiana.

Apreensão pode ser vista como "*o acolhimento na síntese da capacidade de imaginação*" (KANT, 1781, p. 129). Imaginação se refere a uma capacidade da mente humana (e de outras espécies, que no momento não nos interessam) de tornar imagens seja lá o que for. Capacidade

Paulo Cesar Sandler

dade que intrigou Freud, originando seu estudo de sonhos. O texto de Kant se refere ao fato de existirem objetos do campo da consciência; nossa apreensão deles limita-se a representações no que ele chama de “sucessões dos múltiplos”, que são temporais. Estas apreensões são, no texto de Kant, necessariamente imaginativas, pois não podemos apreender os objetos como coisas-em-si, ou realidade última. A ação da imaginação se dá no modo de apreensão dos chamados múltiplos e sucessões; a imaginação não substitui o objeto e muito menos o cria o legisla. O alerta de Kant se refere à impossibilidade de domínio racional completo da coisa-em-si; mas Kant não duvidava de sua existência, e nem de sua ação. O fenômeno não é jamais algo que criamos ao bel-prazer instrumentado pela nossa capacidade fantasiosa, de fazer crenças nem tampouco alucinatória. Expressão de uma realidade, o *númena* é real, mesmo que os nossos métodos de intuí-los sejam ilusórios e falhos. Assim como nossos modos de formulá-los para nós mesmos; assim como nossos sentidos para perceber os fenômenos. Após o advento da psicanálise, ficou mais claro que a natureza de algumas destas limitações são os sentimentos, que impedem a apreensão da realidade; psiquicamente, ela se dá nas experiências emocionais. Não podemos legislar nem construir nem criar a realidade. Como diz Bion em “*A memoir of the future*” (1977), “*a realidade [verdade] é robusta e prevalecerá*”. Tenho a impressão de que as cuidadosas ressalvas de Kant a respeito das ilusões do pensamento puro, da ilusão transcendental como ele a denominou, permitem leituras em que sobressai o privilégio de formas alucinatórias de funcionar, ou uma certa entronização do triunfo legisferante sobre a própria realidade, típica manifestação de fenômenos esquizo-paranóides.

O texto de Kant, em contraste, afirma, em mais uma de suas defesas de um verdadeiro empirismo:

Menos ainda podem fenômenos e aparências ilusórias (*Erscheinung* e *Schein*) ser tomados como idênticos. Certeza e ilusão não residem no objeto enquanto intuído, mas sim no juízo sobre ele, enquanto é pensado. Portanto, pode-se em verdade dizer corretamente que os sentidos não erram. Isto não se dá pelos sentidos julgarem corretamente -- mas por eles não julgarem de nenhum modo. Em consequência, tanto o acerto como o erro, e portanto a ilusão que induz a este, só podem se encontrar na esfera do juízo, isto é, na relação do objeto com nosso entendimento (KANT, 1781, p.177).

Shakespeare (“*Hamlet*” II, ii, 247), Hobbes e Voltaire haviam chegado à mesma constatação; “*não há coisas boas nem más - a mente assim as faz*”

A Natureza desconhece o certo ou o errado; o engano é descartado apenas por ser discordante da realidade, e neste sentido falso. Seleção Natural desconhece moral. Uma hipótese é que haja “mentes” e “mente”; “realidade psíquica” e “realidades psíquicas”. Os primeiros são transcendentais, os segundos, imanentes. Há o fígado (uma qualidade atemporal, transcendente) e fígados (de indivíduos, particular, imanente). Os dois são inseparáveis, a não ser pela ação do que Melanie Klein, após Freud, chamou de clivagem (*splitting*). A “qualidade fígado” pode ser apreendida na ausência do objeto; fenomenicamente falando, intrapsíquica; corresponde às classes e categorias de Platão; trata-se de uma forma platônica, que já estava lá, à espera dos histopatologistas, anatomistas, cirurgiões e clínicos para pensá-la, inclusive no nível, hoje em dia, das altíssimas concentrações de ATP (Adenosina Tri-fosfato) a unidade energética pri-

Paulo Cesar Sandler

mordial da biologia celular, e seus futuros sub-componentes que ainda poderão vir a ser observados, dentre as outras funções primordiais que conferem a qualidade "fígado". Sem o empirismo, os produtos da mente, diversos daquilo que a mente pode perceber como existente, justamente por não depender mais da existência ou presença concreta de algo, arriscam-se ao delírio e à alucinação. Quando chegará o momento de diferenciarmos a realidade contida da alucinação implícita nas várias explicações e esquemas prévios já disponíveis dentro do movimento psicanalítico, prováveis "vastas paramnésias" para encobrir o vazio de nossa ignorância, como disse Bion?

É em Kant que este problema me parece ter sido abordado, naquilo que ele denomina de "*ilusão transcendental*", algo "*que influi sobre princípios cujo uso jamais se apóia na experiência - caso este em que teríamos pelo menos uma pedra de toque de sua correção*" (p. 178) e então "*Torna-se desnecessária uma crítica da razão em seu uso empírico, pois os seus princípios são submetidos a um teste contínuo na pedra de toque da experiência*" (p.351). A "Pedra de toque", em psicanálise, chama-se clínica; a "pedra de toque" da experiência é a disciplina científica ou artística, ou amor à verdade. Parece que há isto na obra de Kant; é possível constatar em seus escritos como ele volta ou abandona qualquer delírio que aparentemente entretém, como nos seus tempos de tentativa de prática científica.

A ilusão transcendental [...] conduz-nos inteiramente para além do uso empírico das categorias e entretém-nos com a fantasmagoria de uma ampliação *do entendimento puro*. Queremos denominar *iminentes* os princípios cuja aplicação se mantém completamente nos limites da

experiência possível; *transcendentes*, porém, aqueles princípios que devem sobrepassar tais limites (KANT, 1781, p. 178 - grifos de KANT; grifos meus).

O texto de Kant permite um certo *insight* a respeito do fenômeno fantasioso (vãos de fantasia, como dizia Francis Bacon), que correspondem aquilo que hoje se chama, após as descobertas da psiquiatria e da psicanálise, de fenômenos alucinatórios e alucinose. Kant os chamou de "fantasmagorias"; e a respeito do entendimento puro, ou posse da verdade última, representa um perigo para o processo de conhecer, prescindindo do objeto de estudo, da realidade dos fatos tais como eles são. Kant faz uma diferenciação entre princípios *transcendentes* e *transcendentais*:

Por estes [princípios transcendentais] não entendo o uso ou abuso *transcendental* das categorias, que não passa de um simples engano da capacidade de julgar que não é refreada convenientemente pela crítica e que não presta suficiente atenção aos únicos limites de terreno em que é permitido o jogo do entendimento puro; mas entendo por eles [princípios transcendentais] princípios efetivos que os impelem a derrubar aquelas barreiras e atrever-se a um terreno completamente novo que em geral não conhece nenhuma demarcação. Por isso *transcendental* e *transcendente* não são idênticos. Os princípios do entendimento puro, por nós expostos acima, devem ser de uso meramente empírico e não de uso transcen-

Paulo Cesar Sandler

dental, isto é, que ultrapasse os limites da experiência." (*loc.cit.* - grifos de KANT:).

Ao se dizer, “real”, ou “verdade”, estamos lidamos com o que é transcendente; ao se dizer, “o real”, “a verdade”, temos uma “ilusão transcendental”.

Intuição a priori e intuição sensível

Há durabilidade histórica no fenômeno onipotente, religioso e alucinatório que outorga propriedades criadoras à mente que se encontram imbuídas da mesma natureza que outrora se outorgou à Divindade. Destrói-se qualquer alternativa à alucinação. Para psicanalistas, esta questão me parece nevrálgica e central. A transcendência “torna-se”, na mente destas pessoas, eternidade. “Atemporal” fica, ou permanece como concepção impossível; com este estado mental, “torna-se” ódio à seta do tempo. Idéia expressa desde tempos bíblicos como a de Matusalém, ou versões mais modernas como a de Peter Pan, ou de Oscar Wilde no “*Retrato de Dorian Gray*”, e entre estas duas fantasias de “máquinas do tempo”, “tempo que volta para trás”, mostram a impossibilidade de conceber a atemporalidade transcendental do inconsciente.

Espera-se que um psicanalista possa ter elaborado, até certo ponto, aspectos do que Freud chamou de “*Narcisismo*” e Klein de “*Posição esquizo-paranóide*”. Expressões do Instinto de Morte, de falta de compaixão e falta de amor à verdade, mesmo que não estejam ligadas a cinismo e delinqüência, significam e expressam ódio ao conhecimento, ódio à realidade tal como ela é -- que passa a ser considerada com algo que poderia se amoldar às nossas leis e às leis de nossas Ciências. Embora eu pense que a ênfase sobre este aspecto talvez nunca seja excessiva, minha experiência tem me demonstrado o quão inútil ela é quando apresentada em textos escritos como este

aqui, na medida em que o *insight* a respeito deste aspecto depende de desenvolvimento emocional.

Um leitor onipotente e idealista tende a entender o conceito das *intuições a priori* e da intuição de modo geral como se fosse desvinculada da experiência. Como elas justificassem criações mentais a partir do nada, com a complicação de resultarem em expressões da genialidade de alguém em particular. A intuição *a priori*, escreveu Kant, *jamais* pode ser dissociada da experiência. Analogicamente, os escritos de Kant expressam uma tentativa digna de um Homero, quando ele descreve Ulisses e as sereias: um cuidado para não resvalar em concepções absolutas, partenogenéticas, eternas no sentido de não terem início ou fim. No que tange a Espaço e a Tempo seu cuidado parece-me não ter sido bem sucedido. Isso não desmerece a existência do cuidado, nem tampouco a relevância de sua contribuição. Talvez estejamos frente à sabedoria popular de provérbios tais como "*casa de ferreiro, espeto de pau*", ou "*santo de casa não faz milagres*".

Os *a priori* tempo e espaço

Algumas idéias reconhecidamente falsas, caso seja transcendidas, podem servir para uma maior aproximação da realidade tal como ela é. Um exemplo comum é a idéia de que "o sol nasce". Embora isto tenha se demonstrado falso, teve sua utilidade na escala humana de apreensão durante a época em que ainda não havia se descoberto a possibilidade de fabricar ampulhetas e suas variações mais modernas, os relógios. Os *a priori* descobertos por Kant possuem uma importância maior do que a falsidade da identificação de quais teriam sido estes *a priori*. Parece-me que talvez caracterizem uma ênfase e descrição mais pormenorizada da primeira re-descoberta da história do pensamento ocidental, de modo explícito,

Paulo Cesar Sandler

desde Platão, *que o observador interfere no fenômeno observado, na medida em que algo desta observação depende do próprio observador*. Por que “ênfase”? Pois Kant inspirou-se em David Hume, quanto às conjunções constantes, que permanece sendo o pioneiro na redescoberta da verdade descrita por Platão, como iluminou Isaiah Berlin. O observador, segundo Kant, impõe sobre os fenômenos *dimensões* de espaço e tempo que pertencem a ele, observador, e não ao objeto. Isto pressupõe a existência de um objeto que *já está lá*. Se não desautoriza, pelo menos questiona seriamente leituras idealistas da obra de Kant. Coisa que ele mesmo alertava; sua aplicação do método crítico aos idealistas de sua época, como Leibniz, é sempre convenientemente desprezada por este tipo de leitor – dentre os quais destaco, pela popularidade que o cercou, Giles Deleuze.

Faço a hipótese que Melanie Klein e Freud apoiaram-se nos ombros da obra de Kant quando observaram a existência de algo que denominaram, à falta de um nome prévio, de "*objetos internos*" e dos processos psíquicos que denominaram "*projeção*" e "*identificação projetiva*". Os desenvolvimentos da psicanálise nos permitem afirmar que o observador não impõe, mas *pensa poder impor*.

Kant diz que o espaço é algo que o sujeito sabe que existe, mas *não* por experiências sensoriais que tenha exteriores a si mesmo. Ao contrário, o que ocorre é que há uma "posse do espaço" interna ao sujeito, como intuição ou categoria *a priori* que lhe possibilita como que farejar, perceber, guiar-se, encontrar e descobrir o espaço fora de si. Em que pese a concretude e inadequação que continuam persistindo no nome “objeto” (SANDLER, 1990), pelas suas bases sensoriais, Kant de certa forma formula em termos ancestrais de psicanálise uma verdade a respeito do funcionamento mental.

No modelo prototípico, hoje clássico em psicaná-

lise, sugerido por Bion, uma criança possui uma pré-concepção "seio". Podemos usar a terminologia de Freud, "protofantasia". Ela é necessária para que a criança possa procurar "seio" fora dela; se este lhe for oferecido. Sempre o é. Caso contrário, a criança perece. Entrando em contato com "um seio" (o que é oferecido, real), diferente de "o seio" (um seio psicoticamente preciso, nenhum outro, idealizado, a pré-concepção em estado bruto, coisa-sem-si), poderá conhecer que existe "seio" (a qualidade, forma ideal, *númena*). Talvez a possibilidade de Kant tenha sido perceber o ato de pensar aparecendo no ser humano, como efeito de uma necessidade. Pensamentos existem e aguardam um pensador que os pense, como esclareceu Bion, a partir de Descartes e Kant, tempos depois. Alguns destes "pensamentos" impõem-se, como intuições *a priori* - autóctones do indivíduo.

O ser humano não poderia sequer suspeitar da existência do objeto caso não existisse a intuição *a priori*. Uma criança que não intui a existência do seio morre de inanição. O leitor que chegou até este ponto do texto poderá lembrar-se do esquema que tenho proposto: identificar a *rationale* existente em duas *weltanschauungen* extremamente comuns, que moldam tantos os métodos como as conclusões dos vários autores e comentadores, por vezes criando hipóteses sobre o funcionamento mental destes mesmos autores e comentadores. Ou seja, detectar se estão se situando, inadvertidamente ou não, entre os Realistas Ingênuos ou Idealistas Ingênuos, tem colocado um falso dilema, comumente colocado pelos os Idealistas Ingênuos: o objeto (ou o seio, inicialmente) foi construído (ou criado) pelo bebê? Há um paradoxo, observado por Winnicott, depois de vários anos de desenvolvimento de sua teoria, que determina a falsidade da questão: há as duas situações, simultaneamente.

Paradoxos, em análise e na vida, demandam ser tolerados, não resolvidos. Tenho proposto que a tolerân-

Paulo Cesar Sandler

cia de paradoxos poderia ser considerada como terceira regra fundamental de psicanálise, após associações livres e apreensão do triângulo edipiano. A personalidade autoritária, plena de desejos, impõe a resolução, que tem que ser única e exclusiva. Embora a intuição *a priori* esteja determinada pela seta do tempo, ou seja, ela aparece por necessidade anteriormente a qualquer coisa que se considere, e não consegue mais desaparecer enquanto a vida continua. “Aparece”, “não consegue”, difere de “tem que”. Um exemplo é o das pessoas – novamente indicadas de modo pioneiro por Winnicott – que conheceram a “mãe suficientemente boa”. Caso venham a perdê-la, encaminham-se para atos delinquentes, por nostalgia do que tiveram e não podem mais ter. O “tiveram”, neste caso, liga-se à necessidade, e não a desejo ou prazer. Uma variante na vida adulta é o das pessoas que ascenderam em sua vida, dentro de padrões e julgamentos próprios, e por um desastre, ou tragédia, perdem algo que lhes pareceu ou era fundamental. Dificilmente adaptam-se a uma vida “pior” (O “melhor” ou o “pior” são vistos sempre dentro dos padrões da própria pessoa). Talvez o leitor benevolente apreenda porque eu disse, “não posso escrever apenas sobre Tempo”.

Há alguns aspectos que me parecem ter determinado o limite da obra de Kant na apreensão da realidade, e isto mostra porque não se pode formar um psicanalista que tenha apenas lido Kant. Parece-me que esse limite foi expandido depois dele; entre outras disciplinas, com o advento da psicanálise. O limite da obra de Kant – apontado por seu mestre, Georg Hamman, parece-me ter sido justamente a concretização e “absolutização” das noções de espaço e tempo. Eles deixam de ser usados como exemplos, analogias ou modelos. Os textos de Kant tratam-no como algo existente em si, concretamente. Vários autores notaram que espaço e tempo, para Kant, são medidas absolutas, no sentido Euclidiano, como Cassirer,

1907; Russell, 1946; Planck, 1949; Hampson, 1968; Hawking, 1988; Penrose, 1991; Davies, 1992. Embora Kant tenha indicado a natureza negativa dos *númena*, penso que foi com a psicanálise que se conseguiu finalmente perceber que "seio" - a concepção - surge *se* a pessoa percebe que *um seio não é o seio*. Ou seja, não é o seio que ela quer, concretamente.

O seio concreto externo, no embate que sofre com o seio inventado e desejado concretamente, interno *a priori*, intuído, resulta no seio real, que vai conferir validade empírica à intuição de seio (concepção), mas nunca ao seio intuído. O resultado, seio real, é inevitavelmente frustrante, com componente negativo que possibilita o pensar, o surgimento da concepção "seio". Em Kant, faltou perceber que o espaço interno ou a noção de espaço só podem surgir no momento que se percebe o não-espaço. Bion prossegue essa elaboração quanto "ao espaço que o ponto estava", em "*Transformações*" (BION, 1965, p. 53). Em outras palavras, a pessoa percebe que *não* tem o espaço concretamente considerado dentro de si, ao contrário da suposição de Kant. A intuição seria o *sentido interno*, e não concretizações de espaço (e tempo), internas ou externas. Tenho a impressão que desse modo, Kant "fenomenizou" dois, dentre os "*númena*".

Tempo: movimentos entre as posições descritas por Klein

Apenas para efeitos didáticos, podemos subdividir a livre movimentação entre as posições descritas por Klein, representadas quase-matemáticamente por Bion com o signo $PS \Leftrightarrow D$, em $PS \Rightarrow D$ (para um primeiro momento) e $PS \Leftarrow D$ (para um segundo momento). Em outros textos, tentei mostrar estes movimentos em várias aquisições da história das idéias da civilização ocidental. No que se refere ao espaço-tempo, o como-onde, o exame da obra de Kant parece-me ser o mais possível.

Paulo Cesar Sandler

Tenho a suspeita que a percepção do “sentido interno”, a um só tempo transcendente e imanente é a “realização” do triângulo edipiano em uma análise. Constitui algo que Kant anteviu, mas no negativo, e como perigoso para sua doutrina. E realmente o é para qualquer racionalismo humano, doutrina autoritária que queria *explicar* ao invés de *viver*, que queria *falar sobre* ao invés de *ser*. No entanto, o movimento PS \Rightarrow D em sua obra volta a se fazer sentir, pendendo a ambivalência de sua obra para o lado do desenvolvimento: "*mas podem também se referir a coisas em geral e em si mesmas*".

Como diz Bion, os objetos psicanalíticos (sobre os quais vamos nos deter na penúltima conversa desse ciclo) assim como os elementos de psicanálise, e também uma interpretação psicanalítica poderiam conter elementos suficientemente gerais, da "dimensão" dos mitos, além da dimensão do sensório e da paixão ("*Elements of psychoanalysis*", 1963), numa suportação de um paradoxo e de níveis de observação muitos diversos entre si, mas que em um momento, o momento do *insight*, do *sentido interno*, do contato com quem se é na realidade, podem estar em conjunção constante e serem percebidos - não criados, nem imaginados. O paradoxo que demanda tolerância se refere a uma situação cuja analogia pode ser a seguinte: um alimento é “criado” no estômago, no intestino e até mesmo antes, na boca de uma pessoa. Ele já existia? Em um sentido, como categoria transcendente “alimento”, sem dúvida; a boca e o intestino não o criam do nada, nem o imaginam. Em certo sentido, das transformações e da transitoriedade, ele é instantâneo; único e jamais existiu antes; e morre, como o *múon* do físico Isidor Rabi (SANDLER, 1997b). Mas continua não sendo imaginário. A analogia do sistema digestivo para o funcionamento do aparato psíquico, proposta por Bion, pode também ser válida nesse caso. Nessa confusão talvez tenham se enredado os “idealistas”. *É* criado, e *não* é

criado.

Será o fato de existirem *intuições a priori* - um fato diverso das próprias intuições em si - um fato vivo, o ato de intuir mesmo - um dos fatores constitutivos dos objetos internos, naturais, e não espaço e tempo? E *vice-versa*, serão os objetos internos alguns dos fatores que possibilitam a própria existência de intuição? O espaço/tempo, no sentido de espaço-continente, amor e capacidade de amar - prototipicamente, a mãe que gera o filho, e os aspectos femininos tanto do homem como da mulher. E tempo, no sentido de auto-amor (compaixão e verdade), preservação e cuidado com a vida, percebendo a morte, depende deste objeto interno, primariamente a mãe.

Como Kant não praticava clínica, não tinha o material de observação, e, portanto, o instrumental que poderia lhe dar noção de que este *impõe* como um poder da mente humana, é pertinente apenas ao terreno da fantasia.

Tocar e valorizar as paixões, na época de Kant (lembremo-nos da importância que ele deu à obra de Rousseau), como ainda hoje para o psicanalista, é assunto explosivo, cujo borramento com a alucinação é fácil e rápido. Até o ponto que pude investigar, os trechos escritos por Kant a respeito dos dois conceitos que ele considerava *a priori*, espaço e tempo, introduzem uma das duas únicas vezes nas quais Kant menciona uma situação que "*é condição de sua possibilidade*".

Até o ponto que posso perceber, quando a pessoa não se submete aos ditames do idealismo, ocorre uma humildade frente aquilo que *é como é*, na realidade, independentemente de nossas leis, desejos, desígnios ou visões. Configura, parece-me, um momento $PS \Rightarrow D$ em sua obra. No entanto, a *condição de sua possibilidade* vai aparecer novamente em seu escrito, com uso diverso que me parece configurar, desta vez, um momento $PS \Leftarrow D$ em sua obra. Pois só a divindade é condição de sua própria

Paulo Cesar Sandler

existência. "*O tempo não pode ser intuído externamente, tampouco quanto o espaço como algo em nós. Que são, porém, espaço e tempo? São entes reais?*" (KANT, 1791, p. 40), pergunta antes de se embrenhar em uma série de racionalizações e contra-argumentos. Meu exame de sua obra mostra muitas ambivalências deste tipo (SANDLER, 2000). Kant estava muito próximo da (dura?) realidade: *não se pode intuir o tempo pelo fato de que tempo não existe*. Sir Isaac Newton também foi submetido a um teste crucial como este, do qual saiu, segundo John Maynard Keynes, "um pouco gagá". Nunca mais conseguiu fazer Física: seu laboratório incendiou-se e ele acabou seus dias numa sinecura provida pela Coroa britânica: chefe da Casa da Moeda. Talvez tivesse dado um passo análogo ao dado, quase duzentos anos depois, por Einstein, se conseguisse tolerar as dúvidas que colocavam em cheque suas teorias sobre os *fluxions*, dúvidas estas demonstradas pelos seus próprios cálculos.

A noção de tempo depende de uma elaboração do narcisismo e da posição esquizo-paranóide, ou seja, de uma diminuição da onipotência infantil, e ela só pode ser intuída dentro do *insight* a respeito da unidade (espaço/tempo). Este *insight*, quando fora da Física de Minkowsky, Poincaré e Einstein, denomina-se na mente humana, coloquialmente, 'morte'. Só a percepção do evento 'morte' consegue nos dar um indício que o espaço/tempo se extingue.

A experiência clínica psicanalítica demonstra que se ocupar a posição esquizo-paranóide, por assim dizer, em dedicação exclusiva e tempo integral, acarreta situações onde a pessoa perde a noção de que o tempo passa também para ela, e os fenômenos descritos por Freud como regressão, fixação e transferência são expressões desta tentativa de negar a *seta do tempo* (EDDINGTON, 1933; COVENEY e HIGHFIELD, 1990), a segunda lei da termodinâmica, o envelhecimento. Falamos imprecisamente

samente: *o tempo passa*, mas quem passa realmente somos nós, em nossa concretude espaço-temporal.

O espaço/tempo que ocupamos será deixado, por assim dizer, vago de nós. Em termos da teoria da relatividade, o conceito a ser intuído é o de (espaço / tempo). Então, Kant afirma que não se pode intuir sensivelmente (experencialmente) o tempo, mas escapa-lhe que esta dificuldade deve-se ao fato de não se poder intuir algo que não existe de modo algum. Independente do brilhantismo intelectual de suas provas, ‘tempo’ não é algo que exista, que tenha alguma contrapartida na realidade nem mesmo como categoria *a priori*, "isentada" da experiência, isenção esta fornecida pela mente tomada por fantasias onipotentes. Este, um dos problemas também brilhantemente assinalado por ele tanto na crítica à lógica silogística, como nas antinomias: com o raciocínio, prova-se qualquer coisa, mesmo que ela seja falsa (ver “*Crítica da razão pura*”, 1980, p. 44).

‘Tempo’, ou ‘tempo-em-si’, não existe, e não pode ser percebido; mas ‘nossa passagem pelo espaço-tempo’, pode ser abstraída de experiência. E precisa sê-lo, como condição de vida que extrapole a mera sobrevivência; é a noção da humanidade e da finitude humana. Nas suas descrições do tempo, que ele denomina de intuição *a priori* do pensamento, Kant vai mostrando as limitações de percepção da mente que precisa saber tudo, e neste estado de mente vai descrevendo como o tempo é então concebido, agora de modo absoluto. O modo absoluto está implícito na afirmação de que o tempo é “*a condição universal de sua possibilidade*”. *Condição universal de sua possibilidade* é um equivalente verbal do *Absoluto*: só Deus - partindo do princípio que isto, ou “Ele” como dizem os religiosos, existe - é condição de sua possibilidade. Não estou aqui afirmando que exista alguma contrapartida na realidade ao que se convencionou denominar, ‘Deus’; e também não estou afirmando que

Paulo Cesar Sandler

não exista. A psicanálise não possui elementos - nem se propõe a isso - para evidenciar a existência de divindades externas, embora tenha se demonstrado potente e útil para demonstrar a crença em divindades internas, e pessoas que se crêem divindades. Seja lá como for a crença de cada um, me parece que apenas a condição da divindade, que se gerou a si mesma, Deus, pode, ou poderia, ser condição de sua própria possibilidade. O tempo me parece ser o Deus de Kant. A crítica magoada e odiosa cotidiana ao envelhecimento, à novidade, expressam que a mesma “Resistência Kantiana” prossegue, sem desenvolvimento, na espécie humana. Caso o ser humano possa realmente se desenvolver, esta será uma das áreas onde isto ocorrerá. Obviamente, em seres humanos individuais, ocorre a constatação deste desenvolvimento. Não são todos os velhinhos odeiam a juventude; talvez sequer seja a maioria – não dispomos de estudos estatísticos, mas o método de história de casos nos permite fazer a hipótese de alguma evolução.

Esta noção do absoluto, do auto-suficiente, auto-gerador, é possível apenas em estados autísticos e esquizo-paranóides, expresso na área do pensamento como alguém que pensa *in abstractio*, independente da realidade tal como ela é, pois a própria realidade é fabricada pela mente ou pelo ser. Há danos para o processo de pensar quando prevalece à incapacidade de se intuir, conceber, respeitar e considerar a *suprema criatividade da dupla parental*. Quem foram os pais de Deus? Na tradição judaica e seu resultado mais conhecido, o cristianismo, não existe Mãe. Ou ela teve que conceber virgem - o que dá no mesmo. Algo que seja *condição universal de sua possibilidade* é algo que não tem Pai nem Mãe: veio de geração espontânea. O “Tempo de Kant” (ou em Kant, na obra de Kant), em sua condição autogeradora universal de sua própria possibilidade equivale ao Deus judaico-cristão descrito no Gênesis. Talvez esta seja uma ex-

pressão sintética daquilo que a psicanálise viria a observar como sendo “onipotência”. Este momento que me parece tipificar PS.

Freud manteve sérias restrições ao conceito de tempo em Kant, como intuição *a priori*. Suas restrições permitiram-lhe observar a existência de uma das características mais fundamentais do inconsciente: a atemporalidade. Kant teria provido o “negativo”, o degrau para o passo de Freud. É possível também que esta constatação, precedendo até mesmo as investigações de Einstein na teoria da relatividade quanto à unidade espaço/tempo e de Heisenberg na mecânica quântica, quanto ao princípio da incerteza, tenha dado a Freud a possibilidade de se livrar do racionalismo e da filosofia do consciente que me parece ter ainda assolado e limitado a obra de Kant. Os pontos de vista euclidianos e newtonianos foram usados por Kant de modo exclusivo, como verdades absolutas. Esse uso conduz a enganos, principalmente pelas suas bases visuais, sensorialmente apreensíveis, concretas e, portanto insuficientes quando o intuito é tentar alcançar o espectro de abrangência da própria mente. Uma das contradições no que se refere a ‘Tempo’ aparece na certeza de Kant a respeito da impossibilidade de se adquirir alguma percepção interna, a respeito da *alma*, que jamais seria intuível nem tampouco seria substância. Ao mesmo tempo, afirma que a intuição *a priori* do tempo é a única forma de *sentido interno* que existe.

Tenho alguma esperança que estas observações não sejam interpretadas pelo leitor hostil ou partidário como um ataque ou desmerecimento à obra de Kant. Delineamos o que nos parecem ser estes enganos, ligados ao racionalismo lógico e aos problemas advindos da dedução de modo geral, nas primeiras conversas deste ciclo. Os enganos ou limitações intrínsecas à condição humana de nossos pais podem se constituir numa importante fonte de aprendizado para nós filhos, que ficamos livres para a

Paulo Cesar Sandler

alternativa, ao observá-los sem idealização, de obtermos, pelo menos, alguma originalidade em nossos próprios enganos.

Bion, no terceiro volume de “*A memoir of the future*” (1977) elabora um criativo diálogo de tom diderotiano entre dois personagens, "P.A." (psicanalista) e "Sacerdote". Os dois "discutem" a respeito de u'a metáfora a respeito da atitude científica. Já delineada dois anos antes, tanto em “*The grid*” (1977) como nas “*Conferências brasileiras*”: afirma que os “*ladrões de túmulos*” teriam sido os primeiros antepassados dos cientistas. Bion ficara, como todos de sua geração, vivamente impressionado com as escavações conjuntas lideradas por Sir Leonard Wooley, do British Museum com a Universidade da Pensilvannia, nas tumbas do rei Meskalam Du, em Ur, onde a corte inteira, inclusive a rainha Shub-Ad, se suicidou. Pensavam obter assim a vida eterna, sob o comando de sacerdotes. Estes, pelo que se sabe, parecem não ter se suicidado voluntariamente (WOOLEY, 1961). Popularmente, no imaginário da sociedade, *maldições dos faraós* tomaram conta da literatura, do teatro e do cinema. Com sua metáfora original, estes “*Ur-cientistas*”⁷, *profanadores de túmulos*, desafiaram as trevas da ignorância advinda de autoritarismo religioso, as proibições e tabus. Certamente, em Medicina, os primeiros anatomistas e cirurgiões eram açougueiros que fizeram algo desta natureza. Os profanadores de túmulos seriam predecessores dos homens do Iluminismo, portadores do *espírito científico*, de acordo com o instinto epistemofílico natural, eu acrescentaria. Na “discussão” entre P.A. e Sacerdote, Bion coloca esta consideração sobre os profanadores de túmulos para o personagem P.A., ao que o Sacerdote, em uma das réplicas que Bion lhe reserva, diz: “*Mas o que seria dos ladrões de túmulos*

⁷ ‘Ur’, em alemão, quer dizer, primeiro, original; o trocadilho fica por minha conta

se não existissem antes deles os construtores de túmulos?”.

Isto ilumina que Freud tenha ao mesmo tempo se nutrido de Kant e *também* mantido reservas quanto a algumas das idéias de Kant, "profanando" um túmulo onde, de tempos em tempos, alguns tentam encerrar a filosofia, de adoração à autoridade de um mestre que talvez jamais ficasse de acordo com o papel que acabou lhe reservando a história. Tenho a impressão que a conjugação destas reservas que ele mantinha permitiram-lhe adentrar no terreno delineado por Kant, tanto quanto ao sentido interno, como quanto à atemporalidade do inconsciente, que desafia o tempo como um *a priori* e valor absoluto. Outras influências, são a formulação da instância do superego e o desenvolvimento da observação da compulsão à repetição, todos já embrionariamente esboçados por Immanuel Kant.

Tempo e espaço: falácias?

Tempo e espaço tem sido uma das mais duráveis falácias do pseudo-pensar humano, ligados a núcleos onipotentes que nos fazem negar o efêmero, nossa imensa ignorância e a falta de controle sobre a vida e o mundo. *‘Tempo’ e ‘espaço’ considerados de modo absoluto, clivados um do outro são reais enquanto palavras que expressam apenas uma realidade: a capacidade humana de alucinar.*

Como identificou Winnicott em relação às privações sensoriais por ausência de *holding* ou maternagem suficientemente boa, a experiência psiquiátrica com crianças autistas permite afirmar a falácia de qualquer negação demonizadora das portas de entrada sensorialmente apreensíveis, uma das expressões das tentativas de negar a existência de uma realidade exterior a nós, independente de nossos poderes mentais. Algo equivalente a afirmar

Paulo Cesar Sandler

que os pensamentos e o universo poderiam nascer de nossa mente.

Estes estados de onipotência expressam estados de mente religiosos, ao criar uma entidade divina existente em si mesma, o *início* que a rigor nos é desconhecido. Resulta considerar intuições *a priori* como postulado *in abstractio*. O estado de mente religioso não precisa se expressar necessariamente por religião como ela é classicamente concebida; o “Deus” do idealista/subjetivista é um deus interno, ainda não projetado fora. A pessoa se pensa Deus, e suas idéias, soberanas.

Na tradição judaico-cristã, o Deus mandou fazer a luz, os mares, etc. E o idealismo/subjetivismo vem e diz, explicitamente: os fatos, o mundo, são o que a mente acha que eles são, o que a mente cria. Neste sentido, a tradição judaico-cristã pode ser vista como um passo mais desenvolvido da mente humana, que tira do indivíduo tais poderes, ainda que de modo ineficaz. A resposta inicial-final a tudo *extingue* a dúvida, e negar o processo de conhecer, legalizando a opinião individual, é a posse de “O”: observa-se que tentar alcançar facetas da realidade degenera muito rapidamente para delírios de posse da verdade última, principalmente nos casos desta posse vir arditosamente travestida da pseudomodéstia do “nada sei”. O “nada sei” traz latente uma ordem a todos os outros indivíduos: “ninguém sabe nada”. O que por sua vez implica em “ninguém, nunca, pode saber nada porque eu não sei nada”. Os esforços contínuos, eternos e intermináveis de se aproximar de “O” obliteram-se na alucinação de posse de “O” - e tomar o “nada sei” como verdade absoluta, ou seu irmão siamês projetado, “ninguém sabe de nada”. Um crítico hostil ou apressado poderá invocar o autor de uma frase parecida com esta, Sócrates. Mas nesse caso ignora-se que Sócrates não dizia apenas que não sabia nada. Dizia saber *uma* coisa. E essa coisa que ele sabia abria-lhe as portas da investigação. Ele não era

ignorante, apenas humilde e cômico do tamanho de sua natureza humana. Nos termos propostos por Bion, mais específicos em relação ao funcionamento mental, Sócrates talvez tenha sido uma pessoa capaz de disciplina quanto ao desejo - estado bem descrito no "Fédon" (PLATÃO, c. 400 AC).

O "assim é se lhe parece", o auto-intitulado bonzinho que clivou o ódio, é o mais autoritário dos ditadores. Sob a máscara de espalhar, qual fada benevolente, a verdade acessível a todos, bastando para isto expressar meramente uma opinião individual, diz que *o que lhe parece é a verdade*. Ao "assim é se lhe parece" subjaz e espreita, o "assim é se me parece". Domina a situação enquanto não for observado. Escapa ao idealista a essência da fina ironia contida na crônica de costumes de Pirandello. Ela é alçada à condição de regra, repetida como bordão legislador da realidade. Difere seriamente da *possibilidade* da aquisição de um *senso de verdade* (BION, 1961) na área do conhecimento, de suportar o paradoxo que *o objeto que é conhecido e o objeto que é desconhecido são o mesmo e um único objeto*.

Criticar aspectos do empirismo não implica em oposição. A meu ver, implica em aperfeiçoamento. O sentido contrário destes idealismos é perceber o inconsciente tal como por Freud é o depósito vivo dos vários descoberto/formulado "O"s da espécie humana. Caberia à psicanálise aproximar-se, como diz Bion (BION, 1975, p. 8), o máximo que se conseguir - e já se conseguiu algo - destes "O"s até hoje: o triângulo edipiano, PS ⇔ D, os dois princípios do funcionamento mental, os instintos de vida e de morte.

O cerne de nosso ser, então, é formado pelo obscuro *id*, que não tem a menor comunicação direta com o mundo externo, e mesmo ao nosso conhecimento, só é

Paulo Cesar Sandler

acessível pela intermediação de uma outra agência. Dentro do id operam os instintos orgânicos, que são compostos de fusões de duas forças primais (Eros e destrutividade) em proporções variáveis (FREUD, 1938, pp. 197-198)

A psicanálise não foi a única herdeira prática dessa percepção de Kant. Como tentamos ver ao longo da quarta e da quinta conversas desse ciclo, a Física moderna tinha possibilidade de fazer uso disso. Por exemplo,

[...] temos que nos recordar que aquilo que observamos não é a própria natureza em si mesma, mas a natureza exposta aos nossos métodos de questionamento. Nosso trabalho científico em física consiste em fazer perguntas à natureza na linguagem que possuímos e conseguir uma resposta a partir do experimento pelos meios que temos à nossa disposição. Desse modo, a teoria quântica nos lembra como Bohr coloca a questão, da velha sabedoria de que, quando se busca por harmonia na vida, nunca deve se esquecer que no drama da existência somos tanto atores como expectadores. É compreensível que em nossa relação científica com a natureza nossa própria atividade torna-se muito importante quando temos que lidar com partes da natureza dentro das quais podemos penetrar apenas usando as mais elaboradas ferramentas (HEISENBERG, 1958, p. 403).

Em outras palavras, só se pode perguntar algo a uma natureza se essa natureza, por incognoscível que seja de

modo último, existir previa e independentemente à nossa idéia sobre ela. A resposta que obtemos a uma pergunta feita, na linguagem de Max Weber e Wilfred Bion, segundo nossos pontos de vista, se faz pelo experimento, e não pela idéia do pesquisador.

A “Dúvida” é intrínseca ao processo de conhecer: diverso do “conhecimento”, é tentar estar mais próximo possível de “O”, sem nunca alcançá-lo. Esta dúvida acaba sendo *nihilisticamente* rejeitada, em aguda negação da experiência. A dúvida filosófica e a dúvida científica se substituem por voluntarismos e leis-do-mais-forte: o produto da mente cujo único modo de vingá-lo encontra-se na concretude das imposições. Não espanta que movimentos religiosos resultem em autoritarismos. Tenho a impressão de que a descoberta da memória filogenética e os avanços da genética provém um útil esclarecimento transdisciplinar à questão da “intuição *a priori*”, que fica assim, indissolivelmente ligada à experiência. É impossível não se fazer a hipótese de todos os mamíferos, hoje em dia, possuírem uma memória filogenética do seio, que constitui sua pré-concepção do seio. Talvez seja interessante notar que Immanuel Kant não negou a Natureza, frente à qual, segundo ele, “*a razão se dobrava*”. Mas tampouco estendeu sua investigação a respeito, deixando sua reflexão como semente para o futuro. Pessoalmente, tenho a impressão que a obra de Kant contém, em uma analogia biológica, vários esporos, “*locvs*” que podem ser germinados e efetivamente o foram.

As idéias de Kant, sobre intuições *a priori*, tem sido usadas para a defesa do mesmo subjetivismo em relação ao qual ele nutria tantas reservas. Constituirá esse fato uma das manifestações da ironia do conhecimento, ou em outras palavras, mais uma confirmação do mito da proibição ao conhecimento, expressas em tantos mitos, como a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, a história da torre de Babel e o mito de Prometeu acorrentado? O idea-

Paulo Cesar Sandler

lismo/subjetivismo seria ferido por Kant. Uma fera ferida, infelizmente, torna-se mais perigosa. Iria se esvaír, com o tempo, a possibilidade da manutenção de um estado de mente que possa suportar a ansiedade envolvida na percepção da desvalia e desamparo humanos - inacessibilidade a "O". Novo retorno a PS: adquiriu-se em Hegel a pretensão, agora não mais vista como mera esperança, de criar um sistema e um método universal e sem brechas frustrantes de nenhum tipo e um sistema para se saber *totalmente* como *todos* os fatos são.

Paulo Cesar Sandler

R. Gomes de Carvalho 892 cjs 31-2 .
Vila Olympia São Paulo, S. P.
CEP 04547-003
Fone: (011) 3045- 0115
E-mail: sandler@uol.com.br

Referências

ADORNO, T.; *et. al.* *La disputa del positivismo en la sociología alemana*. Versão castelhana, por J.Muñoz. Barcelona: Edicions Grijalbo, 1973. (Trabalho original publicado em 1969).

BACHELARD, G. *A Formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Versão brasileira, por E. S. Abreu. São Paulo: Contraponto, 1996. (Trabalho original publicado em 1938).

BERLIN, I. *The age of enlightenment*. New York: Meridian Books, 1984. (Trabalho original publicado em 1956).

_____. *The counter-enlightenment*. In *Dictionary of the history of ideas*. New York: Scribner, 1973. (Re-impresso em *Against the current*. Londres: The Hogarth Press,

1979; Pimlico, 1997). (Trabalho original publicado em 1968).

_____. Hume and the sources of german anti-rationalism. In *David Hume: Bicentennial Papers*, ed. por G.P. Morice. Edinburgo: Edinburgh University Press. (Re-impreso em *Against the current*. Londres: The Hogarth Press, 1979; Pimlico, 1997). (Trabalho original publicado em 1977).

BION, W.R. Development of schizophrenic thought. In: *Second thoughts*. Londres: Heinemann Medical Books, 1967. (Trabalho original publicado em 1956).

_____. Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In: *Second thoughts*. Londres: Heinemann Medical Books, 1967. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. Scientific method. In: *Cogitations*. Francesca Bion, ed. Londres: Karnac Books, 1992. (Trabalho original publicado em 1959).

_____. A theory of thinking. In: *Second thoughts*. Londres: Heinemann Medical Books, 1967. (Trabalho original publicado em 1961).

_____. *Learning from experience*. Londres: Heinemann Medical Books. 1962).

_____. *Elements of Ppsychoanalysis*. Londres: Heinemann Medical Books, 1963.

_____. *Transformations*. Londres: Heinemann Medical Books, 1965.

Paulo Cesar Sandler

_____. *Uma memória do futuro*. Volume I: O sonho. Versão brasileira, por P. C. Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Trabalho original publicado em 1975).

_____. *Uma memória do futuro*. Volume II: O passado apresentado. Versão brasileira, por P. C. Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1977).

COVENEY, P. & HIGHFIELD, R.. *The arrow of time: a voyage through Science to solve Time's Greatest Mystery*. New York: Fawcett Columbine, 1990.

DAVIES, P. *The mind of god: Science and the search for Ultimate Meaning*. Londres: Penguin Books, 1992.

DELEUZE, G. *Para ler Kant*. Versão brasileira, por S. D. P. Guimarães. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976. (Trabalho original publicado em 1971).

DUPEIS, J. *Em nome do pai: uma história da paternidade*. Versão brasileira, por A. P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Trabalho original publicado em 1987).

EDDINGTON, A.. The expanding universe. In: *The great books of the western world*. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994. (Trabalho original publicado em 1933).

EINSTEIN, A. (1916-1952). Relativity: the special and the general theory. Versão inglesa por R. W. Lawson. In *The great books of the western*. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994.

FREUD, S.. Formulations on the two principles of mental functioning. S.E.12, 1910.

_____. On Transience. S.E., 17. 1918.

_____. Beyond the pleasure principle. S.E, 18. 1920.

_____. An outline of psychoanalysis. S.E., 23. 1938.

HAWKING, S. *A brief history of time*. New York: Bantam Books, 1989. (Trabalho original publicado em 1988).

HEISENBERG, W. Physics and philosophy. In: *The great books of the western world*. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994. (Trabalho original publicado em 1958).

JAYNES, J. *The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1990. (Trabalho original publicado em 1976).

KANT, I. Crítica da razão pura. Versão brasileira, por V. Rohden. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Cotejada com a versão inglesa, por M. T. Micklejohn. In: *The great books of the western world*. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994. (Trabalho original publicado em 1781).

KLEIN, M. Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In: *Developments in psychoanalysis*. M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere, ed. Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1952.

Paulo Cesar Sandler

LOCKE, J. Ensaio acerca do entendimento humano. Versão brasileira, por A. Aiex. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Trabalho original publicado em 1690).

MONEY-KYRLE, R. Desenvolvimento cognitivo. In: *Obras selecionadas de Roger Money-Kyrle*. Versão brasileira, por E. H. Sandler e P. C. Sandler. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. (Trabalho original publicado em 1968).

PENROSE, R. *The emperor's new mind: concerning computers, minds and the laws of physics*. New York: Penguin Books, 1991. (Trabalho original publicado em 1989).

_____. *Shadows of the mind: a search for the Missing science of consciousness*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

PLANCK, M. Scientific autobiography. Versão inglesa por F. Gaynor. In: *The great books of the western world*. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994. (Trabalho original publicado em 1949).

RUSSELL, B. *ABC da relatividade*. Versão brasileira, por G. Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. (Trabalho original publicado em 1925).

SEGAL, H. Notes on symbol formation. In: *The work of Hanna Segal*. New York: Jason Aronson, 1957 p.62.

SANDLER, P.C.. *Fatos: a tragédia do conhecimento em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. The Apprehension of psychic reality: extensions of Bion's theory of alpha-function. *Int. J. Psycho-Anal.* 1997a, 78: 43,

_____. *A apreensão da realidade psíquica: e sua diferenciação de pseudo-realidades sensorialmente apreensíveis*. Volume I. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

_____. As origens da psicanálise na obra de Kant. Volume III. *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. The use of an object. *Int. J. Psycho-Analysis.*, 1969, 50:711.

WOOLLEY, L. *Excavations at Ur*. Londres: Ernest, 1961.



Janelas no tempo

Interritorialidade e a temporalidade da imagem em movimento

Interterritoriality and timelessness of moving image

Maurício Dias

Walter Riedweg

Segunda-feira de amigos

A Friendly Monday

Paulo César Nogueira Junqueira

Entrevista

Interview

Ferreira Gullar

Comissão Editorial

janelas no tempo



Interterritorialidade e atemporalidade da imagem em movimento

Interterritoriality and timelessness of moving image

Dias & Riedweg

Maurício Dias (Rio de Janeiro, 1964) & Walter Riedweg (Lucerna, Suíça, 1955) realizam em duo, desde 1993, projetos interativos e interdisciplinares no campo das artes visuais e da performance contemporâneas. Seu trabalho investiga como as psicologias privadas afetam e constituem o espaço público e vice-versa, tendo como característica principal o envolvimento do público na concepção e execução da própria obra. Dias & Riedweg vivem atualmente no Rio de Janeiro e são representados pela Galeria Vermelho, São Paulo; pela Galeria Filomena Soares, Lisboa; pela Galeria Bendana-Pinel, Paris e pela Sicardi Gallery, Houston.

Laureados com o prêmio do júri no Festival Video Brasil, São Paulo, 2007; com o Premio da Fundação Guggenheim, NY, 2002; com bolsas da Fundação Vitae, SP, 2000 e da Fundação Pro Helvetia, Suíça, Dias & Riedweg desenvolveram projetos e exposições no Brasil, na Argentina, Africa do Sul, Egito, China, Japão, Estados Unidos, México e em diversos países da Europa. O duo realizou grandes exposições individuais na Americas Society em Nova York; Centro de Arte Argos em Bruxelas; Instituto Tomie Ohtake em São Paulo; no Espace Le Plateau, de Paris; no Centro Cultural do Banco do Brasil, Rio de Janeiro, nos Museus de Arte Contemporânea MACBA de Barcelona e KIASMA de Helsinki. Dias & Riedweg

integraram importantes exposições internacionais como “Conversations at the Castle”, de Homi Bhabha e Mary Jane Jacob, em Atlanta, 1996, “L’État des Choses” de Catherine David, no Kunst-Werke, Berlim, 2001 e “The Populism Project, 2005. Participaram ainda nas Bienais de Veneza (1999), S.Paulo (1998 e 2002), Istambul (1998), Havana e Mercosul (2003), Liverpool e Shangai (2004), e Gwangju (2006), bem como na Documenta 12, em Kassel, na Alemanha, 2007.

Suas obras figuram entre algumas das grandes coleções internacionais, entre elas Musée National d’Art Moderne Centre Georges Pompidou, Paris, França; MOCA - Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA; MACBA - Museu d’Art Contemporani de Barcelona, Espanha; Kiasma Museum of Contemporary Art, Helsinki, Finlândia; National Museum of Wales, Cardiff, Grã Bretanha; Frac Ile-de-France - Le Plateau, Paris, França; Colección Bergé, Madrid, Espanha; MUAC, Museo Universitario de Arte Contemporaneo, Mexico; Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil; Centro Cultural Belém, Lisboa, Portugal; Kunstcredit Basel, Suíça; Kunststiftung Heute, Bern, Suíça; Videothek Baselland, Suíça.



janelas no tempo

Interterritorialidade e atemporalidade da imagem em movimento

Interterritoriality and timelessness of moving image

Dias & Riedweg

Quase todos nos interessamos por tudo aquilo que não é nosso, por aquilo que não somos, por aquilo que não temos, que não tocamos, às vezes por aquilo que não entendemos ou nem mesmo sabemos. Nem sempre sabemos aquilo que queremos, e ainda assim queremos. Interessamos-nos pelo Outro porque no fundo cremos que só no Outro poderemos nos encontrar, e o Outro está sempre muito perto, logo ali onde nós terminamos.

Nossa prática artística e nosso cotidiano, divididos há 16 anos, se desenvolve neste exato *território entre Cada Um e o Outro* – o desconhecido território do desejo e do medo, do mundo a navegar, a descobrir. Talvez seja mesmo por isso que nos interessemos igualmente pelo documentário e pela ficção.

Toda imagem, em sua base, não pertence ao território do documentário nem ao da ficção. O que a

Dias & Riedweg

fará pertencer a um ou outro, será a literatura que nela se apoiará, seja esta de ordem real ou fictícia. Toda imagem pode conter uma informação literária e servir de construção para uma mensagem. Ela depende da verdade, da mentira, da realidade e da representação para ser inteligível, para existir. Não há, portanto, nada tão preciso, definido, que diferencie estes dois territórios, o da ficção e o do documentário, na base da criação de uma imagem. Toda imagem é, portanto, *per se* algo interterritorial.

E é justamente nesta interterritorialidade, neste espaço indefinido, mas existente entre dois territórios distintos, que se torna possível criar um campo erótico-poético onde ação e representação, bem como interação ou intervenção, se misturam, produzindo assim certa libertação das categorias artísticas estabelecidas no modernismo e possibilitando novas experiências, novas práticas artísticas.

Da mesma forma, é possível pensar na atemporalidade da imagem, posto que esta, mesmo num filme ou vídeo (imagem em movimento) pode transcender do contexto temporal em que foi criada ou captada. Tanto nos processos fílmicos de edição e montagem, quanto na utilização de aparelhos de sincronização de imagens em videoinstalações, pode-se perfeitamente manipular a idéia do tempo na construção de uma imagem.

No trabalho com vídeo e filme, por exemplo, a construção de seqüências de imagem em movimento pode estabelecer diferentes e múltiplas percepções do tempo e do espaço, seja ele real ou imaginário, pouco importa. A mesma situação, a mesma cena, seja ela de ordem documentária ou fictícia, se

janelas no tempo

filmada por diversas câmeras ao mesmo tempo, a partir de diversos pontos de vista, poderá assim produzir uma sequência de imagens de caráter múltiplo, complexo e assim reconstituir o princípio de “multiplicidade”, largamente aplicado na física, também na prática artística. Esta mesma multiplicidade de imagens de uma mesma situação pode subverter o próprio discurso do “real”.

Da mesma forma que o uso de mais de uma câmera pode diversificar os pontos de vista sobre um contexto, o uso de mais de uma intenção, mais de uma percepção, mais de uma voz criativa, pode também diversificar a ação e a representação na experiência prática da arte. Aí baseamos a possibilidade de uma arte dialógica, tão interessada na interação com quanto na representação da realidade.

Trabalhamos em projetos de arte tanto em espaço público como em eventos artísticos. As questões abordadas num projeto participativo desenvolvido na rua, numa favela ou ainda num centro de refugiados políticos, são naturalmente diferentes das abordadas num projeto desenvolvido num museu ou numa bienal. Consideramos importante operar em ambos os territórios e sempre que possível conectá-los, desafiando seus próprios limites e objetivos primeiros. As reflexões e diálogos desenvolvidos em cada experiência artística, se expandidos para além dos territórios e fronteiras de sua realidade e de sua representação, permitem a expansão da percepção e consequentemente, da arte contemporânea e da própria realidade.

Toda prática artística é em si um exercício de alteridade. O que diferencia a arte das outras formas

Dias & Riedweg

de alteridade é que ela se utiliza do território da representação para sua inserção no mundo. Mas a representação, se vista como possível ressonância espacial e temporal, é também mera ferramenta da alteridade. Hoje, mais que nunca, arte não é só saber o que dizer, mas é saber onde e quando fazê-lo ser dito.

Juksa





Juksa é uma vídeoinstalação que apresenta três pessoas em três momentos distintos: maio de 1973, maio e junho de 2006. Estas três pessoas são os últimos habitantes de Sørflugløya, uma pequena ilha do Polo Norte, onde a pesca terminou. Juksa aborda reflexões universais sobre o tempo, sobre o envelhecimento das pessoas e dos lugares a partir de um contexto documental pequeno e específico do Norte da Noruega. Dias & Riedweg recuperaram o arquivo de um vídeo em preto e branco realizado pela TV norueguesa 33 anos antes de sua visita à esta mesma ilha. Eles repetem aos três atores- personagens do vídeo as mesmas perguntas feitas décadas antes pela TV, só que no passado. Estas questões sobre o tempo re-respondidas na dimensão vivida (*tempi passati*) somadas às paisagens insólitas da ilha transferem ao espectador reflexões sobre a existência real do tempo tal como o percebemos. A ins-

Dias & Riedweg

talação de um campo de areia no espaço expositivo repete o local de filmagem da cena inicial e final do filme, onde os três participantes do trabalho aparecem diante de uma tela vendo o próprio filme, embaladas pelo canto ao vivo da ária *The Plaint*¹ de Henry Purcell (1659/1695) nas areias de uma praia, na mais íntima *première* possível, antes de sua iminente partida [definitiva] da ilha.

Caminhão de Mudança



¹ *Oh, let me... let me forever weep. My eyes no more shall welcome sleep. I'll hide me from the sight of day. And sigh my soul away. He's gone, his loss deplore. And I shall ever see him no more.* (Oh, deixe-me chorar para sempre. Meus olhos nunca mais acolherão o sono. Vou esconder-me da visão do dia. E minh'alma irá suspirar vida afora. Ele se foi, sua perda deplo-ro. E jamais voltarei a vê-lo outra vez).



Projeto em andamento que consiste em uma série de intervenções com *videos* projetados dentro de caminhões de mudança que se movem pelas ruas de uma cidade. Um video é projetado de dentro de um caminhão sobre uma tela de projeção esticada em sua traseira, de maneira a ser visto por passantes no tráfego no lado de fora. Este caminhão com a projeção é filmado e este novo filme é em seguida projetado dentro de outro caminhão em outra cidade. Novamente esta segunda projeção (contendo a projeção do primeiro caminhão com *video*) é filmada e esta será em seguida projetada dentro de um novo caminhão em uma nova cidade, e assim por diante, como a Boneca de Babushka², onde uma bonequinha entra dentro da outra, que entra dentro da outra que entra da outra e assim por diante. Neste projeto com *video* se vê um caminhão dentro do outro dentro do

² A centenária *matryoshka* russa, composta de bonequinhas idênticas em tamanhos decrescentes, e que se aninham umas dentro das outras.

Dias & Riedweg

outro dentro do outro até que a imagem inicial, feita no primeiro caminhão fique tão pequena que desapareça completamente. Desta maneira há uma contextualização espacial sobre a natureza de toda imagem em movimento - a sua morte. Cada segundo de um *video* contém 29 imagens diferentes, de maneira que o destino de cada imagem em movimento é ser substituída pela próxima numa sequência. Neste sentido cada imagem de um filme é apenas uma *frame*. Se num filme, um *frame* apaga o outro, neste projeto, cada “Caminhão de Mudança” projeta o filme do caminhão anterior e serve de objeto para o filme do caminhão seguinte.

Deste modo, a primeira intervenção feita nas ruas de Bruxelas em maio de 2009 foi filmada e exibida num caminhão nas ruas de Nova York alguns meses depois. Esta intervenção foi filmada e exibida em Lisboa no mesmo ano. A de Lisboa foi exibida na Cidade do México em janeiro de 2010 e esta por sua vez, será proximamente exibida em Houston, nos EUA, sendo a seguinte exibição prevista para São Paulo ainda em setembro de 2010. Esta obra pretende tornar visível no espaço físico (no caso, as cidades por onde o Caminhão passa) o destino mesmo da imagem em movimento, cujas temporalidade e territorialidade precisam sempre ser definidas para poder existir.



janelas no tempo

Segunda-feira de amigos

A friendly Monday

Paulo César Nogueira Junqueira.*

Hoje é uma segunda-feira e o tempo passa.

Passa devagar, com sono, moleza.

Passa o tempo triste, manso, tempo de lembranças, de uma contraluz, tempo de um fim de tarde de sol, mesmo que seja uma segunda-feira de manhã.

Tempo sem sentido, tempo de andar pela casa, de abrir geladeira, tempo que escorre pelas paredes, tempo de quando já não há tempo para se fazer mais nada, para se deter o tempo, para se mudar de vida, se aproveitar o tempo.

Tempo triste, uma segunda-feira de manhã.

O vento a bater lá fora, a vida toda por levar, jogada num canto como uma trouxa de roupa suja à espera de ser lavada. Tempo de humores, de se perscrutar o corpo, de ouvir a barriga. Tempo de se olhar no espelho, espremer um cravo, tempo de se pensar em cortar o cabelo, a vida passando, os carros pas-

*Psicanalista; Membro efetivo/ SPCRJ

Paulo César Nogueira Junqueira

sando lá fora, os trabalhos, os empregos, o trânsito todo lá fora num outro tempo, num tempo de hoje, enquanto eu estou neste tempo, num tempo da minha vida, num tempo de sempre, na infância em São Carlos, num tempo dos amigos do meu tempo de criança, tempo de pensar neles, de pensar no que foi que eles fizeram de suas vidas.

Em que tempo estarão? Estão no tempo de hoje, ou continuam lá, como eu estou agora, naquele tempo tão antigo, tão antigo mesmo que esteja todo nesta segunda-feira de manhã?

A vida passa, o tempo passa, e eu continuo aqui pensando no tempo que passa e nos leva embora, nos leva embora para outras cidades, outras idades, idades nunca imaginadas, nunca pensadas, que, verdadeiramente, se tornariam reais, parecia sonho, fantasia, bobagens de criança, de criança de São Carlos, mas não! Elas chegaram, vieram e estão aí, as idades a nos surpreender, as cidades a nos desconhecer. Olho no espelho e penso que ele brinca comigo ao me dizer que o tempo passou, passou por tanto tempo. Não é verdade! Porque eu ainda não deixei o tempo passar: ele passou sem a minha permissão. As segundas-feiras sempre foram tão vazias, tão paradas e, mesmo assim, o tempo passou por elas, passou por mim, passou pelos meus amigos da infância, do colégio, de outros tempos. Amigos que tiveram filhos, que deixaram o tempo passar, amigos que tiveram empregos, que ganharam dinheiro, compraram casas, apartamentos, carros, viajaram para Europa, amigos que se separaram e se casaram de novo, não quiseram parar o tempo quando tiveram a oportunidade, se casaram de novo e tiveram

janelas no tempo

outros filhos e, assim, o tempo passou mais ainda, mais rápido e, a continuar assim, passando, passando, um dia todo o tempo vai passar e não vai haver mais tempo, nenhum tempo, porque o tempo todo passou. E teremos todo o tempo do mundo, já que deixaram o tempo passar.

Mas não nesta segunda-feira de manhã onde eu procuro que o tempo fique aqui comigo, parado, numa mancha de sol na cortina, no vento, na chuva lá fora, no silêncio da casa, num abrir e fechar de geladeira, limpar o fogão, um pano na mesa, ler de novo o jornal à procura de alguma notícia que fale do tempo, que fale de alguém para quem também o tempo não passe, o tempo espere como eu também espero, o tempo escute, como eu também escuto, o tempo olhe para mim e me pergunte se eu quero que ele passe, como eu quero que ele passe, com que acontecimentos, com que vida, com que fatos, o tempo me pergunte como eu quero que seja, com que amigos, com que filhos, com que trabalho eu quero que o tempo passe. Mas ele não me pergunta e vai passando. Eu paro para fazer o tempo parar mas, mesmo assim, mesmo que eu pare, o tempo passa, à minha revelia o tempo passa, o meu tempo, o tempo do meu rosto, o tempo do meu corpo, das minhas costas doídas, o tempo dos meus amigos que ficaram ricos nos tempos que se passaram, que não se ocuparam em segurar o tempo, o tempo da nossa amizade que eles não seguraram e deixaram o tempo passar, a amizade passar, tiveram filhos, ficaram ricos, compraram casas, apartamentos, viajaram para Europa, mudaram de emprego, e assim, sem ajuda nenhuma,

Paulo César Nogueira Junqueira

o tempo passou e continua a passar, e ninguém se preocupa em não deixar o tempo passar.

Amigos loucos! Amigos infiéis, principalmente infiéis, amigos que fizeram outros amigos, amigos que eu não sei se se lembram daquele tempo como eu me lembro: amigos que estão naquele tempo, amigos que ainda são filhos, crianças, que serão sempre filhos, que não terão filhos para não deixar o tempo passar. Amigos que deveriam ter ficado sempre lá: na minha infância. Como eles puderam fazer isso? Como puderam fazer outros amigos, outros amigos que não são meus amigos, amigos que eu sequer conheço. Como eles puderam deixar a vida passar sem mim? Como puderam roubar a minha infância?

Aqui, nessa segunda-feira vazia, penso neles: nos amigos, na vida dos amigos, no ontem, no antes de ontem, em outros tempos, no silêncio da vida, no trânsito, nos carros que passam lá fora, no vento que uiva e bate nas minhas janelas fechadas, fechadas para o vento, fechadas para o tempo, fechadas para manter o tempo parado aqui dentro, dentro do meu quarto, tempo parado dentro de mim, tempo fiel a todos os tempos que, sim, à revelia de mim, acabaram por passar também. Miséria! Tantas coisas para fazer, tantas coisas para levar...

Eu tenho que sair do tempo para levar a vida. A vida por levar, a vida por fazer, a vida me chamando lá fora me fazendo deixar o tempo aqui parado, desperdiçar o tempo lá fora, fazer a vida, viver a vida, o que enterra os amigos, mata os amigos que ficam para lá, que ficam no tempo que passa, no tempo passado e, assim, um pouco mortos, um pou-

janelas no tempo

co passados, ficam distantes, ficam num outro tempo, no tempo do meu quarto, o tempo do silêncio, o tempo escondido dos outros, debaixo das cobertas, um tempo não falado, um tempo que não se põe à mesa, um tempo de verdade, um tempo vivido e não um tempo mecânico, tempo do trânsito, da padaria, da ginástica por fazer, tempo das providências, das aulas, tempo da resposta, tempo de prontidão. A vida, esta vida!

Fico aqui no meu quarto a garantir o tempo.

Aqui sozinho no meu quarto, o único a garantir que o tempo não passe!

É minha, e somente minha, a responsabilidade. É meu o amor.

Artigos



O enigma do tempo em sua dimensão paradoxal *The riddle of time in its paradoxical dimension*

Alba Gomes Guerra
Glória Maria Monteiro de Carvalho

Tempos de excessos: questões sobre a temporalidade e individualismo na atualidade *Time of excesses: issues of temporal dimension and individualism in contemporary experience*

Cecília Freire Martins
Claudia Amorim Garcia

A temporalidade entre a certeza e a dúvida na filosofia e na psicanálise *The temporality between certainty and doubt in philosophy and in psychoanalysis*

Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa

A velhice e a morte em tempos da medicalização da existência *Aging and death in times of medicalization of existence*

Hilda Pereira Rodrigues
Karla Patrícia Holanda Martins
Maria Celina Peixoto Lima

Tempo de criação, *Time of creation*

Neyza Prochet

O tempo e a psicanálise *Time and psychoanalysis*

Suelena Werneck Pereira

O tempo entre tempos *The time between times*

Vera Maria da Costa Santos Tostes

artigo



O enigma do tempo em sua dimensão paradoxal¹ *The riddle of time in its paradoxical dimension*

Alba Gomes Guerra^{*}
Glória Maria Monteiro de Carvalho^{}**

Resumo

Pretendemos elencar diferentes modos de conceber o tempo. O conteúdo deste artigo remete, numa linguagem mítica, ao deus Chronos – deus do tempo. Destaca-se a sucessão, bem como a sua quebra, a partir de alguns filósofos gregos. A reflexão culmina na dimensão trágica.

¹ **Fonte de Financiamento:** Este estudo faz parte de um Projeto de Pesquisa apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

^{*} Doutora em psicologia, psicanalista, professora e pesquisadora/ Departamento de Psicologia/Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Brasil/ área de psicanálise.

^{**} Doutora em Linguística /Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/UNICAMP; Professora e pesquisadora CNPq / Programa de Pós-graduação em Psicologia/Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Brasil/ área de aquisição de linguagem.

ca do tempo mítico e seu entrelaçamento com a poesia e com o tempo concebido pela psicanálise na visão de Freud e Lacan. Trata-se, assim, de um tempo exterior e de um tempo interior ao homem, em constante tensão.

Palavras-Chave: tempo; sucessão; tragédia; poesia; psicanálise.

Abstract

We intend to point out to different conceptions of Time. The content of this article refers, in a mythical language, to the god Chronos– the God of Time. Succession and its break are herein focused under the perspective of some Greek philosophers. The discussion culminates in the tragic dimension of the mythic time in its relationship with poetry and with time as conceived by psychoanalysis in accordance with Freud and Lacan’s point of view. It is thus the constant tension between the man’s external and internal time.

Keywords: *time; succession; tragedy, poetry; psychoanalysis*



artigo

O enigma do tempo em sua dimensão paradoxal.
The riddle of time in its paradoxical dimension.

Alba Gomes Guerra
Glória Maria Monteiro de Carvalho

A vida é uma peça de teatro
que não permite ensaios.
Por isso, cante, chore,
dance, ria e viva intensamente,
antes que a cortina se feche
e a peça termine sem aplauso.

Charles Chaplin

A ideia de Charles Chaplin sobre a concepção de tempo atribui a este sua voragem sobre o mundo e os seres que dele fazem parte. Numa linguagem mítica, remete a Chronos – deus grego – que foi assimilado pelos romanos ao deus Saturno. Chronos esposou sua irmã Reia, teve com ela vários filhos os quais devorou por temer que o destronassem. Somente escapou Zeus que, revoltado contra o pai, amarrou-o ao Tártaro. Chronos, deus do Tempo, antes de sua reconciliação com Zeus, devorava tudo aquilo que existia. Assim, reconciliando-se a

Alba Guerra / Glória Carvalho

Zeus, torna-se um rei bom, cujo reinado constitui a Idade de Ouro do Lácio. Ao reconciliar-se com Zeus, assimila ao tempo a dimensão de infinitude. No solo dessa dimensão, Parmênides de Eleia (ver MORENTE, 1930), ao elaborar sua teoria do ser, dentre várias características, que não pretendemos aqui detalhar, destaca o seu caráter de unicidade e infinitude. Para ele, o ser é único, ilimitado, infinito, imutável, formulando então o princípio de identidade e a teoria dos dois mundos: o mundo sensível e o mundo inteligível. O inteligível abarcaria o ser e seria apreendido pelo pensamento, enquanto o primeiro seria o mundo da aparência apreendido, ilusoriamente, pela percepção sensível e caracterizado pela heterogeneidade e pelo movimento.

Zenão de Eleia (ver MORENTE, 1930), principal discípulo de Parmênides, explora a concepção de *movimento* do mestre. Vale destacar que, em Zenão, como em diversos antigos, o tempo é submetido ao movimento. Muito resumidamente, poderíamos dizer que, como o movimento consiste no trânsito de um ponto do espaço a outro e, como há entre dois pontos do espaço, por mais próximos que estejam, uma infinidade de pontos, resulta que esse trânsito não pode realizar-se senão num infinito de tempo, e se torna ininteligível. O tempo pertence ao mundo sensível, sendo, portanto, mera aparência.

Para vários filósofos, o tempo é abordado sob a perspectiva de uma sucessão – isto é, o que se designa como tempo cronológico – o qual não foi concebido de modo unívoco pelos diversos autores que dele trataram. Destacando, portanto, esse caráter de sucessão do tempo, existem filósofos que quebra-

ram, de formas variadas, tal sucessão dentre os quais Santo Agostinho (398/1987). O teorema fundamental dessa concepção assim foi por ele formulado:

não existem, propriamente falando, três tempos, o presente, o passado e o futuro, mas somente três presentes: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro.

Segundo Santo Agostinho (398/1987), não se pode dizer que aquilo que é futuro já possui existência, ou que o passado subsiste ainda. Portanto, os três tempos referidos por esse filósofo existem na nossa mente, e não com existência real: “lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (*Id., ibid.*, p. 222). Não se pode ignorar, contudo, as dificuldades e conflitos por que passou Santo Agostinho ao formular ideias que colocavam em questão o tempo infinito.

Kant (1781/1987) submete a sucessão temporal dos antigos à ordem causal. Uma coisa pode conseguir o seu determinado lugar no tempo somente se, no estado anterior, pressupuser-se outra coisa que a determinaria. Seria, pois, um tempo anterior que determinaria, necessariamente, o tempo seguinte à maneira de uma causalidade. Essa concepção de tempo é percebida como inserida no contexto de uma ordem que, entretanto, não pode ser invertida. Por exemplo: o que é presente tem que guardar relação causal com o que lhe sucede. Nesse sentido difere Kant (1781/1987) dos que trataram a sucessão de um ponto de vista não causal. Ainda para este

Alba Guerra / Glória Carvalho

autor, o tempo estaria fora dos eixos, e condicionaria o movimento, e não o contrário, como nos antigos. Daí a sua inovação no modo de perceber a sucessão. Assim, “o tempo deixa de ser cardinal e se torna ordinal, pura ordem, forma vazia e pura, livre dos acontecimentos que formavam seu conteúdo” (KANT, citado por MACHADO, 1998, p. 109). Introduz, ainda, nas suas reflexões sobre tempo, o conceito de fenômeno. Em outras palavras, o tempo não seria propriedade das coisas, mas uma forma de sensibilidade, ou melhor, condição formal para nossas percepções ou conhecimentos, e que colocamos nas coisas do mundo. Não faz sentido falar, portanto, que conhecemos as coisas em si mesmas, mas sim que as conhecemos recobertas das formas de *espaço e tempo* que lhes aplicamos. As coisas recobertas por essas formas, Kant (1781/1987) denominou *fenômenos*. Neste solo kantiano, o tempo seria, pois, algo (uma forma) que, estando no sujeito, aplicar-se-ia às coisas, ordenando-as, com o objetivo de conhecê-las. O tempo seria, assim, uma das condições do conhecimento.

Tempo trágico e psicanálise

Trataremos, sucintamente, de outra concepção de tempo – o tempo trágico – que suportou as várias narrativas das tragédias iniciadas pela obra dos gregos mais antigos, chegando até nossos dias, explicitamente, através do pensamento psicanalítico freudiano e lacaniano.

Nas palavras de Gondar (1995), segundo o pensamento de Hölderlin, o tempo designado como

trágico, seria o resultado do enfrentamento entre o homem e Deus. Esse tempo quebraria, portanto, o tempo subordinado à ordem divina, ou seja, o tempo do deus Chronos. Dessa quebra, surge, como marca, um tempo puro, vazio de conteúdo, de determinações, de representações. Tratar-se-ia, também, de dissolução dos limites entre o *antes*, o *durante* e o *depois*. Assim, concebendo a simultaneidade como marca desse tempo, foi quebrado o pensamento cíclico dos clássicos sobre o tempo considerado como exterior ao homem. O tempo trágico era o tempo da interioridade, ou melhor, um tempo interior ao homem, portanto, uma experiência trágica de vazio, de falta, quer dizer, um *vir-a-ser* não ligado, disperso, destituído de qualquer ordenação. Ao que parece, esse estado de falta corresponderia ao que o próprio Freud (1926/1948) concebeu como pulsão de morte, ou seja, uma energia caótica, dispersa, excessiva. O que retornaria, portanto, não seria apenas o mesmo, mas também, a pura diferença, colocando em destaque o *acaso*, em detrimento das determinações causais. Esse retorno da diferença, portanto, um *estranho familiar*, indica, simultaneamente, por mais paradoxal que pareça, uma *alteridade* radical e um *mesmo* do já vivido.

Com uma elaboração mais explicitada de Lacan em relação a Freud, pretendemos trazer alguns aportes do pensamento lacaniano sobre o tempo, dos quais lançaremos mão na formulação de nossas breves hipóteses que se relacionam à teoria lacaniana, mais especificamente a suas interpretações da tragédia de Antígona. Sob a ótica da psicanálise lacaniana, conforme já formulamos em trabalho anterior

Alba Guerra / Glória Carvalho

(GUERRA & CARVALHO, 2002), a concepção de tempo, isto é, modo de subjetivação do sujeito seria análoga a outras concepções que se referenciam na premissa básica da *irreversibilidade do vivido*. Quer dizer, na impossibilidade de algo retornar tal qual tenha acontecido, isto é, o passado (que necessariamente retorna) não poderia nunca ser o mesmo. Em última análise, o que se repetiria, com diferença e sem qualquer controle, seria efeito da estrutura, portanto, da relação indissociável entre as três instâncias que, para Lacan (1998), constituiriam o sujeito: real, simbólico e imaginário. Nesse sentido, o sujeito seria, por essência, temporal, posto que seria efeito de linguagem. Tal repetição, como já o dissemos, somente permitiria o novo enquanto implicasse, necessariamente, o diferente, a irreversibilidade, portanto, um tempo mais além da simples duração, um tempo instantâneo que, em última análise, constituiria um efeito-sujeito temporal. Dizer que o sujeito é temporal, porque efeito de linguagem, é pressupor que essa temporalidade seria a do instante, instante de ruptura na duração do encadeamento dos significantes. Isso implicaria ainda certo reconhecimento da duração ou sequência das dimensões temporais, mesmo deslocadas de sua posição privilegiada e/ou absoluta de outras abordagens. Assim, seria na duração ou na sucessão do tempo que a temporalidade do instante teria lugar, em seu movimento retroativo, produzindo o novo.

Partindo desse solo, Lacan trabalhou três conceitos de tempo que produziram uma reviravolta, tanto no campo teórico, quanto no da técnica analítica. Trata-se do que ele designou de: *tempo de olhar*,

tempo de compreender e tempo de concluir. Não se trataria da exclusão de um tempo em relação aos demais, porém de uma articulação indissociável entre eles em que a instantaneidade, a duração e a fulgurabilidade – caracterizada pela ruptura nessa duração – constituiriam modos de subjetivação e de um saber possível. Dizendo de outra maneira, o sujeito, suspenso entre a antecipação e a retroação, somente surgiria no intervalo desses dois momentos, o que tornaria o intervalo um tempo essencial à constituição da subjetividade. Quer dizer, um "entre dois" que, mesmo nesses dois se referenciando, não se reduziria nem a um nem a outro, mas à alternância do movimento que impulsionaria ora para um, ora para outro.

Com o objetivo de dar visibilidade ao tempo trágico e transitando pela narrativa de Bulfinch (1965), resumiremos a tragédia de Sófocles – Antígona – deixando de lado os detalhes, as sangrentas batalhas, por exemplo, que fazem parte do campo mitológico.

A mulher desempenha importante papel na mitologia grega e Antígona foi um belo exemplo de amor filial e fraternal. Era filha de Édipo e Jocasta que, com todos os seus descendentes, foram vítimas de um destino inelutável que os condenou à destruição. Tendo sido Édipo expulso do seu reino – Tebas – os irmãos de Antígona, Etéocles e Polinice haviam combinado dividir o reino entre si e reinar, alternadamente, cada um durante um ano. O primeiro ano coube a Etéocles que, quando expirou o prazo, negou-se a entregar o reino ao irmão Polinice, o que deu lugar a tremenda luta entre os dois irmãos. Esta

Alba Guerra / Glória Carvalho

teve momentos alternados de sucesso e derrota para ambos os lados. Concordou-se, então, que os dois irmãos decidiriam a luta num combate direto. Os dois lutaram e ambos morreram. Créon, tio dos dois e de Antígona, tornou-se rei de Tebas e decidira enterrar apenas Etéocles com todas as honras. Deixou, contudo, o corpo de Polinice onde caíra, privando-o dos ritos essenciais ao repouso dos mortos e proibindo, sob pena de morte, que alguém o enterrasse. Tal edito deixou Antígona revoltada. Resolvera desafiar a sorte e enterrou o corpo do irmão com suas próprias mãos. Foi presa enquanto fazia isso e Créon deu ordens para que a enterrassem viva, por haver desobedecido, deliberadamente, um edito solene.

Pelo nosso ângulo de leitura dessa tragédia, com a lente de Freud ((1926/1948), o eixo que a costura seria constituído pelo entrelaçamento conflituoso do intempestivo movimento de enterrar o irmão a despeito de despedaçar um edito da cidade. Em outras palavras, seria um conflito entre a pulsão de vida – com sua outra face desagregadora: a pulsão de morte – e uma ordenação do psiquismo. Dizendo de outro modo, a pulsão, o desejo, teriam, em Antígona, desagregado a ordem, a lei, deixando visíveis tanto o caráter devastador da pulsão quanto o limite da lei.

Vale destacar que não estamos falando aqui de morte biológica, mas do vazio, da falta. Trata-se, portanto, do caráter desagregador do tempo trágico, tempo do desejo que se concretiza no retorno do diferente ou na sensação de estranheza que caracteriza o *estranho familiar*. Pela ótica lacaniana, a tra-

gédia de Antígona fora rigorosamente interpretada. No entanto, não nos servimos dessa interpretação tal e qual se encontra no seu Seminário VII, porque o nosso objetivo, neste artigo, pretendeu interpretá-la, tendo o referencial do tempo como eixo. Poderemos nos perguntar se, ao fazer a sua interpretação, Lacan (1991) não estaria referendado na proposta do tempo lógico da sua teoria, embora de modo implícito. Como esse autor, destacaremos a questão do limite, em torno do qual gira o eixo da peça, pretendendo, entretanto, uma relação explícita com a dimensão temporal. Nos termos freudianos, o que desagregaria a ordem/edito da cidade seria o confronto entre o caráter devastador da pulsão e a dimensão da lei, do limite.

Se transpusermos a grade interpretativa de Freud (1926/1948) para o pensamento teórico lacaniano, destacaríamos os três tempos lógicos, apontando, sobretudo, para o estilhaçamento da duração ou da ordem temporal (tempo de compreender), pela aliança do desejo (tempo do olhar) com a falta/vazio (tempo de concluir). Esse tempo de compreender, a que Lacan designou de imaginário, tem frequentemente sua ordem e suas leis desagregadas pelos outros dois tempos. É um tempo, portanto, enganador pelo quanto está ligado aos aspectos mais encobridores das pulsões, do desejo. Nessa proposta, o tempo de Chronos é então deslocado do lugar clássico, absoluto para uma posição de relatividade, no tocante aos outros dois tempos. O movimento de Antígona fica comprimido num *entre dois* (Lacan, 1998), ou melhor, entre o limite da lei: o limite do tempo de

Alba Guerra / Glória Carvalho

compreender e o limite da força desagregadora do tempo trágico de concluir.

A marca da tragédia na poesia

Abordaremos, a seguir, a estrofe de um poema de Fernando Pessoa, tomada aqui como fragmento de tragédia, pelo fato de implicar uma temporalidade simultânea, ou melhor, a simultaneidade entre as dimensões: presente, passado e futuro.

Referindo-se ao pensamento de Deleuze, Machado (2009) destaca que

O grande interesse ou a grande importância da arte, para uma teoria do exercício do pensamento, é que só ela possibilita a descoberta do tempo como “tempo puro”, “tempo original absoluto”, “tempo primordial” idêntico à eternidade, pois a eternidade, segundo a linguagem neoplatônica utilizada por Deleuze é o “estado complicado do tempo”. É esse tempo – que o pensamento artístico redescobre ao revelar a essência – que reúne perfeitamente, isto é, sem materialidade ou generalidade, o signo e o sentido (MACHADO, 2009, *op. cit.*, p. 205).

Nas palavras de Deleuze:

O que a arte nos faz descobrir é o tempo tal como se encontra enrolado na essência, tal como nasce no mundo envolvido na essência, idêntico à eternidade. O extratemporal de Proust é esse tempo no es-

tado de nascimento e o sujeito-artista que o redescobre. Por essa razão, podemos dizer com todo rigor que só a arte nos faz redescobrir o tempo: a obra de arte é o “único meio de redescobrir o tempo”. Ela porta os signos mais importantes, cujo sentido está contido numa complicação primordial, verdadeira eternidade, tempo original absoluto (DELEUZE, citado por MACHADO, 2009, *op. cit.*, p. 205).

Poderíamos nos perguntar, ainda, por que, ao se falar em tempo trágico, escolheu-se uma forma de obra de arte: a poesia. Destacamos não somente a tragédia clássica (por exemplo, a de Sófocles, aqui usada – Antígona), mas também a marca trágica de certos poemas (Fernando Pessoa – “Tabacaria”).

Para Aristóteles, a tragédia é uma imitação de acontecimentos que provocam piedade e terror e que dão início à purificação destas emoções (ARISTÓTELES, 1987). As situações que, na tragédia, provocam piedade e terror são aquelas em que a vida ou a felicidade de pessoas inocentes são postas em perigo, ou em que conflitos não são resolvidos ou são resolvidos de modo a determinar piedade e terror nos espectadores. Em outras palavras, a resolução do conflito não poderia ser clara, sendo, portanto, imperfeita, incompleta e, nela se perdendo alguma coisa, o que constitui, por esse aspecto mesmo, o fascínio da tragédia. Nietzsche, na sua obra “*O nascimento da tragédia*” (NIETZSCHE, 1871/1987), deixou bem clara essa dimensão paradoxal atribuindo aos gregos o poder de perceber, claramente, o horrível e o absurdo da existência, conseguindo do-

Alba Guerra / Glória Carvalho

mar esse horrível, transformando-o em sublime, explicitando, assim, o objetivo da tragédia. Parece-nos, então, que a própria transformação do horrível em sublime constituiria a marca da arte trágica.

Cabe-nos, agora, mostrar por que escolhemos aqui uma estrofe do poema de Fernando Pessoa (1928) – “*Tabacaria*” – para ilustrar, também, o tempo trágico.

Sob o heterônimo de Álvaro de Campos, esse poema revela contradições e conflitos cujas soluções imperfeitas e incompletas estariam transpirando, para nós, de modo magistral, o lado trágico da existência atravessada pela opacidade do tempo. Foi por esse motivo que supusemos poder usar Pessoa para ilustrar uma abordagem sobre o tempo trágico.

TABACARIA

.....

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!

Gênio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,

Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

Não, não creio em mim.

Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!

artigo

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou
mais certo ou menos certo?
Não, nem em mim
Em quantas mansardas e não-mansardas
do mundo
Não estão nesta hora gênios-para-si-
mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúci-
das –
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lú-
cidas – ,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acha-
rão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o con-
quistar
E não para quem sonha que pode con-
quistá-lo, ainda que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão
fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais
humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que
nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da
mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre o que nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abris-
sem a porta ao pé de uma parede sem
porta,
E cantou a cantiga do infinito numa ca-
poeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.

Alba Guerra / Glória Carvalho

Derrame-me a Natureza sobre a cabeça
ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me
acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que
vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos
levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o
Indefinido.

Ilusão – Desilusão! Ressoam em nossos ouvidos esses dois termos tão usuais na teoria psicanalítica. Essa ressonância estilhaça a ideia de uma dicotomia entre os dois termos e os coloca como duas faces de uma mesma moeda. Em outras palavras, trata-se do limite ou da falta na sua indissociável relação ao desejo, configurando um conflito que nunca poderá ser resolvido. Fernando Pessoa, no texto acima, mostra com clareza a incompletude de qualquer solução do conflito, quando, por exemplo, o seu desejo de encontrar uma saída, simbolizado pela abertura de uma porta, coloca-o ao pé de uma parede que não tem porta.

A marca de brilhantismo de Pessoa seria a capacidade de viver os contrários sem dicotimizá-los, transformando, então o conflito no sublime. Em outras palavras, a transformação do conflito no sublime, no fascinante, no belo da poesia ocorreria através do confronto do poeta com o limite, que nada mais seria que o limite da morte.

A obra trágica se passa, então, nesse limite entre a vida e a morte; é por isso mesmo que uma é a interface da outra. Essa é, portanto a imagem-limite em torno da qual gira o eixo da poesia de Pessoa.

Valeria, ainda, comentar que, na nossa perspectiva, o desejo de Pessoa, na estrofe por nós recordada, visaria, a todo instante, a transpor esse limite o qual não poderia, contudo, transpor por muito tempo. Como diz Lacan, falando sobre Antígona, o texto do Coro dessa tragédia é aí significativo e insistente: “para além desse limite (ATÉ), só se pode passar um tempo muito curto” (LACAN, 1991, p. 318).

Segundo Paula Júnior (2007), para Nietzsche, o Coro trágico é a expressão do deus Dionísio associada, por sua vez, à dimensão originária e primordial. Nessa perspectiva, a tragédia grega foi compreendida como tendo uma natureza inconsciente articulada aos instintos vitais. Nietzsche (1871/1987, *op. cit.*) destaca a ambivalência entre os dois deuses da arte: Apolo e Dionísio. Com relação ao Coro, diz esse autor, é necessário considerar a tensão, o constante conflito e reconciliação gerados pelas duas divindades do mundo helênico, para que se possa compreender o desenvolvimento da arte trágica. De um lado, tem-se Apolo, o deus da forma, de outro, Dionísio, o deus da arte não figurada, da marca dissonante e da embriaguês. Contrapondo à racionalidade socrática, esse autor destaca Dionísio como intimamente relacionado à música e ao Coro trágico. Por sua vez, é Dionísio considerado como o deus da desmesura, na trama da experiência trágica e no plano da vida. Arte e vida estão sintonizadas com a

Alba Guerra / Glória Carvalho

tensão entre as pulsões e representadas pelos dois deuses no Coro trágico.

Trata-se, portanto, em Nietzsche (*Ibid.*), através de sua valorização do Coro da tragédia, de um desmedido dionisíaco característico das pulsões humanas que possui, como outra face, o sublime do artístico. Assim, o Coro daria visibilidade a um tempo interior ao homem – o tempo trágico – simultâneo que proporciona a experiência do vazio, da falta, quebrando a ordenação temporal do antes, durante e depois.

Toda a estrofe de Fernando Pessoa gira em relação a um eixo: o conflito, desejo, limite, manifestando certa confusão entre duas dimensões, ou seja, entre vida e morte. Para dar conta desse eixo não poderia o tempo cronológico (sucessão de acontecimentos) ser o suporte, mas sim, o tempo trágico, vazio. Tal tempo se situaria, então, no interior do poeta trágico, dividindo-o, ou melhor, fazendo-o perder-se na dessemelhança consigo mesmo.

Podemos dizer, com base no que foi discutido antes, que o tempo trágico situa-se num *entre-deux* – entre a eternidade e o tempo instituído por Chronos, sendo, a todo momento, colocadas em questão a ordem e a circularidade do tempo cronológico.

Para suspender, trazemos uma lira *garcilasiana* do professor, pesquisador e poeta Rogério Luz (2005) sobre o *tempo*:

O tempo

Que coisa, porém, que nos mede
sem medida e nos mata sem ser?

Fernando Pessoa

O tempo com que lida
a noite do nascente ao entardecer
te mede sem medida
e te mata sem ser –
mas vive a desmedida com prazer.

Em conversa informal com o autor dessa lira (*O tempo*), a nosso ver, foi acrescentada uma nova dimensão, através de desprezioso comentário que nos chamou a atenção. Disse ele que, no início dessa sua produção poética, a lira terminava com outro verso: “[...] Lida obscura de avesso anoitecer”, em vez de “[...] Vive a desmedida com prazer”.

No entender do autor, a primeira forma seria mais coerente com o que vinha antes, porque resumia a ideia de que “[...] a noite permeia o dia e a morte trabalha, secretamente, as aparências solares [...]”. No entanto, julgou ter essa versão uma marca muito pessimista e resolveu *virar para o outro lado*: o da *vida*, o do *prazer*.

No nosso entendimento, a ambivalência do poeta, por ele próprio testemunhada, deixa explícito o conflito básico da existência: conflito entre vida e morte. Dizendo de outro modo, considerando a marca do tempo trágico, a pulsão de morte concebida como a outra face da pulsão de vida, dá visibilidade, na arte poética, a um fácil deslizamento entre prazer e desprazer, vida e morte. Daí, a poesia, com a marca trágica, ter o seu acento no fluir constante entre o *horível* e o *belo*, o *sublime da existência*.

Alba Guerra / Glória Carvalho

Tramitação:

Recebido em: 28 de maio de 2010

Aprovado em: 26 de julho de 2010

Alba Gomes Guerra

Rua Rui Calaça, 94, apto. 702

Espinheiro – Recife – PE.

CEP: 52020-110

E-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

Tel (81) 3241-0283

Glória Maria Monteiro de Carvalho

Rua General Abreu e Lima, 239, apto. 1801

Tamarineira – Recife – PE.

CEP: 52.041-040

E-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

Tel: (81) 3241-7969

Fax: (81) 3423-9800

Referências

ARISTÓTELES, *Poética*, 1, São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

PAULA JÚNIOR, H.O. *O papel do coro na tragédia grega em Nietzsche*. ANAIS do V Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba, 2007. Disponível em: <www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/haroldo_paula.pdf>. Acesso em 26/05/2010.

BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia*. Edouro, 1965.

artigo

FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*. In:_____. *Obras completas* (p.1246-1252). Madri: Biblioteca Nueva, 1948. (Artigo original publicado em 1926).

GUERRA, A.G. & CARVALHO, G. *Interpretação e método: repetição com diferença*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

GONDAR, J. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

KANT, E. *Crítica da razão pura*, 1, São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores). (Artigo original publicado em 1781).

LACAN, J. *O Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In:_____. *Escritos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.197-213, 1998(Trabalho original publicado em 1945).

LUZ, R. *O tempo*. Rio de Janeiro, 2005. (Poema inédito).

MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MORENTE, M.G. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1930.

Alba Guerra / Glória Carvalho

NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia no espírito da música. In:_____. *Obras Incompletas*,1, São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção: Os pensadores). (Obra original publicada em 1871).

PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

SANTO AGOSTINHO *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção: Os Pensadores). (Trabalho original escrito em 398).

artigo



Tempos de excessos: questões sobre temporalidade e individualismo na atualidade *Time of excesses: issues of temporal dimension and individualism in contemporary experience*

Cecília Freire Martins*
Claudia Amorim Garcia**

Resumo

Partindo da investigação a respeito das configurações atuais da experiência temporal e do individualismo, este trabalho consiste na tentativa de examinar que consequências subjetivas podem ser a eles relacionadas. Entendemos, então, que o aumento de estimulação que provocam configura uma situação traumática de desamparo que se apresenta como excesso pul-

* Mestranda /Programa de Pós-Graduação/Psicologia Clínica da PUC-Rio; Membro Associado /Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ); Membro Associado/ Instituto Cultural Freud (ICF).

** Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica/ Wright Institute, Berkeley; Professora Associada/ Departamento de Psicologia/PUC-Rio (Programa de Pós-Graduação/Psicologia Clínica); Membro Efetivo/Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

sional. Este estado de coisas interfere na capacidade de vinculação dos sujeitos, tornando-os ainda mais suscetíveis ao trauma, situação que se evidencia na clínica atual através dos prejuízos à simbolização presentes em muitos pacientes.

Palavras-Chave: tempo; individualismo; pós-modernidade; trauma; desamparo.

Abstract

Starting from the investigation of two relevant aspects of contemporary daily experience, that is, the temporal dimension and individualism, this paper discusses the psychic consequences associated to them. It is assumed that these phenomena provoke an increase of stimuli that brings about a traumatic experience of helplessness which presents itself as an instinctual excess. This state of affairs interferes with the subject's binding ability, making them more vulnerable to traumatic situations, something that is exemplified in the clinical setting by thought disorders.

Keywords: *temporal dimension; individualism; post-modernity; trauma; helplessness.*



artigo

Tempos de excessos: questões sobre temporalidade e individualismo na atualidade

Time of excesses: issues of temporal dimension and individualism in contemporary experience

**Cecília Freire Martins
Claudia Amorim Garcia**

Autoanálise, clínica e cultura são os três pilares em que se fundamentou toda a elaboração psicanalítica inicial. Circulando criteriosamente por estes elementos, Freud começou o percurso que o levaria até a constituição de uma nova compreensão sobre o funcionamento psíquico. Assim, foi deste encontro entre a análise de seus próprios sonhos e fantasias, a fala de seus pacientes e elementos da cultura que Freud inaugurou a psicanálise como discurso sobre a *psique* humana em sentido amplo, e não mais restrito apenas a patologias. A cultura, portanto, está na gênese da produção psicanalítica de uma maneira especialmente fecunda, uma vez que, de fato, trata-se de um saber cuja concepção se iniciou valendo-se destas três esferas (MEZAN, 1985).

A importância da dimensão social na constituição da teoria psicanalítica fica ainda mais evidente se considerarmos aqueles que são comumente referidos como textos sociológicos (ou sociais) de Freud, entre eles: “*Totem e tabu*”(1913), “*Psicologia das massas e análise do ego*” (1921), “*O futuro de uma ilusão*” (1927). “*O mal-estar na cultura*”(1930) e “*Moisés e o monoteísmo*”(1939) (COSTA, 1989, p. 57). Nestes e também em outros trabalhos é possível verificar que Freud inclui a cultura na elaboração da psicanálise de diferentes maneiras, ora recorrendo a elementos próprios das organizações sociais para compreender a dimensão individual, ora, ao contrário, utilizando os conhecimentos a respeito do funcionamento psíquico dos sujeitos para justificar determinadas condições da cultura (COUTINHO, 2002). Assim, ao se considerar o conjunto da produção freudiana, verifica-se que, em psicanálise, estudar o sujeito exige a consideração do domínio social no qual este se constitui (GARCIA, 1999).

Partindo deste pressuposto sobre a relevância da cultura para se pensar a questão subjetiva em psicanálise, propomos aqui uma reflexão inicial sobre a sociedade contemporânea, considerando suas principais e mais particulares características, que fazem deste um momento tão expressivo. Com isso, buscamos investigar algumas mudanças ocorridas na organização social nas últimas décadas que inevitavelmente produzem transformações em aspectos subjetivos. A tarefa de se pensar a constituição subjetiva a partir de elementos sociais exige, contudo, certo cuidado na consideração das contribuições de cada uma destas esferas consideradas, a fim de se

evitar qualquer precipitação que se assemelhe a um modelo simplista de causa e efeito. Neste sentido, é preciso sinalizar que não se trata de uma relação mecanicista, na qual “mudanças objetivas no mundo [...] automaticamente causem mudanças nas formas de subjetivação, produzindo como consequência sujeitos diferentes” (BEZERRA, 2002, p. 232). Ao contrário, a relação entre as organizações sociais e o mundo psíquico dos sujeitos nelas inseridos se dá de maneira indireta e pouco óbvia, envolvendo, em seu processo, a criação e a transformação de ideais, valores e jogos de linguagem (BEZERRA, 2002, *op. cit.*). Assim, o que se pretende no desenvolvimento do presente trabalho não é, de forma alguma, indicar a existência de padrões ou modelos de subjetividade próprios da Pós-Modernidade, o que, segundo Jameson (1996), ocorre quando determinadas categorias patológicas, como narcisismo e depressão, são tomadas como descrições das formas de subjetivação verificadas em uma sociedade. Aqui, diferentemente, propõe-se um exercício de análise de determinadas tendências sociais, como condições oferecidas por uma época para a realização dos processos de constituição subjetiva. A ideia, portanto, é supor que tais condições “adquirem uma posição única, prenhes de significados inestimáveis para o desenvolvimento da existência psíquica” (SIMMEL, 1902, p. 25) que pretendemos examinar a partir dos pressupostos da psicanálise.

Assim, é com base nestas considerações que, entre os diferentes elementos que emergem como emblemáticos do momento atual, dois serão tomados como tendo particular interesse: as modificações na

Cecilia Martins/Claudia Garcia

temporalidade e as transformações do individualismo. Entendidos aqui como marcas significativas da sociedade contemporânea, estes elementos serão investigados observando-se os desdobramentos que eventualmente produzem sobre a experiência subjetiva contemporânea.

Considerações sobre a atualidade

Diz-se que já não mais vivemos sob os princípios clássicos da Modernidade. São novos tempos, com novos desafios (SANTOS, 1995, p. 8). Somos diariamente apresentados a intensas mudanças nas práticas culturais, sociais e político-econômicas, além de testemunharmos inéditas formas de experimentação do tempo e do espaço (HARVEY, 1993). Filósofos, sociólogos e antropólogos debruçam-se sobre os fenômenos sociais que caracterizam a contemporaneidade e propõem novas possibilidades de se pensar e até mesmo de se nomear este período.

Há, no entanto, aqueles que veem este cenário contemporâneo não como configuração social inteiramente nova, mas como continuação daquilo que foi inaugurado pela Modernidade. Anthony Giddens, em seu livro “*Modernidade e identidade*” (GIDDENS, 2002), é um dos autores que endossam esta visão continuada da Modernidade, identificando suas origens já na ascensão do Iluminismo e propondo sua extensão até os dias atuais. O filósofo francês Jean-François Lyotard (1984), por outro lado, utiliza o termo *Pós-Modernidade* para designar este mesmo período, no qual haveria a superação de alguns dos princípios básicos da Modernidade, sem

que isso se configurasse como um rompimento radical. Assim, ainda que a definição de Pós-Modernidade tenha se desenvolvido a partir da noção de Modernidade, e se encontre diretamente referida a ela, este conceito trazido por Lyotard (1984, *op. cit.*) difere daquele proposto por Giddens (2002, *op. cit.*). Se com “*Alta modernidade*” Giddens (*Ibid.*) privilegia a continuidade histórica entre o período atual e os anteriores, em uma perspectiva pós-moderna, Harvey (1993, *op. cit.*) opta pela valorização do que é específico da contemporaneidade, acentuando, no entanto, sua origem histórica (*Id., ibid.*).

Ao propor uma discussão sobre as vicissitudes subjetivas trazidas pela contemporaneidade, entendemos este período histórico a partir de características que lhe são exclusivas, privilegiando suas diferenciações em relação a outros momentos da História. Assim, embora não excluamos o caráter de continuidade entre estes dois períodos, entendemos que o termo Pós-Modernidade oferece mais recursos para trabalharmos a contemporaneidade a partir dos aspectos que a definem como um período de características ímpares e inéditas. De fato, inúmeras são as diferenças que encontramos ao comparar as sociedades atuais àquelas de um século atrás. Sexualidade, capital, trabalho, relacionamentos, comportamentos, comunicação, estes e tantos outros elementos culturais sofreram (e ainda sofrem) mudanças sistemáticas em suas estruturas e configurações e, desta forma, representam os novos tempos.

É possível compreender e pensar a dimensão pós-moderna a partir de enorme variedade de temas.

No desenvolvimento do presente trabalho, dois aspectos serão destacados, a saber, a concepção temporal e os rumos do individualismo. Estes elementos são determinantes para a constituição social contemporânea, já que reúnem algumas das principais características deste período, como o dinamismo, a autonomia e a volatilidade (LIPOVETSKY, 2005) e, portanto, de considerável relevância para o entendimento da experiência subjetiva contemporânea, foco atual de nossa discussão.

Sobre a temporalidade contemporânea

Zygmunt Bauman em “*Modernidade líquida*” (2001) propõe que a Modernidade pode ser pensada como “a história do tempo” (BAUMAN, 2001, p. 129), já que foi apenas com sua inauguração que o tempo pôde ser compreendido a partir de definição própria, desvinculada de práticas ou afazeres humanos. Antes disso, a noção de tempo não poderia ser separada da noção de espaço, de modo que era possível assumir que “espaço é o que se pode percorrer em certo tempo, e que tempo é o que se precisa para percorrê-lo” (*Id., ibid.*, p. 128). Ambas as noções se aproximavam em suas definições e estavam diretamente relacionadas ao esforço humano necessário para o cumprimento de determinada tarefa.

Contudo, a invenção de máquinas e veículos movidos a carvão trouxe novas particularidades à compreensão temporal (BAUMAN, 2001, *op. cit.*). Por serem mais rápidos e mais potentes do que os seres humanos, além de poder ter sua velocidade de funcionamento alterada, tais aparatos tecnológicos

evidenciavam o tempo como elemento independente e passível de ser controlado. A temporalidade, então, se tornou flexível e se emancipou das inertes distâncias e medidas de espaço. A partir da Modernidade, portanto, o tempo passou a ser “diferente do espaço porque, ao contrário deste, poderia ser mudado e manipulado” (*Id., ibid.*, p. 130).

Uma vez delineado e controlado, o tempo transformou-se em uma das mais importantes ferramentas do homem moderno e, por isso, passou a ser intensamente calculado, rotinizado e racionalizado (*Id., ibid.*). O rígido controle do tempo tornou-se o eixo organizador da produção econômica e das relações de trabalho e capital estabelecidas durante a Modernidade, quando a lógica vigente era produzir o máximo no menor tempo possível (HARVEY, 1993, *op. cit.*). A aceleração do tempo, portanto, constituiu-se como um dos grandes temas da Modernidade.

Esta lógica que orientou todo o projeto moderno sofreu, no entanto, profunda transformação, principalmente a partir da segunda metade do século XX, no início da Pós-Modernidade. David Harvey utiliza a expressão “turbilhão de efemeridades” para descrever o cenário pós-moderno, no qual, segundo o autor, todos os campos da sociedade, em suas mais diversas atividades, passaram a ter que lidar com o desafio colocado pelo tempo de giro, que precisa ser cada vez mais rápido e ágil (HARVEY, 1993, *op. cit.*, p. 263). Levadas às últimas consequências, estas novas configurações contribuíram para a emergência de uma cultura da aceleração do tempo que propõe outras formas de se experimentar a temporalidade. Surgiram, então, hipóteses como a da “velocidade da

luz”, segundo a qual as tarefas podem ser realizadas em “tempo nenhum” (BAUMAN, 2001, *op. cit.*, p. 136), inaugurando-se, assim, a lógica da instantaneidade, na qual um tempo muito curto e muito rápido sugere a realização “no ato” (*Id., ibid.*). Esta redução extrema do tempo, por sua vez, ressaltou a volatilidade e a efemeridade como valores fundamentais da Pós-Modernidade, conceitos que representam com maestria a temporalidade própria deste período (HARVEY, 1993, *op. cit.*).

Os tempos da instantaneidade trouxeram novo referencial para a organização humana do tempo (JAMESON 1996; BAUMAN, 2000), estabelecendo nova relação entre presente, passado e futuro, o que acabou por se caracterizar como mais uma marca da temporalidade contemporânea. Jameson (1996) caracteriza como uma “crise da historicidade” este fenômeno que, ao priorizar a instantaneidade e o momento presente, desvaloriza dimensões do passado e, com isso, a dimensão histórica dos fatos. Em uma descrição mais minuciosa, Bauman (2000, *op. cit.*) afirma que a organização da temporalidade na Pós-Modernidade obedece a rigorosas regras que consistem em:

Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num *presente contínuo* (BAUMAN, 2000, *op. cit.*, p. 113).

De maneira equivalente ao que Bauman (2001, *op. cit.*) caracteriza como presente contínuo, Jameson utiliza a expressão “presente perpétuo” (JAMESON, 1985, p. 26) para descrever este tempo imediato que precisa ser experimentado como sucessão de pequenas mudanças capazes de apagar as tradições e formações sociais relacionadas a períodos passados. Em suma, esta fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos define, entre outras coisas, o novo cenário de referências para homens e mulheres pós-modernos. Para além da rigidez, da durabilidade e da fixidez característicos de tempos passados, as regras do jogo são, agora, feitas e refeitas a cada momento, a cada nova etapa (BAUMAN, 2000, *op. cit.*). A “adequação – capacidade de se mover rapidamente onde a ação se acha e estar pronto para assimilar experiências quando elas chegam” (*Id., ibid.*, p. 113) – se torna habilidade fundamental para os indivíduos contemporâneos, constantemente convocados a explorar as infinitas possibilidades de cada experiência, de cada instante, levando-as a seu extremo. Trata-se, portanto, de valorização maciça das vivências presentes, na qual a intensidade prevalece sobre o sentido ou o significado:

[...] assim isolado, o presente repentinamente invade o sujeito com uma vivacidade esmagadora, que dramatiza, efetivamente, o poder do significante material – ou melhor, literal – quando isolado. Esse presente do mundo, ou significante material, apresenta-se diante do sujeito com maior intensidade, traz uma misteriosa

osa carga de afeto, aqui descrita nos termos negativos da ansiedade e da perda de realidade, mas que seria possível imaginar nos termos positivos da euforia, do ‘barato’, de uma intensidade alucinógena ou alucinante (JAMESON, 1996, *op. cit.*, p. 54).

A aceleração do tempo, assim introduzida na lógica da organização temporal pós-moderna, acaba por produzir maior intensidade nas experiências vivenciadas pelos sujeitos, que passam a ter que lidar com enorme quantidade de estímulos a cada instante. As implicações desta transformação talvez ainda não possam ser plenamente compreendidas, uma vez que este processo encontra-se em curso. Aqui, contudo, podemos, a partir do referencial psicanalítico, esboçar algumas possíveis consequências que este aumento da intensidade dos estímulos, experimentado pelos sujeitos, acarreta à esfera subjetiva. Por ora, no entanto, passemos ao exame de um segundo aspecto fundamental do momento contemporâneo, cuja consideração parece bastante relevante para discussão proposta: os rumos do individualismo na Pós-Modernidade.

Sobre os rumos do individualismo na Pós-Modernidade

Em trabalho construído a partir do referencial das ciências sociais, Louis Dumont (1993) discute amplamente a origem e a composição da noção de “indivíduo”. Pautado sobre estudo comparativo entre a sociedade de castas indiana e a sociedade ocidental

moderna, o autor se dedica a “desconstruir a concepção universalizante de indivíduo, que durante muito tempo predominou nas ciências humanas” (COUTINHO, 2002, p. 9). Assim, Dumont (1993) sugere que a noção de individualismo foi construída através de longo e gradual processo de mudanças e transformações sócio-culturais. Suas raízes poderiam ser identificadas já em períodos anteriores da História, mas, segundo o autor, sua consolidação como lógica dominante na sociedade ocidental é recente, coincidindo com o nascimento da Modernidade, após a queda do Antigo Regime. A Revolução Francesa seria o grande marco da mudança política, social e religiosa que, de fato, solidificou os princípios do paradigma individualista no Ocidente. Os ideais de liberdade e igualdade podem, neste sentido, ser compreendidos como expressões categóricas do que é o homem moderno, o indivíduo (DUMONT, 1993, *op. cit.*). A partir disso, Dumont propõe que o termo “indivíduo” pode ser compreendido a partir de duas noções bastante distintas e, talvez por isso, complementares:

INDIVÍDUO: Do sujeito ou do homem individual deve, de fato, distinguir-se:

(1) o sujeito empírico da palavra, do pensamento, da vontade, amostra indivisível da espécie humana, tal como o observador encontra em todas as sociedades;

(2) o ser moral, independente, autônomo e, assim, (essencialmente), não social, tal como se encontra, sobretudo, em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade (*Id., ibid.*, p. 280).

Esta definição de indivíduo tornou-se possível a partir da instauração da cultura moderna individualista ocidental, quando, então, se consolidou o entendimento do homem como ser livre, responsável por seus atos, a quem competem direitos e deveres (GARCIA & COUTINHO, 2004, p. 127).

Os trabalhos de George Simmel (1902; 1957), anteriores aos estudos de Dumont (1993, *op. cit.*), também trouxeram contribuições fundamentais para o estudo do individualismo, já que suas propostas atribuíam “subjetividade” à noção de indivíduo, oferecendo, assim, uma perspectiva que vai ainda além da leitura posterior de Dumont (COUTINHO, 2002, *op. cit.*). As noções de individualismo trazidas por Simmel se fundamentam não apenas nos princípios do Iluminismo que caracterizam a visão histórica e política do indivíduo, presente nas contribuições de Dumont (1993, *op. cit.*), mas também nas ideias do Romantismo Alemão com sua ênfase na ideia de singularidade. Dessa forma, de acordo com Simmel (1957), ao longo da história ocidental, duas revoluções individualistas poderiam ser identificadas. A primeira destas revoluções teria dado origem ao individualismo quantitativo ou “individualismo de *singleness*” que, fundamentando-se sobre princípios iluministas, relaciona a noção de indivíduo à autonomia e à independência. Em linhas gerais, pode-se dizer que esta primeira definição proposta por Simmel se aproxima bastante do que Dumont (1993, *op. cit.*) propôs algumas décadas depois. A segunda revolução individualista, responsável pela consolidação daquilo que foi denominado individualismo

qualitativo ou “individualismo de *uniqueness*”, estaria fundamentada sobre a primeira, oferecendo-lhe, no entanto, alguns novos elementos. Isso porque, uma vez consolidados na sociedade os ideais de igualdade e universalidade, próprios do “individualismo de *singleness*”, teria tido início nova busca por certa distinção entre os homens. Autônomos e independentes, os indivíduos agora buscavam se tornar também singulares e insubstituíveis (GARCIA & COUTINHO, 2004, *op. cit.*, p. 128). Para além do que havia em comum e que igualava os indivíduos, esta segunda revolução individualista, apoiada sobre valores próprios do Romantismo Alemão, diria respeito à diferenciação dos indivíduos através de características particulares de cada um (SIMMEL, 1957, *op. cit.*).

Esta concepção qualitativa de individualismo expandiu-se rapidamente ao longo do século XX, no qual o liberalismo político-econômico, acoplado às atividades de consumo e ao privatismo, colaborou para o culto à diferença e o cultivo da dimensão interior (GARCIA & COUTINHO, 2004, *op. cit.*). Aos poucos, as liberdades individuais foram sendo exaltadas e a construção de sujeitos autônomos, únicos e livres, foi se constituindo como o ideal individual vigente

Nestas últimas décadas, no entanto, com a consolidação do que aqui entendemos como Pós-Modernidade, a questão da liberdade deixou de ser bandeira de luta para tornar-se valor intrínseco à sociedade contemporânea, perdendo seu caráter revolucionário ou transformador e consolidando-se como ideal cultural a ser alcançado por todos. Atu-

almente, mobilidade, autonomia e independência são objetivos individuais que caracterizam aqueles tidos como “bem-sucedidos” e, neste contexto, os laços e vínculos estabelecidos tornam-se mais frágeis na busca de maior liberdade individual. É neste cenário que surge, então, a figura de um “indivíduo errante, sem amarras e à deriva, como paradigmática dos novos contornos que o individualismo assume em nossa época” (*Id., ibid.*, p. 131). Levada às últimas consequências, portanto, a exacerbação da liberdade e da autonomia abre espaço para o surgimento da errância subjetiva que aponta para uma instabilidade identitária e interfere no estabelecimento de vínculos afetivos.

Contribuindo para a discussão sobre os ideais individuais vigentes na atualidade, o sociólogo francês Alain Ehrenberg (2000) utiliza o termo “insuficiência” para caracterizar os indivíduos contemporâneos que, libertos das normas e tradições sociais de outrora, passaram a ser responsáveis pela construção de seus próprios referenciais existenciais. Neste cenário definido pelo autor como “ilusão individualista” (EHRENBERG, 2000, p. 15) os sujeitos já não são mais regidos pela lógica da culpabilidade e da disciplina: a responsabilidade por si mesmo e a iniciativa passaram a ser as exigências às quais o sujeito precisa atender. A polaridade “permitido-proibido” parece ter sido substituída pela dualidade “possível-impossível” (*Id., ibid.*), ficando a cargo de cada um decidir sobre os critérios que norteiam seu desempenho. No contexto destas novas configurações sociais, Ehrenberg (*ibid.*) aponta que cada vez mais os sujeitos são acometidos pelo que denomina

“enfermidades da insuficiência”, que se traduz no temor de não se estar à altura do esperado, no medo da impotência e do vazio (*Id., ibid.*, p. 127).

Pressionado pela busca dos ideais de liberdade, em um vazio de referências simbólico-institucionais, os sujeitos contemporâneos se deparam com a errância subjetiva e com os sentimentos de insuficiência, desdobramentos psíquicos decorrentes do cenário atual (EHRENBERG, 2000, *op. cit.*; GARCIA & COUTINHO, 2004, *op. cit.*). Observa-se, então, que a fragilidade dos laços estabelecidos e o aumento das exigências e da responsabilidade sobre cada indivíduo, ao emergirem como marcas da cultura pós-moderna, dão margem a diversas modalidades de sofrimento psíquico que podem ser articuladas a uma profunda vivência de desamparo. Neste sentido, o desamparo configura-se como “uma das possíveis respostas afetivas às condições de subjetivação presentes na sociedade individualista atual” (GARCIA & COUTINHO, 2004, *op. cit.*, p. 132), uma vez que os sujeitos encontram-se hoje desenraizados e errantes, precisando lidar sozinhos com o excesso de estimulação e excitação que lhes chegam.

Excesso, desamparo e a vulnerabilidade ao trauma

Quando considerada a partir de referencial psicanalítico, as noções de intensidade e excesso nos remetem, imediatamente, ao ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana, que se refere justamente à questão da energia que circula no aparelho psíquico. O núcleo da proposta metapsicológica é de que o aparelho psíquico tem como principal função

garantir que a energia psíquica se mantenha no menor nível possível e, para tanto, configura-se como o lugar onde se realizam os processos de transformação próprios a cada uma das instâncias e à relação entre elas (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001; GREEN, 2008). Através, portanto, da elaboração das excitações que lhe chegam, o aparelho psíquico protege-se contra quantidades excessivas de excitação que paralisariam seu funcionamento e, agindo segundo o princípio do prazer, trabalha para reduzir os níveis de energia nele contidos, evitando experiências de desprazer. Partindo destas considerações, em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud afirma que “a proteção contra os estímulos é para os organismos vivos uma função quase mais importante do que a recepção deles” (FREUD, 1920/1969, p. 43), enfatizando, assim, a importância da defesa contra estímulos excessivamente intensos. Para tanto, propõe a existência de uma camada especializada do aparelho psíquico cuja função seria impedir sua inundação por uma intensidade excessiva capaz de bloquear o funcionamento do princípio do prazer (GARCIA, 2005, p. 149). Esta camada seguiria o modelo de uma “vesícula viva”, cuja superfície externa, em função de sua constante estimulação, se diferenciaria, transformando-se em uma crosta calcinada e, por isso, mais adequada à recepção dos estímulos externos (FREUD, 1920/1969, *op. cit.*, p. 41). Seriam “traumáticas” quaisquer excitações providas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (*Id., ibid.*, p. 45). Nota-se, assim, a associação entre trauma e excesso de excitação. Em psicanálise, portanto, o

trauma pode ser compreendido como uma situação capaz de comprometer a organização e o funcionamento psíquico em função da grande intensidade das excitações que permite e que ultrapassam a capacidade de elaboração pelo sujeito (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, *op. cit.*, p. 522).

A partir destas considerações, sugerimos, inicialmente, que o aumento da intensidade dos estímulos, engendrado pelas novas formas de se experimentar o tempo, pode ser pensado sob a ótica do trauma. Esta aceleração dos fenômenos ocasiona aumento na intensidade experimentada pelos sujeitos e, assim, é possível supor que uma sociedade na qual os sujeitos são intensamente estimulados é, em última análise, uma sociedade que os expõe a situações eminentemente traumáticas.

Em 1926, no texto “*Inibições, sintomas e ansiedade*” (FREUD, 1926), a apresentação da segunda teoria da angústia trouxe novos elementos para se pensar a questão traumática hoje (GARCIA, 2005, *op. cit.*). Neste trabalho, Freud apresenta a noção de “angústia automática” que, em última análise, pode ser definida como a reação do sujeito frente ao trauma. Esta forma de angústia seria ocasionada pelo encontro com afluxo exagerado de excitações, de origem interna ou externa, cuja intensidade não pode ser dominada pelo psiquismo (FREUD, 1926/1969, *op. cit.*; LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, *op. cit.*). A angústia automática estaria associada a vivências muito do início da vida, como o nascimento e o período de lactação, nas quais a criança nada pode fazer para aplacar o aumento das excitações causado por necessidades, ficando, portanto, desam-

parada, dependendo dos cuidados de um outro (FREUD, 1926/1969, *op. cit.*). Assim, podemos, com Freud, afirmar que “ansiedade é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (*Id., ibid., p. 162*). Assim, toda experiência traumática na qual o aparelho psíquico é invadido por excitações excessivamente intensas, ficando sem recursos para reagir adequadamente, se relaciona, necessariamente, com a vivência inicial de desamparo.

A hipótese que aqui defendemos sugere que no contexto atual os sujeitos se encontram expostos a excesso de excitação que configura uma situação de desamparo vendo-se, portanto, constantemente acometidos por angústia automática. Entendemos que tanto a aceleração do tempo quanto as novas configurações do individualismo na Pós-Modernidade, através de seus efeitos psíquicos alienantes e desorientadores, são alguns dos fatores responsáveis por esta situação, já que provocam aumento insuportável de estimulação e excitação pulsional, que resultam em intensa experiência de desamparo.

As considerações sobre a questão traumática apresentadas nos trabalhos de 1920 e 1926 incluem também observações a respeito das possibilidades de proteção do aparelho psíquico frente à sua invasão por quantidades exageradas de excitação. Assim, um sistema investido e vinculado possuiria grande quantidade de energia quiescente, energia ligada, e estaria apto a receber e elaborar um maior fluxo de energia. Em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/1969, *op. cit.*), verificamos que a proteção do apare-

lho psíquico contra excitações muito intensas é não só realizada pela camada especializada do próprio aparelho, mas também auxiliada por outras características próprias do funcionamento psíquico do sujeito em questão, entre elas, o estabelecimento de vínculos e investimento. Desta forma, sistemas que contam com baixa capacidade vinculatória são mais frágeis e, portanto, mais suscetíveis frente ao ímpeto de uma situação traumática (GARCIA, 2005, *op. cit.*).

Em 1926, a capacidade de vinculação e investimento volta a ser enfatizada como essencial para a proteção do aparelho psíquico com a apresentação da noção de “angústia sinal”, que se distingue da angústia automática por se constituir como dispositivo capaz de alertar para o risco de situações de perigo. Como bem aponta Garcia (*Ibid.*), para Freud, a existência da angústia sinal tem como finalidade desencadear ações específicas de prevenção capazes de evitar a ocorrência de uma situação de perigo, diminuindo também o risco de acometimento do sujeito por angústia automática. Para que isso seja possível, no entanto, é necessário que exista, da parte do sujeito, boa capacidade de vinculação e investimento como forma de proteção do aparelho psíquico:

Sistemas intensamente investidos, portanto, resistem mais fortemente a traumas já que possibilitam a preparação para a angústia e o desenvolvimento da expectativa. Por outro lado, sistemas despreparados, isto é, desinvestidos são mais suscetíveis a situações traumáticas nas quais o sujeito se vê invadido pela angústia automática que sinaliza a inundação do apa-

relho psíquico por intensidades que ultrapassam seu limiar de suportabilidade (GARCIA, 2005, *op. cit.*, p. 150).

A possibilidade de proteção do aparelho psíquico frente a uma situação traumática encontra-se, portanto, estreitamente relacionada às suas disposições de vinculação e investimento. São estas características do funcionamento psíquico que irão assegurar melhor possibilidade de elaboração das excitações que chegam ao psiquismo, além de permitir também a sinalização e a organização de defesas frente a uma ameaça de perigo. Quando estas capacidades estão prejudicadas, a vivência traumática torna-se inevitável. Assim, se considerarmos a preocupante fragilização dos laços verificada na Pós-Modernidade como consequência das configurações do individualismo atual, associado à errância e representado subjetivamente pelas vivências de desamparo, podemos sugerir, portanto, que o contexto social da contemporaneidade põe em risco importantes recursos psíquicos de proteção frente à iminência traumática.

Tomados à luz da teoria psicanalítica, a aceleração do tempo e o individualismo exacerbado, elementos aqui sugeridos como característicos da pós-modernidade nos permitiram sugerir que o aumento da intensidade das experiências e o desamparo são experiências intensamente vivenciadas na contemporaneidade. Uma vez identificadas como capazes de contribuir para a produção de excesso pulsional, estas circunstâncias evidenciam um cenário no qual fica aparente a vulnerabilidade aguçada dos sujeitos contemporâneos a uma situação traumá-

tica que não pode ser aplacada, já que sua capacidade de vinculação, um dos mais importantes recursos de proteção do ego frente ao trauma, encontra-se demasiadamente fragilizada. Assim, além de facilitar a emergência de excesso de excitação que, por si só, é traumático, a sociedade pós-moderna ainda minimiza as possibilidades de se lidar com traumas em função do desamparo acentuado que interfere nos investimentos pulsionais e, portanto, na capacidade vinculatória dos sujeitos. Podemos supor, então, que a configuração social contemporânea dá origem a determinado tipo de sofrimento psíquico bastante específico: o sofrimento de um sujeito que, invadido por excesso pulsional que não consegue nem descarregar nem elaborar adequadamente, vê-se continuamente submetido a situações traumáticas de desamparo – o que, entre várias outras consequências, acaba por comprometer sua capacidade de simbolização, quadro observado com frequência cada vez maior na prática clínica atual (GARCIA, 2005, *op. cit.*) e que caracteriza os pacientes de estados-limite.

Tramitação

Enviado em: 26 de maio de 2010

Aprovado em: 26 de julho de 2010

Cecília Freire Martins

Rua Ipanema, 197/303

Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP: 22631-390.

Fone: (21) 9193-3333

E-mail: cifmartins@hotmail.com

Cecilia Martins/Claudia Garcia

Claudia Amorim Garcia

PUC-Rio – Centro de Teologia e Ciências Humanas
(CTCH), Departamento de Psicologia.

Rua Marquês de São Vicente, 225,

Gávea. – Rio de Janeiro, RJ

CEP: 22.451-041

Fone: (21) 3114-1185

E-mail: clauag@uol.com.br

Referências

BAUMAN, Zygmunt *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BEZERRA, Benilton O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. (org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Rios Ambiciosos, 2002. p. 229-239.

COSTA, Jurandir Freire *Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

COUTINHO, Luciana Gageiro *Ilusão e errância: adolescência e laço social contemporâneo na interface entre a psicanálise e as ciências sociais*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). PUC-Rio, 2002.

DUMONT, Louis *O individualismo – Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

EHRENBERG, Alain *La fatiga de ser uno mismo – Depresión y sociedad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

FREUD, Sigmund. Moral sexual civilizada. In: _____. *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). (Artigo publicado originalmente em 1908).

_____. Além do princípio do prazer. In: _____. *Além do princípio do prazer, Psicologia e grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, 18). (Artigo publicado originalmente em 1920).

_____. Psicologia de grupo e análise do ego. In: _____. *Além do princípio do prazer, Psicologia e grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, 18). (Artigo publicado originalmente em 1921).

_____. Inibições, sintomas e ansiedade. In: _____. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, 20). (Artigo publicado originalmente em 1926).

_____. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, 21). (Artigo publicado originalmente em 1930).

GARCIA, Claudia Amorim. Mutações do superego. *Cadernos de psicanálise do Círculo Psicanalítico do*

Cecilia Martins/Claudia Garcia

Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.13, ano 21, p. 93-102, 1999.

_____. Trauma e narcisismo negativo: questões para a clínica contemporânea. *Trieb*. Rio de Janeiro, 4, n. 1, p. 143-154, 2005.

GARCIA, Claudia Amorim & COUTINHO, Luciana Gageiro. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. *Revista Psichê*. São Paulo, ano VIII, n.13, p. 125-140, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GREEN, André. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernidade e sociedade de consumo. *Revista Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.12, p. 16-26, 1985.

_____. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Obra original publicada em 1982).

artigo

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista – O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. São Paulo: Manole, 2005.

LYOTARD, Jean-François. *The post modern condition: a report on knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SALEM, Tania. O individualismo libertário no imaginário social dos anos 60/70. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 1, n.1, p. 59-65, 1991.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Brasiliense, 1995.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: _____. VELHO, O. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 11-25. (Trabalho original publicado em 1902).

_____. Freedom and the individual. In: LEVINE, D. (Org.) *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971. (Trabalho original publicado em 1957).

Cecilia Martins/Claudia Garcia

artigo

Tempo de criação

Time of creation



Neyza Prochet*

Resumo

Neste trabalho, a partir de uma vinheta clínica, buscamos oferecer uma visão panorâmica de diversos fenômenos temporais ocorridos ao longo do estabelecimento da relação materno-infantil em termos do momento da apresentação, ritmo e sustentação da experiência. Investigamos também as diversas experiências de tempo vividas pela criança, desde sua concepção mais primitiva de um tempo interno até a conquista da experiência de um tempo compartilhado com a cultura.

Palavras-Chave: clínica psicanalítica; teoria winnicottiana; temporalidade.

* Doutora em Psicologia Clínica/USP-SP; Psicanalista; Membro Efetivo/Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Abstract:

In this work, from a clinical fragment, we try to offer a panoramic perspective of distinct temporal phenomena that influence the establishment of the mother-infant relationship, in terms of care, timing and holding. We also consider the different perceptions of time that could be experienced by the child, since his early conception of internal time till the conquest of a shared sense of time.

Keywords: *psychoanalytical clinic; Winnicott's theory; temporality.*



artigo

Tempo de criação *Time of creation*

Neyza Prochet

O tempo não gosta do que fazemos sem ele.
Carmem, uma paciente.

De modo geral, quando pensamos no tempo, tendemos a concebê-lo como um tempo de sucessão, onde os momentos vividos são como pontos de um continuum, numa sequência onde o presente anula o que fica ausente, para trás. Passado, presente e futuro estariam nitidamente diferenciados, mutuamente excludentes. O que é passado é passado para sempre. O que é futuro ainda não aconteceu. O tempo seria um rio que passaria por nós e cada momento vivido nunca mais retornaria.

Mas, volta e meia, não somos afetados por experiências que não se adequariam a esta concepção? Não há experiências de vida que nos forcem a perceber que um tempo – outro - se faz presente, sem deixar de ter sido passado ou inscrito no futuro?

Neyza Prochet

Passamos, em nossa vida, por diversas experiências de tempo, vividas num espaço que abriga mais de uma experiência temporal, simultaneamente. Tempos dependentes não só de si mesmos, nem apenas do lugar que ocupam, mas, predominantemente, das relações estabelecidas entre aquele que experiencia e aqueles com quem ele interage.

Carmem, a autora da epígrafe, iniciou sua análise há um ano, aproximadamente. Dias e horários foram estabelecidos, de comum acordo, mas, na prática, de nada serviu nossa combinação. Os primeiros encontros foram tumultuados, permeados por faltas e atrasos. Não conseguia situá-la num tempo interno e sempre precisava consultar a agenda para poder localizá-la em meu horário. Era-me difícil, por exemplo, lembrar em que dias da semana eu a atendia, se de manhã ou à tarde, ou a hora exata de sua sessão, o que não é usual. Além disso, não só ela trocou algumas vezes seus horários, como eu mesma esqueci, por duas vezes, as datas recombinaadas, mesmo anotando na agenda.

Após estas sessões conturbadas, Carmem me telefona, dizendo-me que iria “dar um tempo” na terapia. Estava com muitos encargos e lhe era difícil manter seus compromissos, achando que seria mais conveniente aguardar um pouco mais. Disse-lhe que preferia conversar pessoalmente sobre o assunto, pois achava importante conversar sobre o que vinha acontecendo.

Antes da sessão revivi nossos encontros, e percebi que tanto eu quanto ela havíamos sistematicamente escolhido horários muito inconvenientes para ambas, onde comparecer exigia algum sacrifí-

cio. Contratransferencialmente eu sentia os horários inconvenientes, pois quebravam o ritmo de meu dia, ora deixando-me com intervalos ociosos, ora localizados em um dia já sobrecarregado.

No dia marcado, Carmem inicia a sessão justificando-se sobre sua dificuldade, a moradia distante, o transporte difícil, os congestionamentos que a impediam de chegar na hora. Uso a metáfora do trânsito e falo do nosso congestionamento na terapia. De como era difícil para mim e para ela, chegarmos até a outra, sendo nossos encontros marcados por uma sensação de dificuldade permanente.

Carmem fala desta dificuldade referindo-se a si mesma, culpando-se pelos incidentes ocorridos e desculpando-me pelas falhas que eu havia cometido. Eu a interrompo e lhe digo que pelos meus erros, eu era a responsável. Que, em duas ocasiões, eu havia faltado, e não ela. Ela não era tão mágica assim de poder fazer com que eu a esquecesse; se eu a esqueci, a dificuldade era minha, e não dela. Quanto às faltas dela, estas sim, eram com ela. Disse-lhe também que havia me dado conta do quanto os horários inicialmente combinados eram inconvenientes para mim. Gostaria de atendê-la, sim, mas em horários diferentes daqueles inicialmente marcados.

Carmem tenta mais uma vez me justificar, dizendo que isso devia ter acontecido por ela ter trocado tanto de horário, por ter me deixado confusa, ao que lhe respondo que percebo que ela está tentando me proteger. Eu percebia seu cuidado, mas era minha responsabilidade não me deixar envolver pela confusão.

Neyza Prochet

Carmem silencia e seus olhos de enchem de lágrimas ao me dizer:

- Minha mãe diz que eu quase a matei no parto. Custei a nascer. Nunca o que eu fazia parecia estar certo e bom. Eu sempre fazia minha mãe se sentir mal. Tinha raiva dela por isso, mas sempre achei que eu era a culpada de tudo.

Relata a incapacidade de sua mãe de perceber as próprias dificuldades, culpabilizando-a por erros que cometesse. “Ela inventa coisas, não explica nada direito, se não foi compreendida a culpa é minha, e não porque ela não soube se explicar”.

Retomo o tema para nossa relação e lhe digo que, talvez, agora possamos fazer realmente um contrato de trabalho. Um contrato, onde ambas as partes tenham responsabilidade em tudo que ocorrer aqui, e os encontros não sejam uma carga ou sacrifício para ambas, mas algo feito com prazer e enriquecedor. Contrato refeito, Carmem e eu trabalhamos ao longo de alguns anos.

Os acontecimentos em uma sessão analítica ocorrem numa troca intersubjetiva, num espaço criado por nós - o *setting*. Consideramos que as histórias ali contadas não são apenas uma sucessão de fatos externos, acidentais, nem fruto de mecanismos psíquicos pré-determinados. Elas existem e têm seu sentido dentro de determinado contexto. Sua significação só pode ser encontrada circunstancialmente dentro de um campo de espaço/tempo. O que surge repetidamente nas sessões é justamente o que não faz (ou não pode) ganhar sentido por não ter sido verdadeiramente experienciado.

O tempo analítico não é o passado. Muito pelo contrário. Poderíamos dizer que um de nossos objetivos é a capacitação da existência de um passado. A repetição é o exemplo mais claro da inexistência desse passado. Le Poulichet (1996) nos fala de um “tempo que não cessa”, tornando mais clara a repetição como se fosse uma vivência atemporal, no sentido de sempre presente, nunca se modificando. É necessário repetir, tantas vezes seja necessário, até que se possa estabelecer uma diferença efetiva entre as diversas experiências. Este é o motivo da repetição: a busca de uma diferenciação. Aquilo que “não cessa”, se constitui e se mantém na fantasia inconsciente, não obedecendo nem às leis de um tempo que passa nem ao teste da realidade. Embora seja sempre uma situação nova que acontece, pois se produz num novo momento, também é a irrupção de um já ido que continua sendo.

Criando com Winnicott o tempo e o espaço na clínica

Khan (1977) sedimenta a importância e a capacidade da situação analítica de manter a “ilusão”, base do espaço potencial. É uma situação onde duas pessoas podem se encontrar separadas e isoladas uma da outra, e ainda assim, encontrar ambas um relacionamento e uma comunicação que transmutam um “viver e um experienciar junto”, onde não importa se o fato estava lá ou se foi imaginado por uma, mas apenas signifique que ele foi criado pela relação.

Neyza Prochet

Estabelecer uma área de ilusão requer que haja a aceitação de diversas temporalidades para a abertura de uma faixa de tempo onde, a aparente ausência dele irá permitir a criação de um tempo de transição. Um tempo plural que não é permanente, sempre modificado pelo movimento constante da experiência psíquica.

O espaço potencial pode dar a impressão de ser um espaço atemporal onde momentos separados no tempo coincidem e se fundem numa mesma presença. Tudo aquilo que preenchia a distância entre estes momentos é abolido e, tal como na experiência relacional, cria um novo sentido de tempo, onde acontecimentos antes defasados e isolados identificam-se e ressignificam-se mutuamente. Não há, no entanto, tal atemporalidade. Pelo contrário, o tempo é fundamental e precisa ser tratado sempre como presente na relação analítica. Não só é necessário identificar em qual experiência temporal o paciente está imerso, mas também criar um campo de experiência na qual um tempo pessoal precisará ser criado, instaurado em seu ritmo próprio, característico de cada relação, um tempo personalizado.

O tempo também está presente na instauração de um ritmo próprio a ser encontrado em cada relação. O analista não apenas aceita o tempo do criado pelo paciente, mas age, igualmente, transformando-o – apresentando-lhe tempos diversos – não para negar ou aniquilar o tempo do paciente, mas permitir que estes tempos se integrem, coexistam e possam ser experienciados plenamente.

No início...

O primeiro mundo do bebê é um mundo intemporal¹, sustentado por certo tempo pela mãe, enquanto o bebê prossegue em sua marcha para a conquista do sentimento de sentir-se vivo, e do reconhecimento das relações objetais. É um mundo que “... faz poucas demandas ao seu tempo, que fica em suspenso para acomodar suas necessidades, que materializa os objetos para satisfazer o seu prazer” (BOLLAS, 1992, p. 209).

Para o bebê, inicialmente, tudo é infinito. Ele não distingue uma lembrança de uma percepção atual. São apenas duas formas de experienciar o mundo - não sendo uma alucinação nem, ainda, uma lembrança - ligadas de uma forma frouxa e descontínua, apreendidas como ocorrendo aqui e agora. Caberá à mãe ser a mediadora entre os diferentes tempos existentes, e a tarefa de apresentá-los ao bebê.

Sua inserção no tempo é decorrente do completar os processos introduzidos e desenvolvidos na continuidade do cuidado materno. Uma destas tendências é a integração (WINNICOTT, 1962), conquista ligada à confiabilidade do ambiente.

[...] a conquista da integração se baseia na unidade. Primeiro vem o “eu” que inclui “todo o resto é não eu”. Então vem “eu sou, eu existo, adquiero experiências, enriqueço-me e tenho uma interação in-

¹ Referente a todos os tempos, não se situando em nenhuma temporalidade (HOUAISS)

Neyza Prochet

trojetiva e projetiva com o não eu, o mundo real da realidade compartilhada.” Acrescente-se a isto: “Meu existir é visto e compreendido por alguém”; e ainda mais: “é-me devolvida (como uma face refletida em um espelho) a evidência de que necessito de ter sido percebido como existente (*Id., ibid.*, p. 60).

A sequência benigna destes movimentos dá, através da continuidade no tempo, a possibilidade de o bebê agir, preocupar, reparar e, sob olhar de reconhecimento da mãe e de sua sobrevivência aos ataques impiedosos do bebê, construir um sentimento de continuidade.

Ser sustentado através de uma experiência é uma tarefa materna onde o tempo será primordial para que a elaboração ocorra. E, se isso ocorrer de uma forma regular, vai possibilitar a este bebê que possa reconhecer, sem grandes sofrimentos, a diferença entre realidade e fantasia, entre interno e externo. Ainda no texto citado acima, Winnicott conclui:

O tempo todo a mãe sustenta a situação no tempo. Desta forma, prossegue o dia do bebê, a digestão física e também uma elaboração correspondente ocorrem na psique. Esta elaboração leva tempo e só resta ao bebê esperar o resultado, passivamente entregue ao que ocorre em seu interior (*Id., ibid.*, p.447).

Esta frase mostra o quanto o tempo é necessário como processo em marcha para dar forma e

significado à vida. Seu conceito de desenvolvimento é evolutivo, calcado na continuidade e na transformação, ambas constituídas no tempo e pelo tempo também. Uma das expressões mais características de Winnicott é a “continuidade de ser”, e a característica temporal do relacionamento mãe-bebê é a de sustentação no tempo das transformações inerentes ao desenvolvimento.

A perda desta sustentação pode conduzir a criança a uma ausência de senso histórico, a sensação de uma vida que não possui dimensão autobiográfica e histórica, uma vida que só existe no presente, inexistindo o senso de “um dia atrás” como distinto de “um ano atrás” – uma terra do nunca ou do sempre.

A Relevância do *Timing*

Em “*O desenvolvimento da capacidade de se preocupar*” (1963), Winnicott assinala claramente a importância da integração no tempo acrescida à integração mais estática dos períodos mais iniciais do desenvolvimento através da sustentação no tempo pela mãe: “O tempo se mantém em marcha pela mãe e este é um aspecto do funcionamento de seu ego auxiliar; mas o lactente vem a ter um sentido de tempo pessoal, que de início dura apenas curto espaço de tempo” (WINNICOTT, 1963, p. 74).

Winnicott (1967) propõe uma equação:

No início, a capacidade antecipatória do bebê da presença da mãe é de x minutos. Se a mãe fica ausente $x+y$ minutos, o bebê fica aflito, mas o retorno da mãe “cu-

Neyza Prochet

ra” esta aflição. Mas, se a ausência é $x+y+z$ minutos, o retorno materno não repara as consequências da ruptura estabelecida dentro da experiência de viver do bebê. O fluir de que falamos acima foi quebrado, a separação não pode se tornar algo permissível ao bebê e ele não pode se beneficiar dela criando um campo de presenças e ausências nem potenciais. O bebê não pode descobrir criar o objeto. O resultado vai conduzir a uma organização precoce de uma série de procedimentos defensivos, que buscarão evitar, a todo custo, a repetição de uma “ansiedade impensável” .

O meio falha de duas formas, basicamente: pela falta de algo que deveria estar lá e não estava, e pelo atraso, onde igualmente algo deveria estar lá, mas chegou fora de hora, ou cedo demais ou tarde demais.

Tempo como Fator de Cura

O desenvolvimento ocorre no tempo e pelo tempo. Winnicott (1990) fala das forças tremendas que agem dentro do bebê, quando há saúde, no sentido das reorganizações internas após as experiências instintivas. Reorganizações que irão exigir criatividade e confiabilidade no eu, para que possa ser mantido inteiro um sentimento de existência, apesar do entrelaçamento do bom e do mau, e da “[...] manutenção do que é bom na reserva e o controle, ainda que com total reconhecimento, do que é mau”

(WINNICOTT, 1990, *op. cit.*, p. 97). Assim como é preciso tempo para que esta capacidade de reorganizar possa ser estabelecida, também ela será enriquecida, apenas com e pelo tempo, conforme a experiência de vida também se torna mais rica e diversificada.

Sua ideia de cura fica implicitamente ligada a um cuidado suficientemente bom, cuidado que precisar durar tempo suficiente para seu estabelecimento e que precisa de tempo suficiente para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Precisa de tempo para que exista confiabilidade. É um processo contínuo, do mesmo movimento que nos impulsiona desde o nascimento: estabelecer nosso lugar no mundo, no difícil ofício de ser a si mesmo. Amadurecimento implica tempo; tempo para que mudanças possam ser efetuadas, tempo para que nosso corpo cresça e se forme, tempo para que batalhas travadas no desenvolvimento tornem a ser encenadas, de forma mais complexa e enriquecida.

Ao falar sobre a adolescência, deixa claro que é um processo que não pode ser acelerado, embora possa ser interrompido ou destruído: “De fato, existe somente uma cura real para a adolescência: o amadurecimento. Isso e a passagem do tempo resultam, no final, no surgimento na pessoa adulta” (WINNICOTT, 1963, *op. cit.*, p. 151).

O Medo do Colapso

Em 1963, Winnicott escreveu um trabalho onde discorre sobre um tipo de experiência traumática vivida por alguns indivíduos, ligada aos eventos

Neyza Prochet

decorrentes de falhas ambientais nos estágios primitivos do desenvolvimento. Num estágio muito precoce, teria havido um rompimento no sentido de continuidade da criança, um colapso no estabelecimento do self unitário, como um vínculo que subitamente se desfaz, mas que permanece desconhecido, impossível de ser explicitado. Não é o estabelecimento da enfermidade psicótica. Winnicott (1996) considera que as psicoses, ao contrário, são organizações defensivas bem sucedidas, no sentido de que mantêm à distância o sofrimento psíquico, organizando-se em direção a uma invulnerabilidade. O medo do colapso refere-se ao colapso ocorrido no estabelecimento destas defesas, originalmente postas em marcha como proteção às ansiedades² inimagináveis. Algumas destas seriam:

- a - despedaçar-se (desintegração)
- b - cair para sempre
- c - perda da relação com o corpo
- d - perda do senso de real (desorientação)
- e - perda da capacidade de se relacionar com os objetos.

O ponto principal deste fenômeno é que apesar de ele já ter ocorrido, não foi possível ter sido experienciado, porque não havia ainda uma pessoa para estar lá. O bebê sofreu a experiência traumática “mas não estava pronto para recebê-la e muito me-

² Winnicott posteriormente trocou o termo para angústias inimagináveis, considerando que ansiedade seria um termo muito brando para a experiência vivida pela criança.

nos pensar sobre ela, ou seja, reuni-la como uma experiência e integrá-la. Ela aconteceu, mas não foi experienciada no sentido de ser processada” (WINNICOTT, 1996, *op. cit.*, p. 166).

Winnicott pergunta:

Por que o paciente continua a preocupar-se com isto que pertence ao passado? A resposta tem de ser que a experiência original da agonia primitiva não pode cair no passado a menos que o ego possa primeiro reuni-la dentro de sua própria e atual experiência temporal e do controle onipotente agora. [...] Em outras palavras, o paciente tem de continuar buscando o detalhe passado que ainda não foi experienciado, e esta busca assume a forma de uma procura deste detalhe no futuro (*Id.*, 1994, p. 73).

É preciso entender esta estranha forma de busca: tememos encontrar o que buscamos compulsivamente. O bebê, para Winnicott, não é alguém que sofre frustrações, tem impulsos de fome, e possui estrutura organizada, mas é um ser vulnerável, à beira das angústias inimagináveis citadas acima, que só podem ser postas ao largo pela continuidade da função protetora materna. O bebê sofreu certo tipo de morte, uma morte “fenomenal” como diz Winnicott – uma experiência de aniquilamento que se traduz por um vazio, por um momento que é vivido como a eternização de um momento, como um buraco no tempo; onde, no fim de um momento sem fim

Neyza Prochet

teme-se que não haja mais nada senão o vórtex da queda.

A tragédia maior é que ainda não há um eu presente para experienciar esta situação dramática. Por horror a este vazio, a pessoa cria vazios controlados, nunca plenamente vividos. É preciso perceber a existência deste vazio, para, enfim, poder desejar receber algo dentro de si. Como diz Winnicott, é preciso que este vazio se torne sinônimo de “antes de começar a se encher” (*Id., ibid.*, p. 75).

A teoria de Winnicott (1949) sobre desenvolvimento baseia-se na permanente interação do o bebê com o ambiente que o cerca, exigindo da mãe adaptação ativa, desde antes do nascimento, promovendo uma capacitação da criança a desenvolver seu senso de eu, tanto físico quanto psíquico. O ambiente precisa fornecer um estado onde “as coisas possam seguir seu curso”, dentro de uma prontidão da criança para tal.

O trauma seria provocado pela reação, ou seja, pela necessidade do bebê de dar respostas ao meio, não vinculadas às suas necessidades, mas a uma demanda ambiental fora de hora ou excessivamente intensa. Esta condição gera uma vivência de desamparo profundo, “provocando uma perda temporária de identidade e [...] um sentimento extremo de insegurança” (WINNICOTT, 1949, *op. cit.*, p. 326). Associado a isso, ele aponta a “natureza intolerável de se experimentar alguma coisa que não se sabe quando terminará” (*Id., ibid.*, p. 327).

O conhecido não pensado

Ao falar sobre adolescência, Winnicott aponta: “[...] as pessoas não têm apenas sua própria idade; elas têm, em certa medida, todas as idades, ou nenhuma idade” (1960, p. 144). Dentro do espaço potencial consideramos que exista a inter-relação de pelo menos duas formas de organização temporal; a primeira, de estrutura relativamente estável, é regida pelo que chamaremos de tempo histórico, ligada à memória consciente, à inserção nas normas e regras culturais, à herança social e étnica, à história pessoal e familiar. A segunda, de estrutura não linear, não organizada, a que chamaremos de tempo subjetivo, ligada ao inconsciente, a fragmentos de memórias e experiências sensoriais, ao que Bollas (1992a) chama do conhecido não pensado.

Cada um destes tempos segue suas próprias leis sem consideração pelo modo de continuidade do outro, mas inter-relacionando-se num permanente jogo de desconstrução e reconstrução estrutural. Precisamos lidar com um tempo a serviço do self, um tempo para a transição pessoal, tempos que são subjetivos e, simultaneamente, conviver num tempo da ordem social, ditado por forças mais poderosas, externas ao homem. Nenhum destes sentidos de tempo deixa de existir em algum momento: vão sendo acrescidos, e a tarefa da vida saudável é buscar integrá-los da forma mais criativa e harmônica que puder ser feita.

Pedaços de ações, intervalos de tempo, diferentes espaços e planos de ação tomam relevância, e buscamos conectá-los de forma que possam fazer

Neyza Prochet

um sentido pessoal, de modo que possuam um significado que seja coerente com o modo de existir. Buscamos, enfim, tecer os múltiplos fios que constituem a experiência vivida numa trama pessoal a que chamamos de viver plenamente.

Freud nos fala que, na fantasia, passado, presente e futuro são como contas de um colar, unidas pelo desejo. A maneira de encadear essas contas não é inalterada, ao contrário, elas se apresentam em trançados diversos, ligados ao contexto atual de sua expressão.

O tempo que não passa é um tempo onde foi impossível experienciar o tempo transicional, o faz-de-conta. Talvez pelo risco apavorante da perda eterna do objeto amado, pela perda da confiabilidade do outro, pelo fracasso em criar a ilusão necessária para uma vida criativa, pelas vivências que promovem o medo da desintegração, pior que a morte. Ocorrem, nestes momentos, distorções no delicado equilíbrio entre o peso das apercepções internas e externas, gerando patologias na área dos fenômenos transicionais. Podemos ver situações onde a realidade externa é tão penosa que a pessoa precisa fugir dela, sob o risco de sucumbir, fragmentariamente à sua demanda, onde os objetos da fantasia são coisas em si mesmas, e submetem a realidade a elas, provocando seu colapso. (OGDEN, 1995, p.85-86).

Tempo de Criar

Há, na experiência vivida, tempos no tempo, tempos que não se reduzem ao tempo lógico, real, sequencial. A presença destes tempos diferenciados

foi-me sendo assinalada na clínica cotidiana pelo uso de expressões temporais frequentes como sempre e nunca, que indicavam sensação de permanência na experiência de vida do analisando, desafiando a passagem cronológica do tempo, parecendo perpetuar modos e formas de relação. Chamou-me a atenção em muitos pacientes a inabilidade ou incapacidade em lidar com tempo, quer seja o próprio tempo interno quer seja o tempo histórico ou real.

Com frequência irrompiam situações onde a pessoa se via fora do tempo, num tempo que sempre se repetia. Um tempo que é marcado pela não mudança, um tempo que impede a transformação e o que é temido não são as mudanças, mas a perda do sentido e a eternização do sofrimento.

Buscamos um sentido ao mundo que nos permita estar inseridos dentro de um senso de continuidade, precisando lidar permanentemente com os choques causados pelas interações com este. E dar sentido significa ter de desconstruir e novamente reconstruir os fenômenos e experiências que são trazidos para dentro de nós. Implica dar nomes, transformar o desconhecido em conhecido, transformar o inexplicável em explicável, buscar uma causa que justifique um evento, atribuir características de modalidades aos fatos, estabelecer analogias.

É uma tarefa de reconstrução simbólica que fica, no entanto, a serviço de dois senhores, por assim dizer. A necessidade de sustentação, característica de todo ser humano é, muitas vezes, erroneamente buscada no mundo exterior sob a forma de dogmas, verdades absolutas ou paradigmas a serem seguidos fielmente. A plasticidade que é a

Neyza Prochet

essência do viver e da experiência criativa traz consigo o “desconforto” da mutabilidade, não fornecendo ancoragem externa que sustente essas interações. A sustentação de um ser humano, assim, só é dada na relação com outro ser humano quando esta permite que, paradoxalmente, o sentimento de eu seja criado e, este sim, seja o eixo a partir do qual organizamos e sustentamos nossa existência.

Existem, em nossa vida, diversas experiências de tempo, tempos diversos, vividos num espaço que abriga mais de uma experiência temporal, simultaneamente. Tempos dependentes não só de si mesmos, nem apenas do lugar que ocupam, mas predominantemente, das relações estabelecidas entre aquele que experiencia e aqueles com quem ele interage.

O processo de criação do tempo é um processo transicional, onde o interjogo de presenças e ausências delineará outro sentido de tempo, aberto à externalidade e ao tempo ambiental. Se tudo corre bem, o sentido de continuidade é mantido. Quando as falhas ocorrem além do que a criança pode suportar, ela se encontra num tempo marcado pela não mudança, pelo sempre ou pelo nunca. É um tempo de eterno presente – como Peter Pan na terra do Nunca – onde a sobrevivência psíquica só pode ser mantida à custa da imutabilidade e do signo da destruição.

No início precisamos de um tempo de ilusão, que é o tempo surgido do ritmo pessoal do bebê, onde ainda não existe nada de fora. Marcado pela subjetividade, independe do tempo cronológico, ele é constituído a partir dos cuidados iniciais da mãe

que mantém a sincronicidade entre este tempo atemporal e o tempo ambiental, de modo que o segundo não precise ser vivido como intrusivo e avassalador.

O cuidado materno, em tempo adequado, permite que a criança crie seu próprio tempo e, ao criá-lo, descubra o tempo externo.

A inscrição de um ser no tempo, com uma história e em história, será dada ao longo de um tempo transicional, o tempo da brincadeira e do jogo. Uma paciente me disse, uma vez: “–Sabe, brincar é treinar sentimentos”. O tempo transicional permite que aprendamos, brincando, que compartilhar não é nem se submeter nem se rebelar, mas aceitar uma experiência que só pode ser vivida com o outro, marcada não pelo “ou”, mas pelo “e”. Em outras palavras, aprender, brincando, no interjogo de presenças e ausências, a abrir mão da perspectiva da exclusão em favor da injunção.

O sentido de *self* aflora destes campos múltiplos, dando coloratura e singularidade ao indivíduo, permitindo-lhe apropriar-se de sua existência, sendo responsável e coautor ativo na criação de sua história pessoal. Conquistamos assim, um passado e um futuro. Saímos da perpetuação do sofrimento, podendo adequar usos, transformar relações. O tempo pode então ser experienciado não como feitor ou regente implacável de nossas vidas, mas como parceiro constante, parte do processo de viver, que permanentemente se desdobra e se renova.

Com isso, um tempo de criação é possível. Criação de possibilidades, de acontecimentos, de um sentido de *self* integrado, de um devir. Um tempo

Neyza Prochet

que corre, aberto a mudanças e que, com sorte, nos acompanha ao longo da vida. Um tempo que permite e acolhe as transformações, porque mudar é algo que pode ser vivido sem o risco de rupturas e destruição. Criamos um tempo que possibilita o gesto e a ação humana.

Neyza Prochet

Rua Dona Mariana 22/304
Botafogo – Rio de Janeiro – RJ
CEP- 22.280-20
Fone: (21) 2286-3999
E-mail: nepr@uol.com.br

Tramitação:

Recebido em: 28 de maio de 2010

Aprovado em: 26 de julho de 2010

Referências

ABRAM, J. – *The language of Winnicott* – London: Karnac Books, 1996.

BOLLAS, Christopher – *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* – Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não-pensado.* Rio de Janeiro: Imago, 1992a.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: _____. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1969 (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).(Texto original publicado em 1908[1907]).

KHAN, M - *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

LE POULICHET, S.. *O Tempo na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

OGDEN, T.H. Sobre o espaço potencial In: GIOVACCHINI, P.L. (Org.) *Táticas e técnicas psicanalíticas – D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 p.79-95.

WINNICOTT, D.W. A Integração do ego no desenvolvimento infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. (Artigo original publicado em 1962).

_____. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O Ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. (Artigo original publicado em 1963).

_____. A localização da experiência cultural. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Artigo original publicado em 1967).

_____. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. A adolescência das crianças adotadas. In: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Neyza Prochet

_____. O medo do colapso. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre Artes Médicas, 1994 (Artigo original publicado em 1963).

_____. Recordações do nascimento. In: *Trauma do nascimento e ansiedade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994 (Artigo original publicado em 1949).

_____. Agressão, culpa e reparação. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987 (Artigo original publicado em 1960).

artigo



O tempo e a psicanálise *Time and psychoanalysis*

Suelena Werneck Pereira *

Resumo

Este artigo apresenta um breve rastreamento das concepções freudianas sobre o tempo. Examina e localiza as três principais acepções da ideia de tempo no texto de Freud e tenta entender a noção de período. Tece algumas considerações sobre o sujeito de hoje e sua posição diante de uma nova temporalidade que o toma, o constitui e o submete.

Palavras-Chave: tempo em Freud; tempo hoje; novas subjetividades.

Abstract

This article presents a brief tracing of Freudian conceptions about time. Examines and locates the three main denotations of the idea about time in Freud's text and tries to understand the notion

* Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica /UFRJ.

of period. It brings out some considerations about the contemporary man and his position before a new temporality which takes him, constitutes him and submits him.

Keywords: *time in Freud; time nowadays; new subjectivities.*



artigo

O tempo e a psicanálise
Time and psychoanalysis

Suelena Werneck Pereira

*Henri Bergson*¹.

Freud e o tempo

O que é o tempo para o homem? Para o senso comum, o tempo nada mais é que a passagem do tempo. E o que é o tempo hoje? Certamente, vivemos uma ordem de temporalidade diferenciada: estamos na era do supérfluo, do superficial, do efêmero e do imediato; a velocidade da informação tudo relativiza. Se tomarmos como metáfora a ampulheta, diremos que ela só passa a mensurar o tempo após sua virada, é como se o tempo só existisse quando tentamos medi-lo. A ideia não espacializada do tempo, ou seja, a aceção de um tempo não reduzido à dimensão espacial, constitui importante questão para a filosofia e a física. Não existe concepção filosófica

¹ *Introdução à metafísica*, 1903.

Suelena Werneck

homogênea a respeito do que é o tempo: no campo filosófico inexistente uma teoria unitária acerca do tempo. Também na física há uma multiplicidade de posições (KATZ, 1994, p. 123).

A própria etimologia da palavra tempo admite algumas discrepâncias. Há quem defenda a ideia de que sua raiz é *tem*, precisamente divisão, seção, daí particularmente divisão do tempo, época. E há quem proponha que o sentido primitivo de *tempus* seria temperatura, calor. Chegar-se-ia assim à ideia abstrata da duração. A primeira acepção, por causa de sua antiguidade e de sua extensão, é a mais adotada. Na Grécia antiga, Cronos, associado à ideia de tempo, seria o deus que realiza, que conduz as coisas ao seu termo. Cronos deriva para Chronos por uma imprecisão etimológica e essa identificação semântica entre termos muito próximos é válida: porque o tempo é aquele que amadurece as coisas e, por extensão, aquele que conduz os seres à sua maturidade e ao seu termo. Diz a narrativa de Hesíodo sobre criação do Universo que no princípio era o Caos, vazio primordial, espaço incomensurável, matéria eterna, informe, rudimentar, mas dotada de energia prolífica: a ordem ainda não havia sido imposta aos elementos do mundo (BRANDÃO, 1987, p. 153 e seg.). Dessa energia saíram Geia, Tártaro e Eros. A primeira geração divina é composta por Urano, o céu, cujo sêmen, caído na Terra – Geia – deu nascimento aos deuses e gerou, entre outros, os Titãs; entre estes, Cronos. Diz o mito que Cronos castrou Urano e, tomando o lugar do pai, se une a Reia com quem tem sua descendência, que passa sistematicamente a devorar. Cronos torna-se um déspota pior

que o pai. Por uma artimanha de Reia, que dá ao pai uma pedra em lugar do caçula, Zeus escapa desse destino tão funesto e se converte no deus dos deuses, a luz.

O tempo entendido como passagem apontaria para a mudança continuada pela qual o presente se torna passado (LALANDE, 1996, p. 1114). Dessa maneira, fala-se do curso do tempo, da marcha do tempo, uma espécie de trama móvel: o tempo é aquilo que passa, em contraste com aquilo que permanece. Entretanto, o devir não é esse tempo.

E o que é o tempo para a psicanálise? Podemos responder: são muitos. Consideremos, inicialmente, os mais pregnantes e peculiares de nossa disciplina. Apesar de Freud não ter escrito nenhum texto que tratasse especificamente do tema, a questão do tempo perpassa toda sua obra; para essa afirmação, basta-nos pensar na finitude e na repetição, nas séries referentes aos diferentes desenvolvimentos, na ideia de processos, na continuidade, fases, pontos de fixação, na regressão, conceitos em cuja definição está implicada a ideia de tempo. Proponho abordar o tempo no texto freudiano considerando algumas entradas que nos conduzem a três acepções do tempo do sujeito psíquico que considero as principais.

A primeira é aquela que postula a atemporalidade do inconsciente. Freud afirma, em diversas ocasiões, que os processos inconscientes não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada. Entretanto, a atemporalidade do inconsciente, vista pelo prisma da negatividade, é relativa; a noção freudiana do *Zeitlos*, literalmente, sem

Suelena Werneck

tempo, só pode ser compreendida em comparação com o tempo da consciência, que examinaremos adiante. O inconsciente é atemporal relativamente à modalidade de tempo que existe para a consciência, caracterizado por uma temporalidade sucessiva e descontínua. O que podemos adiantar é que o tempo do inconsciente é outro tempo, um tempo próprio, por assim dizer.

Essa acepção pode ser encontrada em vários textos, publicados ou não. Uma primeira alusão à questão encontra-se em “*A etiologia da histeria*”, texto de 1896, onde se lê que “parece como se a dificuldade para a descarga, a impossibilidade de transformar uma impressão atual em uma lembrança despotencializada, dependesse justamente da característica do inconsciente psíquico” (FREUD, 1996/1989, p. 216). Depreende-se que Freud já vislumbrava alguma característica particular daquilo que ele chama de inconsciente psíquico como razão para que uma impressão não perdesse potência e permanecesse na condição de atualidade.

Logo a seguir, no “*Manuscrito M*”, de 25 de maio de 1897, lemos que as fantasias são construídas por um processo de amálgama e distorção análogo à decomposição de um corpo químico que está combinado com outro. “E, com efeito, a primeira variedade da deformação é a falsificação da lembrança por fragmentação, no qual são descuidadas precisamente as relações de tempo. (O corrigir no tempo parece depender, precisamente, da atividade do sistema-consciência)” (FREUD, 1950 [1892-99]/1989, p. 293). Uma das funções do sistema pré-consciente seria, portanto, dar aos acontecimentos anímicos

uma ordem no tempo. Mais adiante, ao discorrer sobre a sistematização peculiar das fantasias na paranóia, escreve que a eliminação da característica do tempo, “o descuido com o caráter temporal, é sem dúvida essencial para a distinção entre a atividade no pré-consciente e no inconsciente” (*Id., ibid.*, p. 294).

Seguindo a cronologia, encontramos na parte B de “*A interpretação de sonhos*”, onde Freud começa a estabelecer seu conceito primordial do inconsciente, várias reflexões sobre o tema. Trata-se aqui do tempo do sonho, isto é, a modalidade temporal em que o sonho examinado se apresenta ao sonhador. Este sonho apresenta uma característica que é sua figuração, ou representação, como situação presente, omitindo o “talvez”. O fato de a expectativa expressada nos pensamentos oníricos ser posta no presente talvez não pareça muito extraordinária nesse sonho em si; o sonho suplanta (*verdrängen*) o optativo (*Optativ*, ou seja, o modo subjuntivo empregado em orações desiderativas) e o substitui por um presente do indicativo. “Assim, o sonho se vale do presente do mesmo modo e com o mesmo direito que o sonho diurno. O presente é o tempo em que o desejo se representa como realizado” (*Id.*, 1900/1989, p. 528). Sendo o sonho uma produção psíquica originada no inconsciente e em seus desejos, podemos postular a ideia de que o tempo do inconsciente é o presente.

A seguir, Freud nos pede que imaginemos o aparato psíquico como um instrumento composto cujos elementos “chamaremos *instâncias* ou, em benefício da clareza, *sistemas*”. Depois formula que estes sistemas devem possuir orientação espacial

Suelena Werneck

constante, “da maneira com que os diversos sistemas de lentes de um telescópio se sucedem uns aos outros”. A rigor, afirma que não precisamos supor um ordenamento realmente *espacial* dos sistemas psíquicos, bastando-nos que tenha sido estabelecida uma sequência fixa entre eles, isto é, um processo sequencial ordenado e “que em consequência de certos processos psíquicos os sistemas sejam percorridos pela excitação dentro de uma determinada série *temporal*” (FREUD, 1900/1989, *op. cit.*, p. 530). Aqui, no funcionamento desse hipotético aparato anímico, não é necessária uma ordem estritamente espacial; para Freud, um ordenamento temporal seria suficiente para que compreendêssemos seu funcionamento. Os sistemas são atingidos pelas excitações segundo tempos determinados, isto é, uns depois dos outros. A tópica que aqui se enuncia obedece a uma ordem temporal que marca as diferenças qualitativas entre os sistemas

Logo adiante faz a afirmação de que é uma particularidade destacada dos processos inconscientes permanecer indestrutíveis. “No inconsciente, não se pode dar fim a nada, nada é passado nem está esquecido. (...) O pré-consciente é aquele que executa esse trabalho [o empalidecimento das lembranças]” (*Id., ibid.*, p. 569).

Um ano depois, em “*Psicopatologia da vida cotidiana*”, mas em nota agregada somente em 1907, lemos a afirmação categórica: “O inconsciente é totalmente atemporal” (*Id.*, 1901/1989, p. 266, n. 64).

A referência ao tema a seguir está em *Introdução do narcisismo*: “acrescentarei, apenas como

conjetura, que a formação e reforço desta instância observadora poderiam conter em seu interior também a posterior gênese da memória (subjetiva) e do fator temporal, que não funciona para os processos inconscientes” (*Id.*, 1914/1989, p. 93, n. 8).

Novamente em *O inconsciente*, no capítulo V, que trata das propriedades particulares do sistema inconsciente, escreve Freud que “os processos do sistema *Ics* são *atemporais*, isto é, não estão ordenados segundo o tempo, não se modificam pelo transcurso deste nem, em geral, têm alguma relação com ele. Também a relação com o tempo decorre do trabalho do sistema *Cs*” (*Id.*, 1915/1989, p. 184). Os conteúdos do inconsciente não têm absolutamente qualquer referência ao decurso do tempo, o qual se vincula ao trabalho do sistema pré-consciente/ consciência. Esses conteúdos, como foi dito acima, são aqui qualificados por aquilo que não são, ou seja, por sua negatividade.

Um pouco adiante, no texto “*Além do princípio do prazer*,” nos deparamos com uma reflexão freudiana que demonstra ou má compreensão ou leitura descuidada dos postulados de Kant. Ele escreve que “a tese de Kant, segundo a qual tempo e espaço são formas necessárias de nosso pensamento, pode hoje ser submetida a uma revisão à luz de certos conhecimentos psicanalíticos. Averiguamos que os processos anímicos inconscientes são em si atemporais” (*Id.*, 1920/1989, p. 28). Ou seja, nem todos os pensamentos obedecem a essa formulação assim entendida: os pensamentos inconscientes nada sabem sobre o tempo. Prossegue escrevendo que “isto significa, em primeiro termo, que não se ordenaram

Suelena Werneck

temporalmente, que o tempo nada altera neles, que não lhes pode ser atribuída a representação do tempo. Eis aqui características negativas que apenas podemos conceber por comparação com os processos anímicos conscientes” (FREUD, 1920/1989, *op. cit.*, p. 28). Completa afirmando que “nossa representação abstrata do tempo parece estar inteiramente tomada do modo de trabalho do sistema *P-Cs*, e corresponder a uma autopercepção deste”. A ideia de tempo se origina do sistema percepção-consciência e se refere a uma percepção de sua própria participação nesse método de funcionamento, o qual pode, talvez, constituir outra maneira que o aparelho tem de fornecer um escudo contra os estímulos.

Na verdade, sabe-se que Kant fala de uma ‘forma a priori do tempo’, em que opõe um sujeito transcendental, alheio ao tempo (incluída aí a ideia de Deus), a um sujeito empírico, capaz de sofrer transformações temporais. Kant propõe que tempo e espaço sejam considerados como formas *a priori* da experiência sensível, e não como “formas necessárias de nosso pensamento” (KANT, 1983).

Na conferência 31 das “*Novas conferências de introdução à psicanálise*” Freud retoma a questão e reafirma que no isso não existe nada que corresponda à representação do tempo, que nele não há nenhum reconhecimento de passagem do tempo e nenhuma alteração do processo anímico é produzida por seu transcurso. Retoma sua crítica ao enunciado kantiano dizendo que “ainda se percebe com surpresa a exceção ao enunciado do filósofo segundo o qual espaço e tempo são formas necessárias de nossos atos anímicos” (FREUD, 1933[1932]/1989, p. 69).

Postula, mais uma vez, a inalterabilidade do recalco diante do passar do tempo. Moções de desejo que nunca saíram do isso, mas também impressões que foram lançadas no isso por meio do recalco, são virtualmente imortais, se comportam durante décadas como se fossem acontecimentos novos. “Só é possível distingui-las como passado, desvalorizá-las e retirar-lhes seu investimento energético quando se tornaram conscientes por meio do trabalho analítico. O tempo não altera o recalco”.

Acrescenta que a relação com o tempo é introduzida no eu pelo sistema perceptual; dificilmente pode-se duvidar de que o modo de atuação desse sistema é o que dá origem à ideia de tempo tal como comumente a conhecemos, isto é, a ideia de um tempo medido no espaço, um tempo espacializado. O tempo referido no espaço é aquele que possui passado – memória, lembrança, esquecimento – presente e futuro – projetos, devaneios, ambições.

Essa seria uma segunda entrada, a que considera que nossa representação do tempo decorre de um funcionamento peculiar do sistema *Pcpt-Cs*, que se apresenta como descontínuo. Freud trata dessa questão também no texto “*Além do princípio de prazer*” (FREUD, 1920/1989, *op. cit.*) e em “*O bloco mágico*” (*Id.*, 1925 [1924]/1989). Neste último, lê-se que sua teoria postulava que investimentos são enviados e retirados em rápidos impulsos periódicos, de dentro do sistema, para o sistema *Pcpt-Cs*, completamente permeável. Enquanto investido dessa maneira, esse sistema recebe percepções (acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; assim que o in-

Suelena Werneck

vestimento é retirado, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém. É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema *Pcpt-Cs*, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. Desse modo, as interrupções que, no caso do bloco mágico, têm origem externa, foram atribuídas por sua hipótese à descontinuidade na corrente de inervação e a ruptura concreta de contato que ocorre no bloco mágico foi substituída pela não excitabilidade periódica do sistema perceptual. Diz suspeitar que esse método descontínuo de funcionamento do sistema *Pcpt-Cs* está no fundo da origem do conceito de tempo.

Uma terceira entrada é a que considera a noção de *a posteriori*, o *Nachträglich*, concepção freudiana singular da temporalidade: considera o tempo em sua positividade. O *Nachträglich* refere-se a uma temporalidade sem encadeamento sucessivo. Considera que há experiências, impressões, traços mnêmicos que são posteriormente ressignificados em função de novas experiências e do acesso a outro grau de desenvolvimento. Essa ideia já se encontra presente no “Projeto” (*Id.*, 1950 [1895]/1989, *op. cit.*), na análise do recalçamento histórico e seus dois tempos: supõe dois acontecimentos separados claramente na série temporal. Nessa perspectiva, uma segunda cena, não sexual, confere a uma primeira cena, sexual pré-sexual, o seu valor patogênico. “Recalca-se uma recordação que só se tornou traumático posteriormente”. Vemos que essa noção diz respeito a uma articulação temporal que se dá ‘só depois’, tempo da significação. Ligado ao funcio-

namento do inconsciente, o *Nachträglich* já se desprende da categoria de atemporalidade radical porque, mesmo não constituindo uma ordenação linear do tempo, provoca uma reordenação a partir da castração, que lança na direção dos registros passados sua ameaça e seu peso. Ao reordenar, cria uma temporalidade própria. Em dezembro de 1896, na famosa carta 52, já escreve a Fliess que trabalha na hipótese de que “o nosso mecanismo psíquico se tenha estabelecido por estratificação sucessiva, pois de tempos em tempos o material pré-existente de rastros mnêmicos experimenta um *reordenamento* segundo novos nexos, uma *retranscrição* [*Umschrift*]” (FREUD, 1950 [1892-99]/1989, *op. cit.*, p. 274).

Poderíamos, portanto, já mencionar os três tempos: a atemporalidade do inconsciente, o tempo do *Nachträglich* e o tempo advindo de certo modo de funcionamento do sistema *Pcpt-Cs*. Podemos considerar que o inconsciente implica um tempo mítico em sua constituição – o recalque originário – e funciona segundo uma temporalidade própria, o *Nachträglich*, o tempo psíquico específico da psicanálise. O que vemos são dois, ou mesmo três, funcionamentos temporais diferentes, díspares, extemporâneos, dois certamente discrepantes, outros dois que se complementam, por assim dizer; o que resulta disso é uma desorganização, uma desarrumação do psiquismo. É como se houvesse, no sujeito, justaposição ou sobreposição de diferentes regimes temporais, fazendo com que o sujeito não coincida temporalmente consigo mesmo. O homem se depara com um muito cedo, com um só depois e com um tarde demais. O homem não é, portanto, contemporâneo

Suelena Werneck

de si mesmo, isto é, há nele um sujeito, do inconsciente, que funciona em uma temporalidade inteiramente diferente do tempo de seu eu, ditado pela funcionalidade da consciência. Um “eu” atemporal, em si e reordenado *a posteriori*, e outro ‘eu’ assujeitado ao tempo cronológico. O tempo da sucessão dos seus momentos vivenciados ressignificará acontecimentos passados, atualizando-os.

A essas acepções do tempo no texto freudiano, claramente heterogêneas, quais sejam a temporalidade descontínua ligada à consciência, a lógica temporal *a posteriori* no inconsciente, sem encadramento sucessivo, e a característica da atemporalidade do mesmo, onde a passagem do tempo não existe, ou não se dá, podemos acrescentar ainda muitas outras: o tempo mítico do recalque originário e da constituição do sujeito, o tempo da identificação originária e da formação do eu ideal, assim como o tempo da pulsão, circuito temporal contínuo e incessante, da insistência sem fim, e mesmo um tempo extemporâneo ao sujeito, remetido à sua filogênese. E mais, ainda: o tempo da finitude, o tempo da morte, o limite da castração, tempo intemporal e imprevisível, porém infável. Temos também o tempo da repetição, a sucessão de etapas e fases, a evolução e a prematuridade; o primeiro e o segundo, o primário e o secundário. O tempo do vir-a-ser, do devir. Há, portanto, várias ordens e diversos modos de funcionamento dos sistemas psíquicos no tempo. Na construção de suas tópicas, Freud sempre enfatiza um estado inicial, um algo que lá esteve primeiro, ao qual se segue outro sistema, por diferenciação do primeiro, e assim por diante. Podemos dizer que a

própria divisão do sujeito aponta para a diferença entre a temporalidade dos sistemas. São fundações sucessivas e o que lá estava primeiro tem seu funcionamento totalmente peculiar e em tudo diferente dos sistemas que se seguem. O descompasso na velocidade de complexificação dos sistemas em oposição leva às patologias: o desenvolvimento, por exemplo, das pulsões do eu é diferente do desenvolvimento das pulsões sexuais, ambos se dando em tempos dissimétricos.

Ao final de seu último escrito metapsicológico, considerado como seu legado teórico e onde pretende “reunir os princípios da psicanálise e os expor dogmaticamente”, o “*Esboço da psicanálise*” (Freud, 1940 [1938]/1989, p. 144), Freud faz interessante paralelismo entre as instâncias psíquicas e o tempo. Propõe que consideremos o mundo externo, onde o indivíduo se encontra exposto em consequência de seu desligamento dos pais, como o poder do presente; seu isso, com suas tendências herdadas, o passado orgânico, e o supereu, que se acrescenta mais tarde, o passado cultural, o qual a criança deve reviver nos poucos anos de sua primeira infância. Mesmo que, assume, tais generalidades dificilmente sejam inteiramente corretas, acrescenta que parte das conquistas culturais deixou como seqüela seu precipitado dentro do isso, muito do que o supereu traz despertará eco no isso e muito do que a criança vivencia como novo será reforçado porque repete um vivenciar ancestral filogeneticamente. Desse modo, o supereu ocupa uma espécie de posição intermediária entre isso e mundo externo, reunindo, em si, as influências do presente e do passado. “Na instituição

Suelena Werneck

do supereu o sujeito vivencia, digamos assim, um exemplo do modo em que o presente é transformado em passado”.

Entretanto, nenhuma dessas entradas acima mencionadas aponta para aquele aspecto que, segundo minha leitura, constitui a maior dificuldade do campo teórico acerca do tema: a ideia de período (*Period*), trazida à discussão no “*Projeto*” (*Id.*, 1950 [1895]/1989, *op. cit.*). Ali, na seção 7 da parte I, que trata do problema da qualidade, Freud se pergunta sobre o funcionamento dos neurônios ω : eles se comportam como órgãos de percepção e neles não há nenhum lugar para a memória. Mas de onde provém essa permeabilidade, essa completa facilitação que não provém da quantidade? Talvez da transferência da $Q\eta$ de um neurônio para outro, mas ainda de outro caráter – de natureza temporal – “pois a mecânica dos físicos também atribuiu essa característica temporal aos outros movimentos de massas no mundo externo” (FREUD, 1950 [1895]/1989, *op. cit.*, p. 352). Designa essa característica como *período*. “Toda resistência das barreiras de contato se aplica somente à transferência de Q , mas o período do movimento neuronal se propaga por toda parte sem inibição, por assim dizer como um processo de indução” (*Id.*, *ibid.*, p. 354).

A resposta de ω se faz em função não de certa quantidade, mas de um período, isto é, da temporalidade. Temporalidade descontínua ou periódica, não redutível à quantidade, pura qualidade, diferença pura, tempo puro. A distinção quantidade/qualidade decorre da noção de período.

Prossegue Freud, sempre no “*Projeto*”, dizendo que os neurônios ω são incapazes de receber $Q\eta$, em troca do que se apropriam do período da excitação; e que este seu estado de afecção pelo período, dado um mínimo aporte de $Q\eta$, é o fundamento da consciência. Desvios deste período psíquico chegam à consciência como qualidade. E se pergunta: a que se devem as diferenças do período? Parece que tudo aponta para os órgãos dos sentidos, cujas qualidades devem estar constituídas justamente por períodos diferentes de movimento neuronal. Na parte 8, lemos que “os neurônios ω mostram uma aptidão ótima para admitir o período do movimento neurônico quando têm uma determinada força de investimento” (*Id., ibid.*, p. 355).

Um pouco adiante, na parte 9, dedicada ao funcionamento do aparelho, Freud discorre longamente sobre o funcionamento dos neurônios. Escreve que os estímulos que chegam aos neurônios Φ possuem uma quantidade e uma característica qualitativa. Na verdade, conforme nos esclarece uma nota do editor, nem os estímulos nem os processos no mundo externo, que passam pelos aparatos nervosos terminais até atingirem Φ , nem os investimentos em Φ ou Ψ possuem qualidade, mas apenas um caráter qualitativo – o “período” – que, quando chega a ω torna-se então qualidade. Acrescenta que “ao passo que no mundo externo os processos constituem um *continuum* em duas direções, tanto na ordem da quantidade como na do período (qualidade), os estímulos que lhes correspondem são, segundo a quantidade, em primeiro lugar, reduzidos e, em segundo lugar, limitados por um corte; e segundo a qualidade

Suelena Werneck

são descontínuos, de tal maneira que certos períodos não podem atuar como estímulos”. A característica qualitativa dos estímulos – seu período – se propaga até ω , onde produz sensação; está constituída por um período particular do movimento neuronal.

Henri Bergson, filósofo francês contemporâneo de Freud, voltou-se ao tema do tempo. Segundo esse pensador, há duas reduções operadas pelas ciências: do tempo ao espaço e da qualidade à quantidade. O pensamento humano, ou melhor, a inteligência científica, traduziu a duração em espaço, mas ela é, na realidade, qualidade pura. “Medir supõe a existência de unidades homogêneas e comparáveis, como as do espaço geométrico. O que a inteligência faz é medir: ela espacializa o que é puro fluxo qualitativo, pura duração” (BERGSON, 1922/1989). Entendo que Bergson pretendeu ampliar o domínio da investigação psicológica propondo – para além das rotinas e dos mecanismos associativos do “eu superficial” – a sondagem de um “eu profundo”, duração pura e irreversível, permanente mudança qualitativa, irrepedição contínua.

Quando o tempo foi tematizado, foi simultaneamente espacializado, porque era mais fácil pensar o espaço do que o tempo. A inteligência do homem, ao elaborar conceitos e ao trabalhar analiticamente, fragmenta, espacializa, fixa a realidade que, em si mesma, é contínua mudança qualitativa, puro tornar-se, devir. A diferença pura desprende-se da categoria de ser – não mais é referida ao ser, à identidade – e passa a designar uma sintaxe, um princípio, um modo de articulação, uma experiência múltipla do real. Penso que podemos considerar o período como pura

qualidade, diferença pura, e ele se articula, desse modo, à série prazer/desprazer. Prazer/desprazer são dados pela diferença de percepções de estados quantitativos, mas se expressam, subjetivamente, como qualidades do sentir. A conceituação tende a espacializar a duração real e engessar o movimento, reduzindo-o ao espaço, à trajetória percorrida ou a percorrer; desse modo, coagula o devir, mata o que é vivo. “A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente”.

Constatamos que quando Freud tenta entender a origem da qualidade, o problema da consciência surge em toda sua complexidade. Se ele consegue dar conta da questão da quantidade, a qualidade, característica essencial da consciência, permanece sendo um problema. A qualidade não é redutível à quantidade e diz respeito aos aspectos sensíveis da percepção. A consciência é pura qualidade.

Segundo Derrida (1995), a noção de período corresponde à de diferença pura. A própria distinção quantidade/qualidade, em Freud, decorre da noção de período e não o contrário. O período não é posterior à quantidade e à qualidade, mas as determina. Da mesma forma, quando Freud propõe que da arquitetura dos neurônios constem alguns dispositivos capazes de transformar a quantidade externa em qualidade, resultando, essa última, da própria estrutura do aparato neuronal, não devemos supor que a qualidade resulte do aparato, mas sim que o aparato se constitui com a transformação da quantidade em qualidade.

Suelena Werneck

Nós e o tempo ou uva sem caroço

Partindo daquilo que nos ensina a teoria, podemos pensar nossa relação com o tempo, nos tempos atuais, e nossa prática psicanalítica. Quais os principais vetores de subjetivação em ação nos dias de hoje? Com que matéria humana lidamos?

Alguns traços marcam a cultura atual; talvez o mais escandaloso seja aquele que diz respeito ao excesso. Há muito de tudo: os objetos entulham o sujeito, soterram-no e talvez venham a aniquilá-lo. Paralelo a esse fato, temos uma sucessão de “mortes” súbitas e aceleradas, de substituições imediatas, de intermináveis reinícios. Floresce, por toda a parte, a indústria da remoção de dejetos: tudo é descartável, substituível e, quando substituído, logo será substituído de novo. Talvez possamos pensar em certa penúria afetiva e nos indagar sobre nossa participação no reposicionamento subjetivo desses novos sujeitos.

Vivemos também o tempo do imediato. Nosso mundo é veloz e disforme, segundo Bauman (2007), que prefere chamá-lo não só de moderno, mas de líquido-moderno já que se caracterizaria pela fluidez, pela superficialidade e pela imprudência. As emoções fluidas transformariam a vida em uma experiência rápida e sem profundidade; as alianças são transitórias e as verdades mudam aceleradamente. É uma vida em turbilhão, as existências desaparecem em constante e célere movimento. Ser e já não ser mais: eis o ritmo do mundo em que vivemos. Nada é feito para durar, nem os objetos nem as relações.

A velocidade da informação relativiza tudo, todos os princípios: o processo de mundialização utiliza como ferramentas as máquinas de comunicação e de informação. O tempo virtual opera uma abolição do passado e uma pulverização do futuro. A mídia e a informática funcionam ininterruptamente, dando ao tempo outro sentido. A internet e a televisão não dormem, assim como as bolsas de valores do Ocidente e do Oriente, que se revezam criando atividade incessante, um jogar sem fim. Não há, se quisermos, desligamento, desconexão, intervalo. Ao excesso, se soma o acesso, acesso ininterrupto a tudo aquilo que acontece, aqui e alhures. A distância já não conta, não é mais obstáculo à imediatez das informações. Nosso tempo é também marcado pela impermanência e pela fugacidade: todos os objetos que se oferecem a nosso consumo têm curtas validades, aí incluídos os vínculos com outros sujeitos. Existe uma não durabilidade a priori. Ao consumo desenfreado, some-se o lixo, o dejetos.

Vivemos a cultura do repasse e do descarte. Repassa-se para o outro toda e qualquer responsabilidade – o que pode resultar em um eclipse do sujeito – e preparam-se os sujeitos para uma perda indolor, posto que inexorável. Já que tudo dura tão pouco, já que se perde mesmo tudo, então que se sofra o menos possível com esse acontecimento.

O intervalo entre o desejo e sua realização está cada vez menor, o que aumenta a frequência da passagem ao ato. Não há quase mediação entre moção e ação: o agir substitui o pensar, o adiamento é evitado. Sendo o sujeito entendido, depois de Freud, como um permanente e puro devir, ele muda com os

Suelena Werneck

tempos, é certo; trata-se de uma narrativa dentro de uma temporalidade, sem feitiço acabado. E o que fazer com essa oposição tão radical entre rapidez vertiginosa e a magia lenta, como Freud classificou a psicanálise? O signo de nosso tempo é a anulação do intervalo, a espera é indesejada: eis aí um impasse à prática psicanalítica.

Pensei na uva sem caroço como ilustração do que temos pela frente. A tecnologia, através de modificações genéticas, abreviou o tempo entre o pegar a uva e engoli-la. O intervalo se abreviou e acabou por se extinguir: nada mais adia o prazer, ou o consumo, hoje em dia. O que ainda poderia haver de natural na natureza da uva foi eliminado, subvertido pela técnica, a grande portadora da rapidez, da velocidade. A tecnologia moderna incita a voracidade, nada se interpõe ao desejo e sua satisfação, nem o mínimo obstáculo que é o caroço, aquilo que posterga por segundos a incorporação, o devoramento. Não há obstáculo nem limite, menos ainda permanência, tudo se conclui ao se engolir a uva sem caroço. A oralidade e a incorporação que, em última análise operam defensivamente para apagar a diferença entre eu e não eu, se tornaram signos de nossa relação com o mundo.

Se consciência é qualidade e se pensamos o tempo não espacializado também como pura qualidade, produzido, seguindo Freud, pela descontinuidade do período, modo de apreensão da realidade pelo aparato anímico, a quebra do período, a anulação da descontinuidade, seu aniquilamento, produziriam o *continuum* adequado ao acesso ininterrupto e a um estado de coisas sem falta, ou melhor, com o

que poderia faltar obturado pela enxurrada de oferta, pelo excesso. Seriam os tempos do mais, sempre mais.

O tempo do analista é o tempo da prontidão e o tempo da análise é o tempo da narratividade. Analista atento não é o mesmo que analista hábil. Nossa prática é da linguagem não propositiva, sem função judicativa. O sujeito se expõe; o analista não se impõe, tampouco se opõe nem propõe. Experiência analítica é travessia, momento de passagem, experiência, quantificada no tempo espacializado, mas atemporal por seus efeitos. É criar uma espessura secundarizante e problemática, capaz de lançar aquele sujeito, que se mostra empacado no seu fixo sintomático, no terreno da equivocidade. A análise, uma vez terminada, começa seu próprio tempo, um tempo auto, esse sim interminável, como o tempo finito da vida. Como poderá a prática psicanalítica enfrentar os impasses trazidos por essa nova temporalidade e essa nova modalidade existencial, magia lenta que é? Como lidar com a pressa, a anulação do intervalo, em que a espera é indesejada já que trabalhamos com o vestígio, a impressão, a lembrança, em suma, o esquecimento, o passado? Como pensar, nos dias de hoje, e com que instrumentos, o sujeito considerado como processo inacabado, do *Wo Es war*, puro devir?

As identidades tornaram-se mais voláteis e não sabemos se a psicanálise tem como apreender esse novo homem; talvez para isso ela deva se constituir uma disciplina aberta, também sem feitiço acabado. Talvez ela tenha que se propor ao questionamento das instituições, a um novo arranjo ou a uma

Suelena Werneck

lateralização dos instituídos e reposicionar, agora na frente da cena, os instituintes, os devires. A experiência, como sabemos, é relacional e é a garantia afetiva apresentada pelo analista o que disponibiliza os vínculos capazes de fazer consistir um novo território existencial.

Tramitação:

Enviado em: 28 de maio de 2010

Aprovado em: 26 de julho de 2010

Suelena Werneck Pereira

Av. Epitácio Pessoa, 4000 – apt. 301
Lagoa, Rio de Janeiro – RJ –
CEP 22471-003

Fones: (21) 2539-6912 cons. (21) 2539-7091 fax
(21) 9944-2193

Email: suelena@uol.com.br

Referências

BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERGSON, H. Durée et simultanité. In: *William James, Bergson, Coleção Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

BRANDÃO, J. *Mitologia grega*, 1. Petrópolis: Vozes, 1987.

DERRIDA, J. *Mal d'archive*. Paris: Galilée, 1995.

FREUD, S. La etiología de la histeria. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 3 Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Trabalho original publicado em 1896).

_____. Fragmentos de la correspondencia con Fliess. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Correspondência original do período 1892/1899, publicada em 1950).

_____. La interpretación de los sueños. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 5. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Trabalho original publicado em 1900).

_____. Psicopatología de la vida cotidiana. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 6. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Trabalho original publicado em 1901).

_____. Introducción del narcisismo. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Artigo original publicado em 1914).

_____. Lo inconciente. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Artigo original publicado em 1915).

_____. Más allá del principio de placer. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Trabalho original publicado em 1920).

_____. Notas sobre la “pizarra mágica”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Artigo original publicado em 1925)

Suelena Werneck

_____. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 22. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Trabalho original publicado em 1932).

_____. Proyecto de psicología. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 1. Buenos Aires: Amorrortu 1989. (Trabalho original publicado em 1950 e escrito em 1895).

_____. Esquema del psicoanálisis. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Trabalho original escrito em 1938 e publicado em 1940)

KANT, I. *Crítica da razão pura*. In: Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KATZ, C. S. Formação e menoridade: novíssimas notas. In: *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, ano XVI, número 8, 1994.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Resenhas



Criança na psicanálise: clínica, instituição, laço social
The child in psychoanalysis: clinical care, institution, social bond

Ângela Vorcaro

Suely Marques

O tempo e o cão – a atualidade das depressões
Time and the dog – depression nowadays

Maria Rita Khel

Paulo Cesar Junqueira

O animal agonizante

The dying animal

Philip Roth

Luiz Felipe Nogueira de Faria

Tempus fugit (O tempo foge)

Time escapes

Rubens Alves

Virgínia Heine



resenha

***Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço Social.
The child in psychoanalysis: clinical care, institution,
social bond***

VORCARO, Ângela. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999

Suely Marques*

Psicanalista membro da Association Freudienne Internationale, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, a autora propõe neste livro questões fundamentais para a análise de crianças que, a meu ver, se ampliam para a clínica psicanalítica como um todo.

O conjunto de textos apresentados vem dividido em seis capítulos que se subdividem, abrindo e aprofundando pontos como Holófrase e seus destinos, transferência, interdisciplinaridade na clínica e o discurso psicopedagógico.

* Psicanalista; Membro Efetivo e Supervisora/SPCRJ; Docente / Curso de Especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica/UGF

Suely Marques

A autora inicia apresentando questões sobre a clínica com crianças; o quanto de “insuportável” ela pode ser, e o quanto ela traz de fundamental para a formação de analistas. A dificuldade maior estaria, sobretudo, no acolhimento necessário, que deve ser extremamente cuidadoso para que não se repita uma indiferenciação na posição em que a criança se oferece. “Trata-se de acolher a criança sem gozar à sua custa, e sem se colocar como objeto de seu gozo”.

O trabalho com a criança incide sobre a estrutura e sua transmissão. A leitura a ser feita recai sobre a relação estabelecida com a alteridade. As questões se desdobram em: qual o sentido, que marcas servirão como balizadores para seu deciframento?, Abrindo para a criança uma possibilidade de encontrar meios para emergir do mergulho simbólico que a constituiu.

Tal situação convoca o que há de mais singular no analista. “Analisar uma criança concreta [...] implica o reencontro do real do gozo irredutível do sujeito: o infantil imperecível que repete seu traço no fantasma, como objeção ao saber”.

Para criar uma possibilidade de deslocamento da criança desta posição que a constitui é fundamental a compreensão das modalidades de amarração e desamarração do Real, do Simbólico e do Imaginário. Se a leitura está apoiada nas possibilidades de subjetivação é necessário que tenhamos, de maneira clara, as operações de alienação e separação do sujeito.

Ângela desenvolve estas operações no primeiro capítulo, objetivando criar uma direção para o

trabalho com “crianças que se situam no limbo entre o ser vivo e o sujeito”.

Alienação e separação são duas operações fundamentais na constituição subjetiva, elas “classificam o sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro”. O *infans* se aliena para constituir-se, mas a esta operação é necessário que advenha a separação, para que ele não sucumba ao Outro. Nestas operações estão implicados a linguagem, a falta, o desejo, que apontam para “as modalidades nas quais o Outro incide e ganha estatuto para o ser”. Ângela propõe que pensemos a série Autismo = Psicose = Debilidade = Fenômenos Psicossomáticos a partir da posição da criança em relação ao Outro.

Neste ponto ela se pergunta o que se passa em cada um dos elementos desta série, abrindo um horizonte em relação às situações que encontramos na clínica. Daí advém uma questão importante – “Em que as operações de alienação e separação podem nos orientar na clínica?” Em resposta, uma mudança de posição em relação ao trabalho – do lugar da espera para a intervenção, para o corte, para uma hipótese diagnóstica que aponta para uma estrutura não decidida. Ponto que abre para a criança possibilidades reais de mudança de lugar diante do Outro.

No capítulo subsequente a autora aborda a transferência na clínica com crianças. Para tal, traça um caminho que parte da trama tecida pelo Real, Simbólico e Imaginário até as operações que estão implicadas na interpretação (tradução, transcrição e transliteração). Tudo isto apoiado na “incidência do fantasma e no sintoma na criança”.

Suely Marques

Como questão – as possibilidades de reconhecimento nas manifestações concretas de uma criança, sua condição de estruturação subjetiva. Ângela parte da premissa de que a criança está mergulhada em uma rede de linguagem que enlaça “um organismo irreduzível, uma articulação de significantes e uma consistência ideal“. Continua dizendo que “a superposição do organismo à posição simbólica, investida imaginariamente pela alteridade de um agente, produz uma alternância”. Mecanismo que leva a tensão e apaziguamento – presença e ausência se inscreverão em uma “matriz simbólica” que inaugura a possibilidade de subjetivação.

Podendo, assim, distinguir o organismo como algo de real, a alternância entre os termos (tensão e apaziguamento) como simbólico e a consistência dos sentidos em que o agente materno interpreta o organismo como imaginário.

Deste ponto, partem três linhas (RSI) que se entrelaçam produzindo, num movimento de trança, a trama subjetiva de cada sujeito.

No primeiro movimento o real incide na matriz simbólica, encaminhando para um segundo movimento onde a incidência do imaginário recai sobre o real, apontando para a criança uma falta na mãe, movimento que apresenta a incidência do simbólico no imaginário. A criança se depara com a impossibilidade de completude em relação à mãe, inaugurando o quarto movimento, onde há o “esgarçamento real do simbólico”, repetindo a trama do primeiro movimento e preparando a entrada do pai, “estrutura

que repete o segundo movimento, com outro elemento, o recobrimento imaginário do real”. O sexto movimento faz reincidir no simbólico, o que, no terceiro movimento, teve caráter imaginário. Na impossibilidade de a criança ser o falo da mãe, produz-se a metáfora paterna. “A criança pode supor um saber ao pai; aquele que é capaz de dar à mãe o que ela quer”.

Portanto, fica claro que “localizar a criança na temporalidade de sua estrutura é condição primordial de sua abordagem pela psicanálise”. Tal localização nos permite decifrar o que, na e da criança, está entrelaçado com o agente materno, apontando para o fantasma que a inaugura e para o sintoma que a descortina.

Ângela marca que para uma aproximação da realidade psíquica da criança necessitamos de senhas que nos permitirão uma leitura. É neste ponto que a interpretação se desdobra em tradução (pontuação), transcrição (seriação) e transliteração (deciframento).

Então, a segurança do analista está na transferência e sua convicção no *a posteriori*.

Nos capítulos III e IV a autora trabalha a clínica interdisciplinar, questionando “o que se coloca em jogo nessa modalidade clínica? Como ela é abordada? Que operação transferencial permite? Qual o lugar da Psicanálise neste campo?” Aborda ainda as relações entre fonoaudiologia e psicologia, marcando que “os distúrbios da língua testemunham o rastro de um sujeito na singularidade de sua inscrição no laço discursivo”.

Já nos capítulos V e VI ela vai trabalhar as particularidades de adolescentes surdos e seus im-

Suely Marques

passes no interjogo pedagógico. Apontando que seus fracassos estão ligados a vários fatores, como por exemplo, os “efeitos da surdez na relação com a alteridade que ela se confronta, através daqueles que lhe servem de suporte: pais, professores, profissionais, etc.” Considerando que este interjogo permite a saída de uma

[...] linguagem dual, privada, bí-unívoca, caracterizada pela posição de debilidade em que estavam alocados no meio familiar [...] para a língua propriamente dita, submetendo-os não mais às leis dos familiares,[...] mas a outras leis – as da língua.

Para finalizar o discurso psicopedagógico entra em cena possibilitando-nos pensar seu lugar em relação ao discurso psicanalítico.

Ao levar em conta a individualidade do aprendente, a psicopedagogia afasta-se do lugar pedagógico de ensinar-ao-aprendiz, introduzindo na condição de possibilidade do ensinar, a implicação necessária do aprender-com-o-aprendiz [...] afirmando a singularidade subjetiva inscrita no aprender.

Para concluir, faço minhas as palavras da autora:

[...] a posição de analista com crianças coloca a ética da psicanálise em jogo porque, nesse caso, a responsabilidade é outra – trata-se da diferença entre estruturas resolvidas, e o fato de considerar, na

resenha

criança, essa não resolução. [...] Assim, a perspectiva que o lugar da criança assume, na formação dos analistas, vai além da clínica. Trata-se de analisar como o campo discursivo concebe e trata a subjetivação. [...] Trata-se, ainda, de oferecer, aos que se interessam pelo discurso psicanalítico, o testemunho da clínica com crianças. [...] É esta a proposta deste livro.



resenha

O tempo e o cão – a atualidade das depressões¹
Time and the dog – depression nowadays
KHEL, Maria Rita. Boitempo, 2009.

Paulo César Nogueira Junqueira*

**A melancolia e a depressão de Maria Rita Khel
através dos tempos: Esse livro é o Cão!**

Sem dúvida, vale a pena ler.

Se não ficar sabendo tudo sobre a depressão e a melancolia, o que, diga-se de passagem, é difícil, você vai aprender muito Lacan. Maria Rita argumenta lacanianamente em português, o que é uma raridade. Para resumir a história numa frase: o depressivo é aquele que abriu mão do seu desejo. Ou, em outra frase: é aquele a quem a mãe – excessiva – não deu tempo de desejar. Desejar qualquer coisa que faltasse. Mas com uma mãe dessas nada falta e

¹ Este texto é fruto não só da minha leitura individual, mas também de uma outra, conjunta, seguida dos intensos debates que tivemos, Maria Helena Mossé, Cristiane Dib El-Khoury e eu, em nosso seminário sobre As Novas Patologias, em curso na SPCRJ

* Psicanalista, Membro Efetivo/SPCRJ.

Paulo César Junqueira

tudo se torna um grande aborrecimento; consequência: *demissão subjetiva*, como dizia o mestre francês. “Não quero nada do mundo, além de ficar debaixo das cobertas no meu quartinho ao abrigo da mãe”; em todos os duplos sentidos. Outra idéia: quem oferta muito, inevitavelmente, demanda muito. Ou, ainda pior: oferta e demanda são uma coisa só. Mamãe dá tudo, mas você só é *aquilo* que precisa do que mamãe tem para dar. É o fim da picada. Ou é o Cão, como se diz hoje em dia.

Sendo assim a proposta é pensar a depressão diferentemente do que pensa a escola inglesa, onde estaria deprimido aquele a quem faltou algo; ele não teve e por isso se deprime. Aqui, a questão não é a falta, pelo contrário, mas o excesso de oferta. Ou, como diz Maria Rita Kehl, a insuficiência da ausência. Da mãe, claro! Ela está sempre, sempre ali.

E onde entra a Melancolia nessa história? Você terá que ler com muito cuidado para entender. Entra em alguma coisa como um sintoma social, isto é, o Melancólico é aquele que estava em desacordo com o Bem, com os ideais de sua época, aquele que não atingia as metas e, assim, era triste, e fatalista: “nada vai adiantar nada”. O depressivo atual também é alguém que está na contramão destes tempos velozes; ele é devagar quase parando; ele não brilha no mundo do espetáculo; ele não é nenhum sucesso, nenhuma celebridade; ele não goza como todo mundo goza ou quer gozar com as ofertas do mundo pós-moderno. Ele não quer. E assim ele denuncia os tempos em que vivemos, ele despreza as formas de gozo, e ele incomoda e precisa ser curado. Daí toda uma indústria farmacêutica e uma psiquiatria que

não leem protesto no modo de ser do depressivo, mas falta de serotonina e outro que tais. Mas Maria Rita diz que ele é um sujeito, tem uma história, ele não é um cérebro em desarranjo, é um sintoma social, é denúncia, mas é também alguém que sofre e precisa ser escutado. Aí entra a psicanálise na particularidade de cada um, no espaço público do consultório. Público, sim. Leia e verá.

Como sintoma social, mal-estar, a depressão está para a cultura de hoje assim como a histeria estava para a do século XIX e a melancolia para os tempos de antanho. Mas aí as coisas não são tão simples. Elas se equivalem, mas não são a mesma coisa. E além do mais talvez se devesse dizer *As Melancolias*, porque Maria Rita faz um histórico através dos tempos, desde a Grécia Antiga, dos diferentes significados do termo *melancolia* em cada época: há uma melancolia, digamos, grega, uma medieval, uma renascentista, uma mais moderna, uma psiquiátrica que vai se enquadrar na psicose maníaco-depressiva e, como sabemos, uma melancolia freudiana que se opõe ao luto no famoso texto do pai da psicanálise e que não tem nada a ver com as pregressas nem com a depressão de que trata o livro. Freud usou o termo num outro sentido, perpassando-lhe com entendimento do inconsciente, inserindo-o na dinâmica da família nuclear edípica; enfim, abordando-a com conceitos criados por ele que tornaram a melancolia “freudiana”.

O melancólico grego era aquele que se descontrolou na esfera pública, o que era falta grave no desempenho do cidadão na polis, muito mais do que um conflito interno, já que a idéia de um sujeito inte-

Paulo César Junqueira

riorizado só viria muito tempo depois. Na falha ele estava em desacordo com o Bem de sua época e assim perecia, tragicamente, como cabe bem aos gregos. O melancólico medieval era aquele que não conseguia cumprir os ideais ascéticos num mundo dominado pela religião, e cedia aos prazeres da carne; era um *fraco* decaído frente à pureza e à força de renúncia que o colocaria em comunhão com Deus. Sua alma se manchou, e dele não se esperava mais nada. Nem ele mesmo. Já o melancólico renascentista se chocou com um mundo onde Deus começava a cair e as ciências a progredir. Um mundo expandido pelas navegações, pelo olhar instrumental para as estrelas, pelas mudanças tão violentas que já não ofereciam um modelo de grande Outro a que se ajustar. O Melancólico renascentista, já meio sem Deus e cheio de instrumentos, olha para o vazio. O melancólico moderno, me parece, também luta com o tempo, com a velocidade das cidades, com a decepção do cenário político que revoluções como a Francesa não conseguiram transformar. Já no século XIX, a nascente psiquiatria *patologiza* e codifica o que antes era um estado d'alma, um modo de ser que, em certos momentos, se confundia com a genialidade ou o refinamento estético. Ela não diz isso no livro, mas se pode pensar de uma maneira abrangente, e aproveitando algumas idéias de Foucault, se não seria a construção do discurso médico, com foros de verdade verdadeira, que passaria uma grade conceitual por cima dos eventos e construiria códigos de doenças com aquilo que antes era o embate do sujeito com os outros, com a cultura, ou eles mesmos expressões de aspectos dessa cultura que

não podem ser destacados do seu contexto e analisados com conceitos de outra época. Desta forma, as bruxas e feiticeiras medievais seriam históricas para o discurso médico do século XIX; a melancolia, psicose; a libertinagem, perversão; o mal-estar depressão, e assim por diante.

É claro que tudo dentro de suas medidas: uma coisa é alguém não querer gozar com a histeria geral do pós-moderno, outra é alguém não sair da cama. Enfim, os depressivos acusam as mazelas atuais, mas precisam de ajuda até para instrumentar, publicamente, aquilo que sentem. Transformar seu mal em ação, para si e para os outros. A questão é: como tratar sem tirar a força do sujeito, sem pasteurizá-lo.

Mas o livro ainda discute muito mais coisas: o próprio conceito de Tempo em Lacan (dá para entender!), em Bergson, em Walter Benjamin. É a parte mais conceitual do livro, no sentido, digamos filosófico. A primeira e a terceira parte talvez tratem mais propriamente da clínica psicanalítica da depressão.

Outra discussão: seria a depressão uma quarta estrutura? MRK não vai por aí e diz que os depressivos são aqueles que ainda não conseguiram estruturar uma defesa neurótica para a saída do Édipo. Eles recuaram um pouco antes, no momento da escolha da neurose, mas em análise ainda podem chegar lá. O depressivo se eximiu da rivalidade fálica com o pai, e voltou para o colo da mãe. Ela também não destaca isso, mas poderíamos pensar como seria a depressão na mulher, já que temos a impressão que a autora está sempre falando do homem. A

Paulo César Junqueira

depressiva também teria recuado na rivalidade fálica? Pode ser que sim, quando pensamos nas histéricas em sua infundável luta com essa questão.

É curioso, porque o livro tem duas vertentes: a depressão como sintoma social e a depressão como patologia individual. Em sendo a autora uma psicanalista, ela trabalha em consultório com o referencial freudiano e lacaniano e trata de dar uma direção da cura ao sujeito deprimido. Em sendo também, claramente, uma pessoa politizada, bem informada a respeito das questões sociológicas, do mundo pós-moderno ou modernidade tardia, ela lê o deprimido como uma resposta, uma resistência à imposição categórica de GOZE! da atualidade. Talvez um filósofo quisesse ficar só por aí: na força da resistência no sentido foucaultiano do depressivo. Mas o lado psicanalista edipianiza a coisa. São os discursos e a cultura que os produzem, ou vice-versa: os discursos é que produzem os fatos e a cultura. Por exemplo: a mãe do melancólico benjaminiano era excessiva, ou não cabe perguntar uma coisa dessas? Não se vai, por exemplo, psicanalisar o homem grego, ou o medieval, o renascentista, claro. Como bem disse Harold Bloom, Freud psicanalisa um sujeito inventado por Shakespeare. Antes, a alma era outra. A mãe de Baudelaire era excessiva, ou não cabe perguntar uma coisa dessas? Ou a Psicanálise é um sintoma da modernidade?

O livro é muito rico, muito bem escrito, difícil, algumas vezes, e quanto mais se lê melhor fica. Aliás, como as boas coisas da vida: ganham com o tempo. E o Cão? Devia cruzar no sinal!



resenha

Tempus fugit (O tempo foge)

Time escapes

ALVES, Rubem. São Paulo: Paulus, 1990

Virgínia Heine*

Rubem Alves é mineiro de Boa Esperança e tem um jeito muito peculiar de escrever, sem esconder seu sotaque. É um certo modo de ver o mundo e de escolher as palavras para descrever os sentimentos despertados por este mesmo mundo. Minas é um estado rico em tradição e poesia. Não é à toa que sua lista de poetas, músicos, escritores, artistas em geral, é tão grande. Drummond, Guimarães Rosa, Nelson Freire, Autran Dourado, Affonso Romano de Sant'Anna, Maria Clara Machado, Bartolomeu Campos Queirós, Bárbara Heliodora, e tantos outros mais. O mistério mineiro no trato com as palavras, desde a pronúncia – esticando-as ou simplesmente sincopando-as na sílaba final – até sua significação, vem sempre acompanhado de espontânea intimidade.

* Psicóloga Clínica/PUC; Mestre em Letras/PUC –Rio.

Virgínia Heine

Quando pegamos um texto poético de Rubem Alves não temos dúvida, mesmo se não o conhecemos: é mineiro, uai! Ainda que tenha deixado o sul de Minas em 1945, com apenas 12 anos de idade, mesmo assim sua mineiridade, seu espaço da infância, sua memória da família, tudo está em suas crônicas. Tem formação em teologia, foi pastor presbiteriano; mais tarde, nos anos sessenta, durante a ditadura militar, foi denunciado como “subversivo” pela cúpula da própria Igreja Presbiteriana. Refugiou-se nos Estados Unidos, a esta altura casado e com três filhos.

Bem, depois da formação em teologia, dedicou-se a um doutoramento em filosofia, nos Estados Unidos, além da formação em psicanálise, posteriormente, pela Associação Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Sua atividade de escritor, desde obras poéticas, passando pela literatura infantil, até artigos científicos, conta com muito mais de cem títulos. No seu site oficial encontram-se, além de muita prosa, informações sobre sua vida profissional e muitos aspectos de sua biografia.

Tempus fugit reúne 21 crônicas poéticas. Sempre no seu estilo lírico de escrever breves narrativas em que questiona as coisas da vida e da morte. Seria uma espécie de filosofia das questões cotidianas. Mas não são questões quaisquer: são coisas da existência, acompanhadas pelo infinito amor declarado à natureza. Uma espécie de retorno à infância bucólica, compassada pelo carrilhão do relógio que canta o tempo que foge a cada quarto de hora vivida.

A primeira crônica é justamente a do relógio de parede do enorme casarão colonial do avô. Tudo

era demasiadamente grande aos olhos do menino. Tinha medo. A música do relógio só se fazia notar à noite, quando a casa dormia e o relógio acordava. “Eu tinha medo. Hoje, acho que sei por quê: ele batia a Morte” (p. 8). E segue conjecturando sobre o tempo que foge. Tempo marcado pelo relógio da infância. Relógio que deixava o tempo fugir sem pressa, porque contava histórias. O relógio era de um tempo quando ainda havia tempo. Muito diferente do seu relógio de pulso que, aos moldes do relógio do Coelho da Alice, a do país das maravilhas, só serve para avisar que está atrasado.

O livro começa com a percepção de um tempo que foge sem pressa, o tempo da infância, das histórias contadas e inventadas, da imaginação, do contato com a natureza. Tempo da casa do avô, onde até o medo das coisas grandes e distintas compõe o imaginário criativo. A partir daí, segue com suas crônicas que vão contar da disponibilidade de parar, no caminho para o trabalho, simplesmente para contemplar a beleza de um ipê florido; falam do amor, do enamorar-se, da vida com todo o seu esplendor natural.

A temática nuclear do livro gira em torno da polaridade vida e morte. Fala, então, da beleza outonal, da estética da morte, da *erótica das armas*; do quanto a atração pelo poder nos distancia do amor. Discorre sobre seu amor obsessivo pela vida, por existir aqui na terra, dentro de seu próprio corpo, munido de todos os seus sentidos. É justamente este fascínio pela vida que o torna tão atraído pela morte. Por isso diz que precisa de tempo para morrer. Tempo para escrever seu último *haikai*, assim como fazi-

Virgínia Heine

am os samurais japoneses, antes da morte que se anunciava: “O último *haikai* é isto: o esforço supremo para dizer a beleza simples da vida que se vai” (p. 80).

A ordem das crônicas parece ter sido escolhida a dedo. Aliás, como parece ser tudo o que é produzido por Rubem Alves: meticulosamente planejado, pensado, organizado. Ao mesmo tempo, porém, seus temas tanto quanto seu estilo ou a escolha das palavras, tudo é naturalmente espontâneo. Sua poética é feita de palavras que parecem desenhar formas vocabulares em suas narrativas. Seu texto é tão vivo que chega a ser dotado de uma plasticidade quase teatral. Muitas vezes, enquanto lia, tive vontade de deixar que as palavras saíssem alto de minha boca. Cheguei a imaginar Fernanda Montenegro realizando um monólogo no palco nu, apenas com um foco de luz a iluminar o seu corpo de mínimos movimentos. Do mesmo jeito como interpretou “*Dona doida*”, de Adélia Prado. Adélia que, como Rubem Alves, é mineira e a quem ele dedica o livro “*Tempus fugit*”.

Numa circularidade criativa, organiza as crônicas. Parte do tempo da infância que, mesmo sem pressa, foge pelos carrilhões e pêndulos do relógio antigo; caminha pelo amor, pela natureza, pela vida exuberante encontrada na simplicidade; passeia também pela morte, pela tristeza – “A tristeza é sempre bela, pois ela nada mais é que o sentimento que se tem ante uma beleza que se perdeu”(p.74) – pelo outono crepuscular, pelos *haikais* da morte, pelo cemitérios onde se enterram os mortos, pois a “Morte me informa sobre o que realmente importa” (p. 80)

Não, não é mórbido. É que não temos opções. A vida é aquilo que fazemos com nossa Morte. Ou a olhamos de frente e ela se torna amiga, ou fazemos de conta que ela não bate à porta, e ela entra noturna, pela porta da cozinha, para nos ir comendo em silêncio (p. 81).

Até que, na última crônica do livro, fala do atraso de um amigo a um encontro marcado, por causa do velório do tio. Só que esse amigo não demonstra tristeza, muito pelo contrário, já que o tio, falecido aos 82 anos, morreu depois de reencontrar um amor da adolescência. Realizou esse amor em apenas um ano, mas que valeu toda a vida.

Assim se fecha a circularidade do livro: do tempo da infância ao da velhice, em que vida e morte se entrelaçam, o que vale mesmo é o tempo de amar, pois “O amor tem este poder mágico de fazer o tempo correr ao contrário” (p. 108). A escolha da ordem das crônicas sugere a existência de dois tempos: um histórico e outro mítico. O histórico é aquele que se esvai, a cada badalada do relógio. Já o mítico é o circular, que só começa depois da morte, porque é do caos que surge o cosmo, com toda a exuberância da vida. Como a “Glória da manhã”, flor que vive algumas horas do dia para morrer à noite, “*Tempus fugit*” informa que a vida é magnânima quando vivida na dialética com a morte, cuja integração com a natureza é revivida a cada escolha amorosa. Mas da morte substantiva, inevitavelmente criativa, que é bem diferente da ideia da morte banal, circunstancial ou inescrupulosamente subtraída de

Virgínia Heine

sua função primordial como fenômeno de renovação da natureza.

Não a morte que acontece, depois das sete horas de vida, quando a flor já cumpriu o seu destino. Mas a morte que mora na alma dos homens. De que coisas não é capaz uma pessoa que destrói uma flor... (p. 52).

Faz lembrar o “*Pequeno Príncipe*”, de Saint-Exupéry: filosofia pura, transcrita por metáforas que guardam o caráter genuíno e lúdico das crianças.

Mas a manhã seguinte nos reserva uma surpresa. Porque a trepadeira que viu morrer, na véspera, as dezenas de flores que a cobriam, já se havia preparado. E outras tantas se abrem de novo, ao nascer do sol, repetindo a mesma beleza, a mesma tristeza, como se fosse um tema que se renova sem cessar: vida e morte, vida e morte...

Gostaria de poder ser como ela: viver intensamente o momento que me é dado, fiel apenas à beleza que mora em mim (p. 51).

Rubem Alves passeia por um terreno bastante perigoso, porque sua temática transita na linha tênue que separa o poético do banal, o chique do brega. Alguns de seus textos recebem um tom daqueles que costumam agradar aos internautas afeitos às mensagens do tipo autoajuda. Suas metáforas são muito fortes, por isso pode ser considerado um ver-

dadeiro pensador, ainda que corra o risco de tropeçar em clichês. Mas ele caminha bem neste mínimo fio capcioso. Salvo alguns tropeços, em geral sua narrativa é instigante, comovente e sedutora. Às vezes até parece tecer palavras-bailarinas que convidam o leitor a criar suas próprias metáforas poéticas.

Seus textos dialogam com vários autores. Não é incomum seu convite a falas de Nietzsche, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa – por ele mesmo ou pela boca de Riobaldo. Cecília Meireles, Borges, Mallarmé. São vários os escritores, filósofos, poetas, pensadores, conclamados a participar do texto de Rubem Alves, como se fossem personagens dialógicos de sua narrativa. Há também inúmeras referências a músicos, como Vivaldi, Bach, Beethoven.... A calmaria da natureza é comparada à música de Vivaldi; ao passo que um cataclismo provocado por esta mesma natureza misteriosa é comparado à gravidade de Brahms.

As árvores, dantes criaturas tranquilas, agora são formas que se agarram às rochas, suas raízes, dedos crispados à procura de fendas onde se agarrar, sentindo a atração do vazio. Vivaldi ficou para trás, com as vacas, as abelhas, as florzinhas. Agora é Brahms que se ouve (p. 61).

Mas o pensamento filosófico de Rubem Alves não se refere somente às questões existenciais. Seu texto também é político. E adota o discurso do antipoder, como narrativa de vocação amorosa. “Quem está possuído pelo amor não se move bem nas coisas do poder” (p. 67). Parece tentar esculpir

Virgínia Heine

“palavras grávidas”, capazes de incorporar a precisão concisa encontrada na economia linguística subjacente aos *haikais*. Desse modo brinca com a palavra escolhida para descrever coisas da poesia, da política ou do amor. Prevalece uma estética erótica da revelação, que *revela* e *vela* ao mesmo tempo. Garante o mistério da subjetividade. Lugar dialógico e sutil que se cria, longe do modelo engessado do poder e próximo da magia da sedução.

O erótico precisa da presença fugidia de quem se ama. Quem tem perdeu (...) Roland Barthes diz que o erótico é o pedacinho da pele que aparece entre o fim da calça e o começo da blusa. Quase nada é mostrado. Tudo é sugerido. Por essa fresta estreita se abre o mundo infinito da fantasia (p. 65).

O discurso político acaba sendo objeto do poder e da mentira; vazio de reflexão e de desejo. Discurso que parece intolerável a Rubem Alves, que jamais abre mão da vida como exercício de desejo e integração; como reduto da esperança possível.

Ao que parece – não importa o partido – a política sofre de uma perversão coletiva: os políticos só sabem ter o prazer no poder. Claro que falam em coisas do amor. Mas não acreditem. A linguagem não foi feita para revelar, mas para esconder (p. 44).

É crítico em relação à falta de uma política de compromisso social, de uma inspiração mais en-

gajada numa perspectiva ecológica e mais equilibrada.

Penso o povo brasileiro menos como um povo que sofre muito (e sofre), mas como um povo de esperança agonizante. E é por isso que o ouvi repetindo o poeta: Estou cansado... (p. 87).

E lamenta a falta de esperança, em plena agonia mortífera.

Mas quando a esperança se vai a morte se aproxima. O sofrimento perde o sentido. Não mais dores de parto, mas funeral de um futuro que se amava (p. 86).

Nesse sentido, o tom de nostalgia bucólica adquire colorações mais engajadas no trato com a natureza e com a cultura. Renega a disponibilidade etérea das religiões em detrimento do corpo. Ao contrário, ele exalta o corpo vivo, atualizado, presentificado. Sobre *corpus christi* diz: “E nasceu, declarando que o corpo está eternamente destinado a uma dignidade divina. Curioso que os homens prefiram os céus, quando Deus prefere a Terra” (p. 97). Daí reivindicar o prazer da materialidade do corpo e de suas sensações. E, evocando Guimarães Rosa, salienta a importância da travessia do tempo presente. Pois é no ato de caminhar onde se reside uma predisposição à ação dinâmica do amor a si, ao outro e ao grupo social. Pois é esta prática conjugada no gerúndio que irá efetivamente promover transformação, até porque a atualização do tempo se torna pos-

Virgínia Heine

sível mediante o seu posicionamento na linha de Cronos, do antes e do depois. É quando se funda a história, com seu encadeamento de fatos em permanente processo, salvaguardando a memória e o aprendido.

Primeiro foi aquela longa luta, enfermidade mortal, por vinte anos. Mas a esperança continuou viva, e por isso a resistência sobreviveu.

Depois, a súbita esperança do milagre, e o povo rejuvenesceu, saiu para as ruas, falou, cantou, brincou, sonhou e planejou o futuro – uma coisa nova e bonita haveria de ser criada.

Ah, se esqueceram da velha sabedoria que diz que melhora súbita de doente enfermo de morte é mau sinal... (p. 86)

NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO

Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

O artigo, inédito, deverá ser enviado, dentro do prazo estabelecido, em envelope lacrado, endereçado a:

SPCRJ/Coordenação da CPB
Cadernos de Psicanálise da SPCRJ.
Rua Saturnino de Brito, 79 - Jardim Botânico - Rio
de Janeiro/RJ - CEP 22470-030.

O envelope deverá conter, em documentos separados:

- . uma **Folha de Rosto** conforme descrição abaixo;
- . um **Resumo** conforme descrição abaixo;
- . **três cópias impressas** do artigo com **títulos apenas na primeira folha** e *sem qualquer identificação do autor, inclusive nas páginas internas* (notas de rodapé ou de fim, ou referências dentro do texto);
- . um CD (**regravável**) com **três arquivos separados** nomeados: **Folha de Rosto**:... (nome do artigo e os dados descritos abaixo), **Resumo**:... (nome do artigo e apenas os dados descritos abaixo) e **Artigo**: ...(nome do artigo e o artigo propriamente dito).

Orientações gerais

Os trabalhos devem ter no **máximo 14** e no **mínimo 8** laudas, formatadas em:

- . papel A4, letra Times New Roman 12, espaço entre linhas 1,5 cm; alinhamento justificado.
- . margem esquerda com 3,0 cm e direita com 1,5 cm;
- . margens superior e inferior com 2,5 cm;
- . títulos e subtítulos em **negrito**, com maiúscula apenas na primeira letra (título em inglês em *negrito e itálico*).

A **Folha de Rosto** deve conter o título do trabalho e o nome do autor e sua qualificação, endereço completo, com CEP e telefone (e-mail quando houver).

O **Resumo** deve conter **apenas o título do trabalho** (em português e, logo abaixo, em inglês), **resumo** (cerca de 5 linhas) e **palavras-chave**, *abstract* e *keywords*, e ainda, a **data do envio do artigo**.

As folhas internas devem estar numeradas e **sem qualquer informação que possibilite a identificação do autor**; apenas a primeira folha deve conter o título do artigo.

Palavras estrangeiras e tudo que se quiser destacar devem estar em *itálico*; **nenhuma outra forma de destaque deve ser usada no corpo do texto**.

Devem ser utilizadas **notas de rodapé**, com algarismos em arábico.

Citações literais, diretas, de até 3 linhas devem estar contidas entre aspas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

Citações literais, diretas, com mais de 3 linhas, devem ser destacadas, sem aspas, com recuo de 4 cm da margem esquerda, alinhamento **justificado**, fonte **tamanho 11** e **espaço simples** entre linhas.

Orientações quanto à forma de redação das 'REFERÊNCIAS':

Elaboradas de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023 ago./202; 6021 maio/2003; 6022 maio/2003), devem constar no final do texto, em ordem alfabética de sobrenome, com espaço **simples** entre as linhas, e **1,5** cm para a separação entre as referências.

Exemplos:

Um autor (sobrenome em maiúsculas e prenomes, abreviados ou não, e o título grafado em itálico; o subtítulo, não. Somente a primeira letra do título em caixa alta).

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Dois e/ou três autores (nome e sobrenomes – abreviados ou não - dos autores, separados por ponto e vírgula):

BOTELHO, J. E.; CARNEIRO, M. P. F. O estranho passageiro. In: JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ, 5. 2002. Rio de Janeiro. *O primitivo e o psiquismo*. Rio de Janeiro: SPCRJ, 2002. p. 19-25.

Mais de três autores (nome apenas do primeiro autor e a expressão *et al.*, em *itálico*):

GREEN, André *et al.* *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

Capítulo e/ou artigo de livro:

BIRMAN, Joel. Uma dívida impagável. In: ARAÚJO, M. C. de; MAYA, M. C. B. B. (Org.). *Neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Letter, 1992. p. 49-106.

Artigo em periódico científico:

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. *Política e Administração*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.

Capítulo de livro com indicação da data de edição original:

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas, 4). (Trabalho original publicado em 1928).

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos* Rio de Janeiro: Imago, 1976.p 139-165. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18). (Artigo original publicado em 1920).

Trabalho apresentado em evento (Congresso, Jornada, Seminário):

VETTER, I. C. L. Aspectos técnicos no tratamento psicanalítico da depressão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 1., 1969, Caxias do Sul, RS. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 3, n. 1-2, p. 49-75, 1969.

Dissertação e/ou tese:

ARAÚJO, U. A. M. *Máscaras inteiriças Tukúna*: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena. 1985. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1986.

Compiladores, Editores e/ou Organizadores: (Comp.), (Ed.), (Org.):

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Nos documentos em formato eletrônico, ao final da referência, acrescentar:

Disponível em: < (site) www.>. Acesso em:(data).....

Caso necessário, sugerimos consultar:

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte:UFMG, 2007.

Abreviaturas latinas (em itálico):

Apud = citado por, conforme, segundo.

Cf. = *confira ou confronte*.

Et al. = e outros

Et seq. = para não serem mencionadas todas as páginas da obra referenciada (intervalo entre páginas).

Ibidem ou ibid. = na mesma obra.

Idem ou id. = do mesmo autor (quando se trata de diferentes obras do mesmo autor).

Loc. cit. = mesma página de uma obra já citada (no lugar citado).

Op. cit. = na obra citada.

Passim = aqui e ali; em vários trechos ou passagens.

Sic. = assim mesmo, desta maneira (usado para destacar erros gráficos ou de outra natureza).

DIVULGANDO ALGUNS DOS NÚMEROS ANTERIORES

Cadernos de Psicanálise v. 25, n.28, 2009 – MAL-ESTAR NA CONTEMPORALIDADE (380 páginas)

Mergulhado na era digital, rodeado por imagens e convocado por uma sociedade de espetáculos o sujeito contemporâneo desliza por fronteiras pouco delineadas que o conduzem a um mal-estar generalizado. Contamos neste número dos Cadernos com textos que nos ajudam a precisar estas fronteiras e, com tal substrato, pensar a clínica com mais rigor. Os textos em Debate vão desde a prática da clínica até um estudo sobre “a nova forma de felicidade” comentada por Tania Coelho. Esta sessão conta ainda com contribuições de Eliane Segabinazi Moreira, Maria Helena Vasconcellos, David Zimerman e Nahman Armony. O entrevistado deste número foi o psicanalista italiano Antonino Ferro que, lançando mão de respostas precisas, nos permitiu conhecer um pouco mais seu pensamento. Além dos textos e da entrevista contamos com seis artigos que transitam sobre temas que bordejam o mal-estar reinante e cinco resenhas de livros como o de Jean-Pierre Lebrun, Antonino Ferro, Daniel Kupermann, Bernhard Schlink e Rosine Perelberg. Este exemplar além de nos permitir um passeio consistente, abre uma frente importante para pesquisas.

Cadernos de Psicanálise v. 24, n.27, 2008 – LIBERDADE E TRANSGRESSÃO (293 páginas)

Liberdade e Transgressão – duas palavras que ecoam em nossos ouvidos como ícones dos tempos em que vivemos. A SPCRJ propôs uma reflexão sobre as fronteiras delimitadoras entre Liberdade e Transgressão: de corpos, de pensamento, de valores éticos e práticas sociais. Para tarefa de tal magnitude contamos com o apoio de Joel Birman em Genealogia da Transgressão; Daniel Kupermann e Ramon Souza em Ironia, Transgressão e Tragicidade na Neurose Obsessiva; Ana Maria Rudge em Liberdade e a Máquina da Linguagem; e o Núcleo de Família e Casal da SPCRJ em Psicanálise de família: uma clínica transgressora? Affonso Romano de Sant’anna, o entrevistado deste número, nos brinda com seus bem humorados comentários sobre processo criativo, pós-modernidade e globalização. Este caderno conta também com excelentes artigos e resenhas.

**Cadernos de Psicanálise v. 23, n. 26, 2007 – SOLIDÃO
(291 páginas)**

Em tempos tão corridos, tão marcados pela imagem, encontramos o homem só diante do espelho. Espelho este que reflete o desamparo, a incerteza, a instabilidade das escolhas e solidão. Como interlocutores deste tema Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, Ronaldo Lima Lins e o Núcleo de Piera Aulagnier – SPCRJ trazem contribuições preciosas. Resenhas dos livros *Os circuitos da solidão* (Bernardo Tanis), *Elas não sabem o que dizem. Virginia Wolf, as mulheres e a psicanálise.* (Maud Mannoni) e *Somos todos desatentos? O TDA/H e a construção de bioidentidades* (Rossano Cabral Lima) enriquecem de maneira intrigante e instigante as múltiplas reflexões possíveis: algumas abordadas nos artigos que discorrem sobre este e outros interesses. Coroando a edição, uma entrevista cativante com Adélia Prado.

Cadernos de Psicanálise v. 22, n.25, 2006 – ÉTICA E SUBJETIVAÇÃO (355 páginas)

Em tempos de incertezas e de aceleradas mutações políticas e sociais é mais do que oportuna a articulação proposta entre os temas da ética e da subjetivação, bem como a discussão de suas implicações para a constituição do psiquismo e a gestação de valores e costumes na sociedade contemporânea. A questão é analisada em profundidade na seção “Tema em Debate” pelos integrantes do Núcleo Melanie Klein e Autores Neo-Kleinianos/SPCRJ, por Nahman Armony (médico psiquiatra e psicanalista) e por Walter Sztajnberg (advogado). Este número apresenta ainda uma rica entrevista com o psicanalista Elias Mallet de Rocha Barros, além de 11 artigos selecionados pela Comissão Editorial. A resenha de um livro de Tales A. M. Ab’Saber – *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud.*, - editado em 2005 pela Editora 34, de São Paulo (320 p.) completa a edição.

Exemplares desses números, ou de outros anteriores, podem ser adquiridos diretamente na secretaria da **SPCRJ**: Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ, fone (21) 2239-9848.

Visite nosso site: www.spcrj.org.br

Capa

Arte: Maria Helena Lara de Vasconcellos

Finalização: Douglas de Oliveira Rocha (artedoug@gmail.com)

Editoração Eletrônica

Comissão Editorial / SPCRJ

Vera Lucia Vianna (veralucia@oi.com.br)

Revisão Ortográfica

Pedro Henrique Bernardes Rondon

Gráfica

Fábrica de Livros - SENAI-RJ/XEROX/Fundação Gutenberg de Artes Gráficas.

Rua São Francisco Xavier, 417 – Maracanã – Rio de Janeiro/RJ.

Tel: 3978-5328/3978-5329; Fax: 3234-0521

E-mail: flivros@terra.com.br

Assinatura

Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

Nome: _____ _____
Endereço: _____ _____
Bairro: _____ Cidade: _____
CEP: _____ Telefone: _____
E-mail: _____
Assinatura anual – R\$ 55,00 – com porte pago
Volume: _____ número: _____ Ano de Publicação: _____

Para assinar a revista **Cadernos de Psicanálise – SPCRJ** preencha uma cópia desta folha, anexe o comprovante do depósito bancário e envie para o endereço abaixo; ou via fax (21) 2239-9848.

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – CEP: 22470-030.

Dados Bancários:

ITAÚ (341)

Agência 8598

c/c 06355-3

CNPJ – 42.132.233/0001-98